



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Ciências Sociais e Humanas

O *Cyberbullying* no Contexto Português

Ana Manuel Mendes de Sousa Bento

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre na especialidade de
Psicologia Clínica e da Saúde
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Professor Doutor Manuel Joaquim da Silva Loureiro

Covilhã, Outubro de 2011

Resumo

Nos últimos anos, como resultado do grande avanço tecnológico verificado um pouco por todo o mundo, surgiu também uma nova forma de *bullying*: o *cyberbullying*, fenómeno que se constitui como um tipo de agressão praticada através das tecnologias de informação e comunicação. O presente estudo, levado a cabo com o objectivo de caracterizar a natureza e incidência das experiências de *cyberbullying* de jovens portugueses, foi realizado com base numa amostra de 305 estudantes do terceiro ciclo do ensino básico, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, dos quais 50,5% são do sexo masculino e 49,5% do sexo feminino.

Verificou-se uma prevalência significativa de casos de *cyberbullying*, tendo 32,4% dos participantes afirmado já ter tido conhecimento destes casos no meio que os rodeia. Uma percentagem considerável, 21,6%, relatou já ter sido vítima deste tipo de comportamento agressivo e 9,2% já agiu como agressor. Constatou-se existir uma relação entre agressão e vitimização e observou-se que o *bullying* tradicional está relacionado com o *cyberbullying*, tanto no que concerne à sua prática como à vitimização dele resultante. Não se verificaram diferenças significativas relativamente ao sexo ou à idade dos participantes. Foi possível verificar ainda que a maioria das vítimas de *cyberbullying* lidaram com este tipo de agressão de uma forma passiva, e que existe uma relação entre vitimização e agressão e presença de perturbação emocional.

O presente estudo sugere que, tal como em muitos países, o *cyberbullying* em Portugal é já um fenómeno alarmante.

Palavras-chave: *Cyberbullying*, *bullying*, vítima, agressor, tecnologias

Abstract

In the past few years, as a result of the worldwide technological leap forward, a new kind of bullying has surfaced: cyberbullying, a brand of aggression perpetrated through information and communications technology. This study aims to characterize the nature and incidence of the cyberbullying experiences of Portuguese adolescents, using a sample comprised of 305 middle school students aged between 12 and 18 years old, 50,5% of which were male and 49,5% female.

A significant prevalence of cyberbullying cases was verified on this study; 32,4% of the students said they had known about such cases on their surrounding environment. 21,6% of the subjects said they have been victims of cyberbullying and 9,2% has acted as a cyberbully. A correlation between aggression and victimization was verified, as well as between traditional and electronic bullying, both concerning aggression and its resulting victimization. Significant correlations between the gender or age of the subjects has not been disclosed. It was made clear that most victims cope with this type of aggression passively and that there is a significant correlation between aggression, victimization and presence of an emotional disorder.

The present study also suggests that cyberbullying in Portugal is already a striking phenomenon, following a trend verified in many countries.

Key words: Cyberbullying, bullying, victim, aggressor, technology

Agradecimento

Ao Prof. Doutor Manuel Loureiro, pela orientação prestada, pelos conhecimentos transmitidos, pelas sugestões e pela disponibilidade que sempre demonstrou.

À Cláudia, à Mafalda e à Mariana pela partilha, ajuda e sobretudo pela amizade. À Maria, ao João e à Nádia, por me terem acompanhado sempre ao longo deste percurso académico, ainda que de outra forma.

Ao Diogo, por toda a paciência e motivação, por toda a ajuda, por toda a calma, que em muitos momentos não tive, e sobretudo pelo amor, e por estar lá, sempre.

Aos meus pais e irmã pela compreensão, pela paciência, por todo o amor, e por me tornarem, todos os dias, uma pessoa melhor.

A todos, o meu sincero Obrigado!

Índice

1. Introdução	1
2. Enquadramento teórico	3
2.1. Do Bullying tradicional ao <i>Cyberbullying</i>	3
2.1.1. A nova era das tecnologias de informação e comunicação	4
2.2. Cyberbullying	8
2.2.1. Características específicas	10
2.2.2. Os meios utilizados	14
2.2.3. Os tipos de cyberbullying	15
2.2.4. Prevalência do cyberbullying no mundo	16
2.2.5. Os actores do bullying e do cyberbullying	19
2.2.6. Consequências do cyberbullying	22
2.2.7. Prevenção do cyberbullying	24
3. Método	29
3.1. Amostra	29
3.2. Instrumento	30
3.3. Procedimento	34
4. Resultados	37
5. Discussão dos resultados	57
6. Conclusão	71
7. Referências Bibliográficas	75
8. Anexos	81

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Percentagem de cybervítimas, cyberbullies e cyberbully/vítimas por meio de informação e comunicação

Tabela 2 - Percentagem de cybervítimas, cyberbullies e cyberbully/vítimas divididas por meio de informação e comunicação específico

Tabela 3 - Percentagem de vítimas e bullies através do telemóvel, por meio de comunicação

Tabela 4 - Percentagem de vítimas e bullies através da Internet, por meio de comunicação

Tabela 5 - Percentagem de vítimas e bullies por meio de comunicação

Tabela 6 - Relação entre a vitimização e a agressão relativa ao cyberbullying via telemóvel

Tabela 7 - Relação entre a vitimização e a agressão relativa ao cyberbullying via Internet

Tabela 8 - Relação entre a vitimização relativa ao cyberbullying via telemóvel e via Internet

Tabela 9 - Relação entre a prática relativa ao cyberbullying via telemóvel e via Internet

Tabela 10 - Relação entre o tempo despendido com o telemóvel e a prática e vitimização relativas ao cyberbullying

Tabela 11 - Percentagem de sujeitos por sentimento experienciado, na perspectiva da vítima

Tabela 12 - Percentagem de sujeitos por sentimento experienciado, na perspectiva do agressor

Tabela 13 - Relação entre a prática e a vitimização resultante do cyberbullying, quer através do telemóvel, quer através da Internet, por dimensão do BSI

Lista de Acrónimos

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

BSI - *Brief Symptom Inventory* (Inventário de Sintomas Psicopatológicos)

1. Introdução

Ao longo das últimas décadas tem sido dada grande relevância ao estudo do *bullying* tradicional, e grandes esforços têm sido feitos para o desenvolvimento de programas de prevenção deste tipo de agressão, sendo este um fenómeno já amplamente reconhecido por toda a comunidade escolar. Porém, poucos têm noção da ocorrência deste tipo de agressão através de meios de informação e comunicação, fenómeno designado por *cyberbullying*.

Por ser um conceito relativamente recente, existe ainda pouca investigação no que se refere ao *cyberbullying*, embora este seja um fenómeno que afecta cada vez mais indivíduos, devido á rápida proliferação e banalização do uso de meios de informação e comunicação, especialmente por parte dos jovens. A vitimização resultante do *bullying* electrónico acarreta inúmeras consequências negativas para a saúde mental e psíquica dos indivíduos, bem como para os seus relacionamentos interpessoais. Torna-se, assim, urgente fazer uma caracterização da natureza deste fenómeno, relativamente ao contexto português, para que, no futuro, seja possível criar estratégias preventivas para este tipo de agressão.

O presente estudo tem como principais objectivos caracterizar a natureza e ocorrência do fenómeno do *cyberbullying* no contexto português, mais especificamente em estudantes do terceiro ciclo do ensino básico. Com o intuito de aumentar o conhecimento sobre esta temática, esta investigação pretende ainda estudar as possíveis relações entre o *cyberbullying* e variáveis sociodemográficas tais como o género, o ano de escolaridade, ou a média escolar, bem como com os hábitos de uso das tecnologias de informação e comunicação, o conhecimento e uso de estratégias de segurança *online* e o *bullying* tradicional. Para além disso pretende ainda verificar a relação existente entre o *cyberbullying* e a possível existência de perturbação emocional, com o intuito de determinar o impacto psicológico e emocional nas vítimas deste tipo de agressão. Como objectivo final desta investigação pode destacar-se o seu possível contributo para o futuro desenvolvimento de modelos de prevenção e intervenção relativamente ao *bullying* praticado através das tecnologias de informação e comunicação.

Este trabalho pode ser dividido em duas grandes partes: o enquadramento teórico e o corpo empírico. Na primeira secção deste trabalho, correspondente ao enquadramento teórico do tema em questão, abordar-se-á, numa primeira fase, o fenómeno do *cyberbullying*, fazendo a ponte entre o *bullying* electrónico e o *bullying* tradicional e destacando o papel das novas tecnologias de informação e comunicação na prática de comportamentos agressivos. Seguidamente, explicitar-se-á o conceito de *cyberbullying*, os meios utilizados na sua prática, os tipos de *bullying* electrónico existentes, a prevalência deste tipo de agressão a nível mundial, os actores envolvidos neste tipo de agressão, as consequências do *cyberbullying* e as estratégias a adoptar com vista à sua prevenção.

Já numa segunda fase, relativa ao corpo empírico deste trabalho, explicitar-se-á a natureza do presente estudo, bem como a amostra e instrumentos utilizados no mesmo e

todos os procedimentos a este inerentes. Prosseguir-se-á com a apresentação dos resultados obtidos na investigação e com a discussão dos mesmos, estabelecendo uma relação entre os dados recolhidos e outras investigações realizadas no âmbito do fenómeno de *cyberbullying*. Por fim, realizar-se-á uma breve conclusão que pretende ser uma súmula do constatado na presente investigação, fazendo esta referência às limitações do estudo e sugerindo orientações para possíveis pesquisas futuras.

2. Enquadramento teórico

2.1. Do *Bullying* tradicional ao *Cyberbullying*

No final dos anos 70, o norueguês Olweus iniciou o estudo da violência entre estudantes, que se traduz mundialmente pela expressão “*bullying*”. O conceito de *bullying* é específico, claramente definido, e, apesar de partilhar características com a violência escolar, apresenta traços próprios (Hernández-Prados & Fernández, 2006).

Segundo Almeida (1999) não existe um vocábulo ou expressão na língua portuguesa que possa servir de tradução directa para o termo *bullying*, embora alguns autores proponham expressões equivalentes em português. A complexidade em redor do termo reflecte-se na dificuldade que existe em encontrar uma única definição para este tipo de comportamento (Sá, 2007).

Este fenómeno tem sido largamente estudado especialmente entre alunos em idade escolar, embora o *bullying* possa ser encontrado em vários contextos e em diversas faixas etárias (Monks, Smith, Naylor, Barter, Ireland & Coyne, 2009).

O *bullying* é normalmente definido como sendo um comportamento ou acção agressiva e intencional, que ocorre repetidamente e ao longo do tempo, contra uma vítima que não consegue defender-se facilmente (Sharp & Smith, 1994; Smith, 2009), podendo ainda salientar-se que constitui uma forma de abuso baseada num desequilíbrio de poder (Sharp & Smith, 1994). Simplificando esta definição, podemos dizer que este tipo de comportamento ocorre quando um aluno é exposto, de forma repetida e ao longo do tempo, a acções negativas, por parte de um ou mais alunos (Olweus, 2001). Estas acções negativas podem ser levadas a cabo através de palavras (abusos verbais), tais como ameaças, provocações, insultos ou gozo - *bullying* verbal; podem ainda materializar-se sob a forma de contacto físico (bater, empurrar, beliscar) - *bullying* físico; ou ainda, sem o recurso ao contacto físico nem ao uso de palavras, ocorrendo em situações em que os alunos recorrem a gestos ofensivos, quando excluem intencionalmente alguém de um grupo ou ainda quando se recusam a concretizar os desejos do colega - *bullying* indirecto (Olweus, 1993; Smith & Sharp, 1994). Assim, pode-se distinguir *bullying* directo de *bullying* indirecto. O primeiro refere-se ao confronto directo entre um *bully* e uma vítima. Já o segundo, também conceptualizado como *bullying* social, distingue-se do anterior por envolver o isolamento social e a exclusão intencional de um indivíduo de um grupo, constituindo uma forma de *bullying* menos visível (Olweus, 1993).

Tanto os rapazes como as raparigas recorrem de igual modo ao *bullying* verbal, o que não ocorre quando se trata do *bullying* físico, ao qual os rapazes recorrem com maior frequência, e do *bullying* social, mais comum entre o sexo feminino (Coloroso, 2005).

A ocorrência deste tipo de comportamento depende das características psicológicas do potencial agressor, do possível suporte ou convivência dos restantes elementos do grupo

onde este se insere, da resposta da potencial vítima, e do contexto institucional que pode ser propício ao aparecimento deste tipo de conduta (Smith & Morita, 1999).

Os actos de *bullying* são usualmente mais frequentes em contextos dos quais a potencial vítima não consegue escapar, dos quais são exemplos as instituições escolares, já que a frequência escolar é normalmente obrigatória, e alternativas como a mudança de escola ou a educação em casa apresentam grandes obstáculos (Smith & Morita, 1999).

O problema do *bullying* escolar tem sido bastante estudado ao longo das últimas décadas, o que levou a que muitas escolas desenvolvessem programas de prevenção eficazes relativos a este tipo de comportamento agressivo. Este fenómeno é já largamente reconhecido no contexto escolar pelos sujeitos nele envolvidos (professores, administradores, funcionários). Poucos, contudo, têm noção da ocorrência deste fenómeno através de meios de comunicação electrónicos (Li, 2007).

No passado, os estudantes podiam refugiar-se na segurança das suas casas para escapar às situações de *bullying*. O mesmo não ocorre quando falamos do *cyberbullying*. O impacto do *bullying* electrónico não cessa quando os estudantes deixam a escola. Este tipo de agressão invade as suas casas, os seus quartos, e os seus computadores pessoais e telemóveis. Os acontecimentos de *cyberbullying* tornam-se ainda mais insidiosos por poderem ser dirigidos directamente ao indivíduo, onde quer que este esteja, ou através da Internet, onde qualquer um pode observar o sofrimento da vítima (Coloroso, 2005).

2.1.1. A nova era das tecnologias de informação e comunicação

Uma das mais marcáveis mudanças no nosso ambiente social nos séculos XX e XXI relacionou-se com o aumento do impacto dos média na nossa cultura e no nosso quotidiano. Neste novo ambiente, a rádio, a televisão, os filmes, os vídeos, os jogos de vídeo, os telemóveis e a Internet assumiram papéis centrais no dia-a-dia de crianças e jovens, tendo uma influência considerável nos seus valores, crenças e comportamentos (Huesmann, 2007).

O acesso e uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em Portugal sofreu desenvolvimentos importantes, especialmente no que concerne à Internet e ao telemóvel.

Tal como o aparecimento do telemóvel revolucionou a interacção interpessoal no século XX, ao permitir-nos alcançar e comunicar com os outros com uma maior facilidade, as tecnologias de informação alteraram e expandiram drasticamente a forma de comunicação dos indivíduos (Hinduja & Patchin, 2009).

A penetração da Internet na população, ou seja, o número de assinaturas de serviços de Internet existentes na população portuguesa, atingiu 54% no final de 2009, dos quais 53% em banda larga e 36% em banda larga móvel. Já no que concerne à penetração da Internet e da banda larga nos agregados familiares, no primeiro trimestre de 2009, foi de 48 e 46% respectivamente, tendo-se verificado um crescimento de 52% e 135% (mais que dobrou),

respectivamente, de 2005 para 2009. O número de computadores e computadores portáteis também tem aumentado, registando-se uma taxa de penetração nos agregados familiares, no primeiro trimestre de 2009, de 56% e 40%, respectivamente, o que representa um crescimento de, respectivamente, 32% e 217% (mais que triplicou), de 2005 para 2009. Portugal tornou-se, em 2009, no 4º país da União Europeia com maior taxa de penetração de banda larga de alta velocidade na população (8%, o triplo da média da UE). Relativamente à população estudante, 97% e 99% usa, respectivamente, a Internet e o computador, valores que se revelaram superiores aos médios da União Europeia (de 96% e 97%, respectivamente) - resultados que demonstram uma introdução eficaz destas tecnologias de informação e comunicação nas escolas (UMIC, 2010).

Como resultado desta rápida evolução da tecnologia, as crianças e jovens estão actualmente a ser educadas num mundo onde a comunicação através da Internet - usando redes sociais, mensagens instantâneas ou *blogs* -, se sobrepõe ao contacto pessoal, e onde a interacção pessoal ocorre predominantemente através do telemóvel, tido como meio de comunicação dominante na sociedade actual (Hinduja & Patchin, 2009).

Um inquérito realizado a nível nacional, relativo ao uso dos média pelas crianças e jovens em Portugal, demonstrou que 70% das crianças e jovens portugueses usam a Internet. A percentagem de utilizadores dos 8 aos 12 anos é de 57%, subindo para 76,9% nos utilizadores com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos. De entre as crianças e jovens, em Portugal, é a faixa etária dos 13 aos 15 anos que mais utiliza a Internet, com uma percentagem de utilizadores de aproximadamente 84,3% (Cardoso, Espanha & Lapa, 2007).

Os computadores com acesso à Internet permitem aos jovens realizar pesquisas para trabalhos escolares, comunicar com amigos que se encontram distantes, jogar, e realizar inúmeras actividades positivas e de carácter pró-social. A competência e habilidade para utilizar o computador tornou-se crítica e é, actualmente, um factor preponderante para alcançar sucesso a nível pessoal e profissional, para além de ser amplamente exigido aos adolescentes, na sua geração, que sejam competentes aquando do uso do computador, antes de ingressarem no mundo do trabalho (Hinduja & Patchin, 2009).

Actualmente, a população adulta tem uma maior dificuldade em acompanhar as profundas transformações introduzidas na nossa cultura pelos avanços tecnológicos, ao contrário da camada jovem, que já adquiriu habilidades e competências no que diz respeito ao uso do computador, do telemóvel e da Internet, tecnologias que se tornaram complementos dos comportamentos da “vida-real”. Contrariamente aos jovens, os adultos foram impelidos a introduzir esses meios tecnológicos nas suas vidas, considerando-os apenas um suplemento às suas actividades quotidianas (Prensky, 2001 cit in. Hinduja & Patchin, 2009). Actualmente, a maioria dos adolescentes não conheceu uma altura em que não fosse possível realizar pesquisas na Internet, ou comunicar com outros através de meios de comunicação electrónicos. O facto de terem sido educados na “Era da Informação”, conferiu-lhes uma habilidade natural para compreender de que maneira se podem usar os dispositivos electrónicos com um sem número de finalidades (Hinduja & Patchin, 2009).

Paiva (2003) estudou o uso do computador pelas crianças e jovens (que frequentavam o 4º, 6º, 8º, 9º e 11º anos de escolaridade) e concluiu que o mesmo era usado para diversas actividades: para escrever (46%), jogar (43%, percentagem que sobe para 58% quando usado o computador em casa), fazer pesquisas na Internet (44%) e para participar em salas de *chat* (30%). Já Cardoso, Espanha e Lapa (2007) concluíram, no estudo realizado acerca do uso dos média pelas crianças e jovens portugueses, que as actividades mais frequentes realizadas pelos adolescentes aquando do uso do computador e da Internet passam pela troca de correio electrónico (*e-mail*), pela participação em salas de *chat*, comunidades virtuais e *newsgroups*, e pelo contacto com amigos *online* quando se sentem isolados. No mesmo estudo concluiu-se ainda que existe uma heterogeneidade de interesses entre os jovens, no que toca às actividades por eles realizadas na Internet (Cardoso, Espanha & Lapa, 2007).

Um outro estudo, realizado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC, 2008) revelou que das crianças entre os 9 e os 14 anos que usam a Internet, 75% utilizam-na para comunicar (usar o *MSN Messenger* - serviço de mensagens instantâneas), 60,7% para trocar correio electrónico (*e-mail*), 42,5% para publicar fotos ou informação, e 15,4% para comunicar em salas de *chat*. Já em idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos, a percentagem de uso do *MSN Messenger* sobe para 91%, e o uso do *e-mail* aumenta para 75% (ERC, 2008).

Neves (2008) encontrou resultados semelhantes num estudo acerca do uso de redes sociais e programas de conversação *online*, tais como o MSN, o Hi5 ou as salas de *chat*, levado a cabo com 20 crianças dos 8 aos 14 anos. O autor concluiu que de entre estas ferramentas, o Hi5 é uma das mais relevantes, sendo maioritariamente usado para fazer amigos, especialmente entre os mais velhos. No mesmo estudo, concluiu-se que as actividades mais populares, entre crianças e jovens, são a pesquisa de informação como parte do trabalho da escola e os jogos *online*, seguindo-se o uso de mensagens instantâneas (MSN), a participação em salas de *chat* com amigos, a pesquisa de informação sobre assuntos variados, a troca de correio electrónico, o *download* de música, filmes, e outros ficheiros, a partilha de fotos, a publicação de textos *online* ou ainda a criação de blogues ou páginas pessoais, entre outras.

Um estudo realizado em 2008 demonstrou que o uso da Internet nos países da União Europeia tem vindo a difundir-se e a crescer continuamente. O número de crianças e jovens que utilizam a Internet varia consideravelmente entre os países europeus, e apesar de Portugal ainda estar abaixo da média da União Europeia, há uma tendência visível para o uso da Internet por parte de crianças cada vez mais novas (Eurobarometer, 2008), tendência essa que, no caso português, pode ainda sofrer um maior aumento como resultado da aplicação e desenvolvimento do Plano Tecnológico para a Educação (relacionado com a modernização tecnológica das escolas portuguesas) (Amado, Matos & Pessoa, 2009).

Para além dos computadores e da Internet, a maioria dos jovens tem telemóvel, que usa para comunicar - tanto verbal como textualmente (Hinduja & Patchin, 2009).

Um estudo da Autoridade Nacional de Comunicações (ANACOM), que apurou dados recentes relativos ao 3º trimestre de 2010, demonstrou que o uso de serviços de comunicação

móvel (telemóvel) em Portugal foi de 151,7 por 100 habitantes, bastante acima da média da União Europeia (123,2 por 100 habitantes). A taxa de penetração dos serviços móveis em Portugal tem registado um aumento constante durante o ano de 2010, verificando-se uma subida de 3% desde o primeiro trimestre (de 148,7% para 151,7%) (ANACOM, 2010).

Relativamente ao uso do telemóvel pelas crianças e jovens, um estudo em crianças portuguesas dos 8 aos 18 anos demonstrou que 72,8% dos inquiridos têm telemóvel próprio (75,7 das raparigas disseram ter telemóvel, contra 70% dos rapazes); entre a camada mais jovem, com idades entre os 8 e os 12 anos, já 45,9% das crianças afirma ter um telemóvel. A média de idade de posse do primeiro telemóvel por parte dos jovens inquiridos foi de 11,8 anos, notando-se uma tendência para um uso praticamente universal do telemóvel entre os adolescentes (Cardoso, Espanha & Lapa, 2007).

Muitos jovens são integrados numa cultura *online* que é inseparável e indistinta do seu mundo *offline*, enquanto que a maioria dos adultos não consegue compreender este estilo de vida. Geralmente, os adultos usam os computadores e telemóveis para realizar tarefas específicas, ao contrário dos jovens, que consideram estes meios tecnológicos uma parte integral de quase todas as suas actividades quotidianas. A maioria dos adolescentes conecta-se à Internet imediatamente depois de chegar a casa da escola, para verificar as mensagens e comentários deixados na sua página de perfil de determinada rede social, e usa os seus telemóveis para enviar mensagens escritas a amigos a qualquer altura do dia (incluindo, em alguns casos, durante o horário escolar) (Hinduja & Patchin, 2009).

Para além dos benefícios óbvios que advêm do fácil e rápido acesso à informação através da Internet, tais como o seu carácter de entretenimento, e a rapidez de troca de correspondência, a interacção *online* pode ser muito útil na aprendizagem de habilidades sociais e emocionais por parte dos jovens, que constituem competências de vida essenciais. O *ciberespaço* concebe-se como um local para aprender e para aperfeiçoar a habilidade dos indivíduos para exercitar o seu auto-controlo, para se relacionarem com os pontos de vista dos outros com tolerância e respeito, para expressar sentimentos de uma forma saudável e normativa, e para se comprometerem com o pensamento crítico e com a tomada de decisão (Berson, Berson & Ferron, 2002; Berson, 2000 cit in. Hinduja & Patchin, 2009). Para além disso, os adolescentes estão numa fase de negociação de crenças, limites, regras, e objectivos, à medida que descobrem, desenvolvem e apuram a sua identidade pessoal (Calvert, 2002; Erikson, 1950; Turkle, 1995 cit in. Hinduja & Patchin, 2009), e a socialização e a interacção *online* podem contribuir para tal (Hinduja & Patchin, 2009).

Contudo, estes benefícios não podem ser internalizados de uma maneira eficaz se o ambiente de aprendizagem for inóspito para aqueles que se aventuram *online*. Caso os adolescentes se sintam desconfortáveis ao aceder à Internet, ou não estejam dispostos a explorá-la e a tirar partido dos seus atributos positivos, não irão certamente beneficiar de determinadas qualidades desenvolvimentais que outros indivíduos, que dela usufruem, naturalmente adquirirão. Os jovens hesitam em situações sociais, em parte porque receiam ser maltratados, assediados, agredidos e rejeitados. A possibilidade de enfrentar esses

desafios aumenta consideravelmente com a interacção através da Internet, já que esta, bem como os telemóveis e os computadores, proporcionam um ambiente adequado para aqueles com intenções mordazes causarem danos a outros (Hinduja & Patchin, 2009).

O recente aumento do uso de telemóveis, mensagens escritas, *e-mail* e salas de *chat* pelos jovens abriu novos caminhos para a interacção social e conseqüentemente para a agressão e para a vitimização que dela pode resultar. Os meios de comunicação electrónicos não são responsáveis pelo aparecimento, nas crianças, de novas alterações psicológicas, embora tornem mais difícil protegê-las dessas ameaças (Huesmann, 2007).

Enquanto que a comunicação através do computador tem sido estudada intensivamente em diversos campos, a vitimização provocada pelo *cyberbullying* faz parte de uma área de pesquisa relativamente nova, que apenas recentemente foi explorada (Hinduja & Patchin, 2009).

Graças ao aumento da prevalência destes métodos de comunicação electrónicos, os aspirantes a *bullies* reúnem actualmente novos meios através dos quais podem infligir danos a outros. Na medida em que o *bullying* já não se restringe somente a contextos do “mundo-real”, o problema tornou-se mais complexo e é agora mais difícil tentar responder-lhe (Hinduja & Patchin, 2009).

2.2. *Cyberbullying*

O termo *cyberbullying* relaciona-se com outros constructos similares tais como *bullying online*, *bullying* electrónico, ou assédio através da Internet. Várias definições de *cyberbullying* foram versadas na literatura, muitas das quais derivaram das definições de *bullying* tradicional.

Para Smith, Mahdavi, Carvalho, Fisher, Russel e Tippett (2008), o *cyberbullying* é um acto agressivo e intencional, levado a cabo por um individuo ou grupo, repetidamente e ao longo do tempo, contra uma vítima que não se pode defender facilmente.

Cada uma destas definições faz referência à componente agressiva, hostil ou prejudicial deste tipo de comportamento, que é perpetuada por um *bully* (pessoa que comete o acto de *bullying*) através de um tipo de dispositivo electrónico indeterminado. A distinção entre as definições inclui detalhes dos agentes que estão implicados nessa acção (Smith et al., 2008), e os requisitos para que o acto seja deliberado e intencional, e repetido ao longo do tempo (Patchin & Hinduja, 2006; Smith et al., 2008). Dehue, Bolman e Völlink (2008) sugerem que existem três condições que devem ser satisfeitas para que uma situação seja considerada *cyberbullying*: o comportamento deve ser repetido, deve causar danos a nível psicológico a outrem, e deve ser levado a cabo com intencionalidade (Tokunaga, 2010). Para além destas, outro elemento que deve ser tido em conta na definição de *cyberbullying* refere-se ao facto desse acto ou comportamento ser levado a cabo através de computadores,

telemóveis, ou qualquer outro tipo de dispositivo electrónico, condição que diferencia o *cyberbullying* do *bullying* tradicional (Hinduja & Patchin, 2009).

Com o intuito de unificar as definições inconsistentes presentes na literatura, pode-se definir o *cyberbullying* como sendo qualquer comportamento levado a cabo através de meios electrónicos ou digitais, por indivíduos ou grupos, que enviam repetidamente mensagens agressivas ou hostis com o intuito de prejudicar ou causar desconforto noutros. Pode ainda acrescentar-se ao conceito o facto da identidade do agressor (*bully*) ser ou não conhecida, e ainda a possibilidade de ocorrer através de comunicações electrónicas na escola ou fora dela (Tokunaga, 2010).

Ao contrário do comumente assumido, o *cyberbullying* não se iniciou com o recurso a telemóveis ou à Internet, apesar de actualmente serem estes os meios mais utilizados na sua prática. O simples uso de uma fotocopiadora podia, há algum tempo, ser considerado um acto de *cyberbullying*, já que este era um meio disponível ao qual os adolescentes podiam recorrer para, por exemplo, distribuir fotografias e textos com o intuito de humilhar alguém. Passaram, posteriormente, a usar-se os telefones fixos, que todos possuíam nas suas residências, para realizar chamadas insultuosas, muitas das vezes para uma mesma vítima. Com o aparecimento e uso generalizado do telemóvel, começou-se a recorrer a este meio para enviar mensagens de texto, tirar fotografias e distribuí-las por inúmeras pessoas, e até para filmar agressões. Também a Internet se desenvolveu tornando-se disponível para qualquer pessoa, o que levou a um início do uso conjugado destes dois meios - telemóvel e Internet - para praticar actos considerados agressivos (Pinheiro, 2009).

Segundo Pinheiro (2009) podem então distinguir-se três estádios do fenómeno de *cyberbullying*, de acordo com os meios tecnológicos utilizados na sua prática. O primeiro estádio, designado por *pré-cyberbullying*, define o momento de surgimento do *bullying* electrónico, e traduz-se por uma fase em que os recursos tecnológicos não podiam ainda ser designados pelo prefixo “*cyber*” (por exemplo o telefone fixo e a fotocopiadora).

Com a evolução da tecnologia, e o surgimento do telemóvel, o fenómeno passou a considerar-se o *cyberbullying* propriamente dito, com o nome e características que hoje lhe conhecemos. Os comportamentos agressivos passam então a ser levados a cabo com recurso a mensagens de texto, por este ser um meio rápido e de baixo custo. Os telemóveis sofreram, então, uma evolução e passaram a ter câmaras fotográficas, que começaram a ser usadas para enviar mensagens multimédia, ou para publicar essas mesmas imagens na Internet. Embora poucos jovens tivessem acesso à Internet nessa altura, o seu uso generalizou-se com o passar do tempo e com o avanço da tecnologia, implementando-se até nas escolas, e os telemóveis passaram a ter máquina de filmar. Esta evolução permitiu, então, a transição para o terceiro estádio de génese deste fenómeno, que constitui o *cyberbullying* como o conhecemos actualmente (Pinheiro, 2009).

Os jovens que praticam comportamentos de *cyberbullying* utilizam diversos dispositivos electrónicos para incomodar as suas vítimas, e estão a tornar-se cada vez mais ubíquos. Estes podem recorrer a um computador com ligação à Internet para enviar *e-mails*

ou mensagens instantâneas com o intuito de assediar alguém, publicar mensagens obscenas, insultuosas e difamatórias em páginas *web* ou em redes sociais, ou ainda desenvolver páginas *web* para promover e disseminar o conteúdo difamatório. Podem ainda enviar mensagens de texto maliciosas aos seus alvos através do telemóvel, já que a grande maioria dos jovens possuem telemóvel próprio e levam-nos consigo para qualquer lado. Para além de enviar mensagens de texto difamatórias, os telemóveis são também usados para tirar fotografias e gravar vídeos, criando oportunidades para os *bullies* recolherem conteúdos que possam usar contra outrem. Actualmente, surgiram ainda no mercado inúmeros dispositivos electrónicos portáteis, facto que criou oportunidades adicionais para a recolha de conteúdo que pode ser usado para causar danos a outros indivíduos (Hinduja & Patchin, 2009).

Algumas características das novas tecnologias são bastante vantajosas para as nossas vidas, nomeadamente o facto da portabilidade dos dispositivos electrónicos, que nos permitem ter um acesso contínuo à informação e entretenimento em local. Porém, são também estas características que aumentam a probabilidade destes dispositivos serem explorados para perseguir e maltratar outros indivíduos (Hinduja & Patchin, 2009).

2.2.1. Características específicas

Apesar do *cyberbullying* partilhar muitas características com as formas de *bullying* tradicional, existem algumas particularidades únicas relativamente a esta forma de agressão (Hinduja & Patchin, 2009). Seguidamente descrever-se-ão os atributos singulares do *cyberbullying*, relativamente ao *bullying* tradicional, fazendo uma ponte entre ambos os tipos de comportamento agressivo.

- Anonimato

Os indivíduos que praticam *bullying* através da Internet podem manter-se virtualmente anónimos, tornando-se muito difícil para os jovens determinar a identidade do seu agressor. Um indivíduo pode manter-se anónimo aquando do uso de um computador pessoal ou telemóvel, com o intuito de agredir outro indivíduo, o que o ajuda a libertar-se de pressões sociais, consciência, moralidade e ética. Para além disso, os *bullies* podem sentir-se encorajados quando recorrem a meios electrónicos para levar a cabo actos agressivos, já que é necessária menos energia e coragem para exprimir comentários ofensivos usando um meio de comunicação ao invés das próprias palavras. Palavras e frases maliciosas que um sujeito poderia ter vergonha de utilizar em contexto presencial, passam a ser permitidas quando este está fisicamente distante do seu alvo (Hinduja & Patchin, 2009).

A facilidade associada ao anonimato e a falta de pistas sociais, apenas existentes no contacto directo com a outra pessoa, podem aumentar a persistência e exacerbar a agressão (Dehue, Bolman & Völlink, 2008), para além do *cyberbullying* poder potencialmente atingir

uma audiência mais ampla de sujeitos comparativamente às formas de *bullying* tradicional (Slonje & Smith, 2008; Campbell, 2005). Por exemplo, os e-mails podem ser reencaminhados para todos os contactos dos estudantes e podem ser criados *websites* aos quais milhões de pessoas podem aceder. Para além disso, quando os *bullies* agredem verbalmente outrem, a vítima pode não se recordar de todas as palavras proferidas, enquanto que nos *e-mails* e textos, salas de *chat* e *websites*, o alvo de *cyberbullying* pode ler novamente o que o *bully* disse por diversas vezes. As palavras escritas podem assim parecer mais concretas e “reais” do que as palavras ditas. É de notar ainda que a facilidade para evitar o *cyberbullying* é menor (Campbell, 2005; Li, 2008), já que este pode ocorrer a qualquer altura e em qualquer lugar. No que se refere ao anonimato associado ao *cyberbullying*, este faz com que alguns sujeitos se possam comprometer com este tipo de agressão quando não seriam capazes de praticar comportamentos de *bullying* tradicional (Campbell, 2005).

Porém, é de notar que, ao contrário do *bullying* tradicional, no qual a palavra de um sujeito se pode sobrepor à de outro, no *cyberbullying* há sempre algo que prove a existência do comportamento agressivo e, quase sempre, uma indicação sobre a sua origem. Apesar dos *bullies* se sentirem anónimos ou acreditarem que não podem ser descobertos, torna-se mais fácil investigar incidentes de *cyberbullying* do que de *bullying* tradicional, por existirem sempre evidências da agressão (Hinduja & Patchin, 2009).

- Desinibição

Relacionado com o anonimato está o conceito de desinibição. A desinibição traduz-se numa libertação, por parte de um sujeito, das restrições impostas ao seu comportamento. Esta pode ser positiva, mas pode também tornar mais difícil controlar o comportamento impulsivo, já que as consequências do comportamento inapropriado podem não estar claras para o próprio sujeito. Os *cyberbullies* não têm que lidar com as consequências emocionais, psicológicas, ou físicas imediatas causadas na vítima de *bullying* tradicional. Quando um indivíduo expressa palavras ofensivas relativamente a outro num contexto real, existe o perigo claro do início de um confronto ou da emergência de outro tipo de consequência imediata. Já no ciberespaço, geralmente, não existe nada que indique ao adolescente quão inapropriadas são as suas palavras. A distância espacial entre os indivíduos não permite ao agressor compreender o pleno significado do que acompanha as palavras que escreve. Para além disso, não existe um *feedback* visual imediato (por exemplo a linguagem corporal) que informe o agressor que a vítima está efectivamente a ser prejudicada pelo que foi dito por si. Num contexto de interacção cara-a-cara, este *feedback* tende a instigar a maioria dos agressores a moderar ou a qualificar as suas palavras e a aperceber-se quando estas ultrapassam o limite (Hinduja & Patchin, 2009).

- Falta de supervisão

Existe, no geral, uma falta de supervisão no ciberespaço. As mensagens pessoais enviadas entre utilizadores estão apenas disponíveis para o remetente e o destinatário. Assim sendo, não há ninguém que possa monitorizar ou censurar o conteúdo ofensivo nas comunicações privadas, através do *e-mail*, de redes sociais ou de mensagens instantâneas enviadas através do computador ou dos telemóveis (Hinduja & Patchin, 2009).

Outro elemento a ter em conta é o aumento da presença dos computadores nos ambientes privados que são os quartos dos adolescentes. É notório ainda que os adolescentes têm mais conhecimentos acerca dos telemóveis e computadores do que os seus pais e estão mais habilitados para usar estas tecnologias sem terem a preocupação que um adulto descubra a sua participação no *bullying* electrónico ou o seu envolvimento como vítimas relativamente a este tipo de agressão (Hinduja & Patchin, 2009).

- Natureza viral

Outra característica que torna o *cyberbullying* tão problemático é o facto de que os conteúdos prejudiciais ou humilhantes podem ser enviados para inúmeros sujeitos num curto período de tempo. Apesar de os rumores verbais parecerem espalhar-se pelo meio escolar rapidamente, este processo é gravemente acelerado aquando do uso da tecnologia (Hinduja & Patchin, 2009).

Este facto está relacionado com o conceito de repetição, inerente ao *cyberbullying* (bem como ao *bullying*) e já discutido anteriormente. O *bullying* electrónico pode ser um fenómeno “viral”, na medida em que determinado conteúdo é difundido de um sujeito (a fonte ou criador) para outros, a uma enorme rapidez, resultante do processamento de dados e enorme capacidade de transmissão da informação dos computadores e telemóveis. O conteúdo prejudicial torna-se então praticamente impossível de controlar quando todos os sujeitos o descobrem. A situação é agravada pelo facto do *cyberbullying* não se limitar ao meio escolar e ao tempo lectivo, o que culmina num sofrimento prolongado por parte da vítima (Hinduja & Patchin, 2009). Enquanto que o *bullying* ocorre num lugar e tempo particular, mais frequentemente em meio escolar, o *cyberbullying* pode ocorrer a qualquer hora e em qualquer lugar, o que torna as tentativas de combater este comportamento mais difíceis (Li, 2008).

- O risco de vitimização ilimitada

Os dispositivos electrónicos permitem que os indivíduos contactem outros (tanto com objectivos pró-sociais ou anti-sociais) em qualquer altura e em qualquer lugar. Muitos jovens que sofrem de *bullying* tradicional são geralmente capazes de evitar a contínua vitimização assim que o dia na escola termina. Retiram-se, então, para o seu ambiente, onde se sentem

protegidos, o que lhes confere uma libertação temporária do seu papel de vítima, e que lhes permite recompor-se e reestabelecer-se, para além de ser encorajado por outros, antes de regressarem novamente ao potencial mundo hostil (Hinduja & Patchin, 2009).

Por vezes, os *bullies* são forçados a parar com as suas agressões porque o seu alvo já não se encontra presente. Contudo, os avanços tecnológicos permitem agora aos *bullies* que estes recorram a meios *online* para se infiltrarem nos espaços privados reservados às suas vítimas, contactando-as através de meios electrónicos (Hinduja & Patchin, 2009).

Para além disso, o facto dos jovens não se separarem dos seus telemóveis faz com que estes sejam um alvo permanente de *bullying*. Os adolescentes necessitam de manter o telemóvel ligado para que dele usufruam de uma forma legítima, o que também facultava oportunidade aos agressores para que possam praticar *cyberbullying*, e para que se infiltrem nos locais onde a vítima procura refugiar-se. A coordenação da agressão entre múltiplos *bullies* pode também tornar-se mais fácil, já que esta não está restrita pela localização física dos *bullies* ou das suas vítimas. Mesmo que o alvo tome precauções para não manter contacto com o agressor, este facto não previne uma investida por parte do mesmo. Como tal, o *cyberbullying* aumenta a intensidade do dano interpessoal que ocorre e expande o seu alcance (Hinduja & Patchin, 2009).

Diferentes autores caracterizaram o *bullying* electrónico de diferentes maneiras, classificando-o quer segundo o meio através do qual se pratica este tipo de agressão, quer relativamente ao tipo de comportamento agressivo praticado contra a vítima.

Smith, Mahdavi, Carvalho e Tippett (2006) optaram por classificar o *cyberbullying* segundo o meio através do qual este comportamento é praticado. Sendo assim, dividiram o *cyberbullying* em sete subtipos: mensagens de texto recebidas no telemóvel; fotografias ou vídeos realizados com as câmaras dos telemóveis, que são posteriormente enviadas ou utilizadas para ameaçar a vítima; chamadas telefónicas ameaçadoras; *e-mails* insultuosos ou ameaçadores; salas de *chat* nas quais se agride um dos intervenientes ou nas quais se tenta excluir alguém de um grupo; comportamentos de *bullying* realizados com recurso a programas de conversação *online* (programas de envio de mensagens instantâneas, tais como o *MSN Messenger*); e páginas *web* nas quais se difama a vítima, publicando informações pessoais acerca da mesma, ou se ridiculariza outrem.

Seguidamente, descrever-se-ão os diferentes meios através dos quais se podem praticar actos de *cyberbullying* e explicitar-se-ão os seus mecanismos, conteúdo, e potencial agressivo.

2.2.2. Os meios utilizados

Uma das primeiras formas de *cyberbullying* passava, simplesmente, por um indivíduo enviar *e-mails* a outro, por este último o criticar ou fazer ameaças relativas ao seu bem-estar físico. Hoje em dia, os *bullies* continuam a recorrer ao *e-mail* para difundir informação pessoal ou ofensiva sobre o seu alvo para um grupo amplo de pessoas, de uma forma instantânea. Embora o *bullying* praticado através do *e-mail* possa parecer uma forma de agressão menor, esta pode, de facto, provocar efeitos devastadores na vítima (Hinduja & Patchin, 2009).

- **Salas de *chat***

As salas de *chat* são ambientes *online* onde os indivíduos com interesses comuns se juntam para discutir um assunto ou tópico particular em tempo real. Devido ao anonimato subjacente às salas de *chat*, caso não exista a divulgação de informação pessoal através do perfil associado ao nome de utilizador dos sujeitos, estes surgem como locais onde os indivíduos podem dizer o que pensam livremente, independentemente das consequências ou do impacto que possa ter nos restantes sujeitos (Hinduja & Patchin, 2009).

- ***Blogs*, páginas *web*, e jogos *online***

Já no que concerne aos *blogs*, páginas *web* e jogos *online*, estes também constituem plataformas através das quais se podem praticar comportamentos de *cyberbullying*. Muitos adolescentes têm *blogs* e páginas pessoais, nas quais publicam actualizações relativas à sua vida, experiências, perspectivas e interesses. Estas plataformas vêm normalmente acompanhadas de uma funcionalidade que permite comentários, que podem ser utilizados com o intuito de difamar ou fazer observações ofensivas por parte de qualquer leitor das publicações do *blog* ou página, que discorda dos sentimentos expressados pelo sujeito ou que, simplesmente, tem o intuito de o injuriar. O *cyberbullying* pode ainda ocorrer com recurso a jogos *online*, plataformas às quais os indivíduos se conectam e têm a possibilidade de jogar contra adversários de outras cidades ou até países, e até manter contacto com os mesmos falando através de microfones. Esta tecnologia permite, então, aos adolescentes expressar sentimentos de excitação, descontentamento, ou raiva contra outros com quem estão a jogar. Assim, cria-se a oportunidade de verbalizar afirmações ou insultos, que podem infligir danos emocionais ou psíquicos no alvo deste tipo de agressão (Hinduja & Patchin, 2009).

- **Mensagens instantâneas**

Os programas de envio de mensagens instantâneas, tais como o *MSN Messenger*, o *Google Talk*, entre outros, permitem aos indivíduos comunicar em tempo real com outros

adolescentes através de texto digitado (podendo utilizar imagem ou som - ou ambos - associados ao mesmo). O serviço de mensagens instantâneas é muito popular entre os adolescentes - e mesmo entre os adultos - já que permite que indivíduos que estão geograficamente afastados comuniquem de forma sincronizada e instantânea. As mensagens são enviadas e recebidas quase de forma imediata se o receptor se encontrar também *online*. Estas mensagens podem ser respondidas quando seja conveniente, quer seja no momento ou mais tarde, ou podem mesmo não obter resposta. Os *cyberbullies* recorrem a este meio tecnológico, porque lhes permite enviar mensagens a indivíduos específicos quando estes se encontram *online* em simultâneo - para além de permitir saber se a mensagem enviada foi recebida pelo alvo (Hinduja & Patchin, 2009).

- **Telemóvel**

O *cyberbullying* pode ainda ser praticado com recurso ao telemóvel. Estes meios de informação e comunicação, utilizados para realizar chamadas e enviar mensagens escritas, permitem ao sujeito, para além da comunicação verbal, o envio de mensagens de texto curtas para outros dispositivos móveis, podendo estas ter um conteúdo prejudicial, ameaçante ou perturbador. Para além disso, a maioria dos telemóveis permitem actualmente captar imagens digitais e vídeo, podendo ser utilizados para gravar situações embaraçosas ocorridas a outros indivíduos que posteriormente poderão ser publicadas ou enviadas através da Internet para que estejam disponíveis para quem viajar *online* (Hinduja & Patchin, 2009).

À medida que a tecnologia continua a evoluir, será também possível praticar comportamentos de *cyberbullying*, recorrendo a meios que actualmente nos parecem impossíveis de existir.

2.2.3. Os tipos de *cyberbullying*

Por sua vez, Willard (2005), ao invés de classificar o *cyberbullying* de acordo com o meio através do qual este se pratica, distingue oito tipos de *cyberbullying* relativamente à acção que se realiza:

- “Discussão directa”, ou *flaming*, que consiste em enviar mensagens electrónicas que incluem linguagem obscena, vulgar e forte dirigida a uma ou mais pessoas de forma privada, ou relativamente a um grupo na Internet;
- Assédio, ou *harassment*, que se traduz no envio repetido de mensagens ofensivas, rudes ou insultuosas;
- Difamação, que consiste em criar, enviar e difundir mentiras cruéis ou rumores Willard (2005); ou fingir que se é outra pessoa e enviar ou publicar na Internet material para colocar o outro em apuros ou em perigo, ou ainda danificar a reputação de outrem e a sua relação com os seus amigos (Masias, 2009);

- Roubo de identidade ou imitação, que consiste em pretender ser outra pessoa com a finalidade de enviar ou publicar material na Internet para dar uma má impressão sobre a mesma, coloca-la em situações de risco ou perigo iminente ou até destruir a sua reputação e as suas relações sociais (Willard, 2005; Masias, 2009);
- *Outing*, que constitui uma forma de partilhar, sem permissão, os segredos e informação embaraçosa de alguém, incluindo as suas mensagens ou fotos pessoais (Willard, 2005; Masias, 2009);
- Engano, que passa por utilizar mentiras com o intuito que alguém revele informação secreta ou privada que seja delicada para o sujeito, ou que a sua revelação lhe provoque sentimentos de vergonha. Uma vez obtida, esta informação é divulgada e distribuída publicamente através da Internet (Willard, 2005; Masias, 2009);
- Exclusão, que tal como o nome indica, consiste em actos que se realizam intencionalmente, de forma cruel e especificamente para excluir a vítima ou para a afastar de determinado grupo (Willard, 2005; Masias, 2009);
- *Cyberstalking*, que traduz o acto de perseguir alguém *online*, de uma forma repetida e intensa, e traduz-se na intimidação ou ameaças de dano, bem como em actividades *online* que provoquem na vítima um medo significativo e a façam temer pela sua segurança individual (Willard, 2005; Masias, 2009);

2.2.4. Prevalência do *cyberbullying* no mundo

Um estudo conduzido em 2007 por Hinduja e Patchin (2009), com 1963 estudantes do 6º, 7º e 8º ano de 30 escolas dos EUA, revelou que uma grande percentagem de jovens já experienciaram *cyberbullying*, quer como vítimas (17,3%), com agressores (17,6%), ou como *bully-vítimas* (12%) alguma vez durante a sua vida. Demonstrou ainda que foram as raparigas as que mais praticaram (19% de raparigas contra 16,1% de rapazes) e as que mais foram vítimas deste tipo de comportamento agressivo (20,4% de raparigas contra 14% de rapazes). Os autores verificaram ainda existir uma forte correlação entre o *bullying* tradicional e o *cyberbullying*, no que concerne às vítimas e aos agressores: 42,4% dos estudantes que responderam ser vítimas de *cyberbullying* também relataram sofrer de *bullying* em contexto escolar, e 51,6% dos jovens que afirmaram praticar *cyberbullying* também admitiram praticar *bullying* tradicional (Hinduja & Patchin, 2009).

Kowalski e Limber (2007) concluíram, após um estudo realizado com 3767 alunos do 6º, 7º e 8º ano, pertencentes a 6 escolas do sudeste e do noroeste dos EUA, que 11% foram vítimas de *cyberbullying* pelo menos uma vez nos últimos dois meses, 7% foram tanto *bullies* como vítimas, e 4% cometeram *cyberbullying* contra outrem pelo menos uma vez no mesmo período de tempo. Os resultados do mesmo estudo revelam ainda que $\frac{1}{4}$ das raparigas foram

vítimas de *cyberbullying* nos dois meses anteriores à recolha dos dados, sendo as mesmas as mais afectadas pelo fenómeno. Quanto aos métodos mais utilizados para cometer actos de *cyberbullying*, a mesma investigação destaca as mensagens instantâneas, as salas de *chat*, os *websites* e o *e-mail*. Deve, porém, considerar-se que os resultados deste estudo apenas reflectem as experiências de *cyberbullying* dos jovens durante os dois meses anteriores ao mesmo, não permitindo conhecer a verdadeira frequência deste tipo de comportamento.

Li (2007) levou a cabo um estudo sobre a natureza e dimensão do *cyberbullying* entre adolescentes canadianos, com uma amostra de 177 alunos do 7º ano do ensino básico. Os dados obtidos demonstram que 54% dos estudantes foram vítimas de *bullying* tradicional e mais de ¼ foram vítimas de *cyberbullying*. O mesmo estudo revelou ainda que um em cada 3 estudantes praticou actos de *bullying* e quase 15% praticou actos de *bullying* através de meios de comunicação electrónicos. Dos estudantes inquiridos nesta investigação que afirmaram ser vítimas de *cyberbullying*, a maioria (60%) é do sexo feminino. Li concluiu ainda que 85,5% dos alunos que admitiram praticar *bullying* também foram vítimas, 30% também o praticam *online*, e 27,3% foram vítimas de *cyberbullying*.

A mesma autora conduziu ainda outra investigação sobre a natureza e dimensão das experiências de *cyberbullying* dos jovens, com o intuito de verificar de que maneira o *bullying* tradicional, a cultura e o género contribuem para a agressão e vitimização através das tecnologias de informação e comunicação (Li, 2007). Neste estudo Li (2007) usou duas amostras diferentes: uma amostra canadiana constituída por 264 estudantes e uma amostra chinesa de 197 alunos, ambas constituídas por jovens do 7º ano de escolaridade. A investigação revelou que 1/3 dos estudantes inquiridos já foi vítima de *cyberbullying* (dos quais 21.1% afirmam tê-lo sido mais de 10 vezes) e 18% já praticou este tipo de agressão (tendo 20% destes cometido actos de *cyberbullying* por mais de 10 vezes). Para além disso, mais de metade dos sujeitos afirmaram conhecer alguém que já foi vítima deste tipo de comportamento. Quanto ao género, o estudo demonstrou que os rapazes estão mais envolvidos no *cyberbullying* - tanto como vítimas como agressores ou como *bystanders*.

Um outro estudo realizado no Canadá, por Li e Beran (2007), com uma amostra de 432 estudantes do 7º ao 9º anos de escolaridade, concluiu que grande parte dos estudantes que são vítimas de *cyberbullying* (58%) também o praticam, e também sofrem de *bullying* em meio escolar (56%). Esta investigação revelou ainda que as vítimas de *cyberbullying* tendem a ter um pior desempenho escolar - faltam mais vezes às aulas, apresentam baixa concentração e têm notas mais baixas. Para além disso, no mesmo estudo constatou-se que mais de ¼ dos estudantes da amostra admitiram já ter praticado *cyberbullying* pelo menos uma vez.

Smith et al. (2008) levaram a cabo um estudo sobre *cyberbullying*, com o intuito de verificar a existência de diferenças de género e idade na sua prática, e o seu impacto comparativamente ao *bullying* tradicional. Realizaram dois inquéritos a estudantes de escolas londrinas, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos, ambos distinguindo entre 7 meios passíveis de ser usados na prática do *cyberbullying*. A primeira investigação foi feita com 92 alunos de 14 escolas, com base num questionário acerca do *cyberbullying* cujos

resultados foram confirmados posteriormente através de *focus groups*, com uma amostra de 47 alunos. Já a segunda, realizada com base num questionário aplicado a 533 estudantes de 5 escolas, tinha como objectivo avaliar a possibilidade de generalizar os resultados da investigação previamente efectuada, e analisar de que maneira o *bullying* electrónico se relaciona com o uso da Internet pelos jovens. Os resultados obtidos na primeira investigação relevaram que 6,6% dos alunos foram vítimas de *cyberbullying* frequentemente e 15,6% pelo menos uma ou duas vezes durante a sua vida, sendo os métodos mais escolhidos para esta prática as chamadas telefónicas ou as SMS. Já em contexto de *focus group*, as percentagens obtidas relativamente à vitimização são bastante mais elevadas, variando entre 67% e 100% em diferentes grupos. Apenas no que concerne à segunda investigação, 17,2% dos estudantes afirmaram já ter sido vítimas de *cyberbullying* e 12,5% relataram já ter praticado este tipo de comportamento agressivo, destacando-se como métodos mais comuns as mensagens instantâneas, as chamadas telefónicas e as SMS. Em nenhuma das investigações se verificaram diferenças significativas no que se refere à idade, o mesmo não se passando relativamente ao género, já que o primeiro estudo revelou uma maior probabilidade das raparigas serem vítimas tanto de *bullying* como de *cyberbullying*.

Aricak, Siyahhan, Uzunhasanoglu, Saribeyoglu, Ciplak, Yilmaz e Memmedov (2008) ao conduzir um estudo que pretendia compreender a natureza e incidência do *cyberbullying* em estudantes turcos, com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos (do 6º ao 10º ano de escolaridade) (N=269), concluíram que 36,1% dos sujeitos responderam terem estado expostos a comportamentos de *cyberbullying*, dos quais 23,7% afirmaram ter sido assediados através do telemóvel. A forma mais comum de *cyberbullying* foi o insulto (20,2%), tanto através da internet como através do telemóvel, e a ameaça (18,6% pela Internet e 22,8% através do telemóvel).

Com o intuito de analisar o fenómeno do *cyberbullying* em Espanha, Ortega, Calmaestra e Merchán (2008) realizaram um estudo exploratório e descritivo com base na aplicação de um questionário a 830 estudantes de escolas públicas da cidade de Córdoba, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Os resultados demonstraram que, comparativamente a outros países, a realidade espanhola não é especialmente grave no que concerne ao fenómeno em causa. O estudo concluiu que um em cada 4 estudantes (26,6%) já se envolveu directamente em comportamentos de *bullying* através das TIC, dos quais 3,8% se implicaram neste tipo de comportamento de uma forma severa (1,7% como agressores, 1,5% como vítimas e 0,6% como *bully-vítimas*) e 22,8% de uma forma moderada ou ocasional (5,7% como agressores, 9,3% como vítimas e 7,8% como *bully-vítimas*).

Também Erdur-Baker e Tanrıku (2010) realizaram um estudo com o objectivo de analisar o fenómeno do *cyberbullying* na Turquia, verificando a sua relação com variáveis demográficas e com a presença de sintomatologia depressiva. Utilizando uma amostra de 165 estudantes com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos, os autores verificaram que, relativamente às vítimas de *cyberbullying*, não se encontraram diferenças significativas a nível de género e idade, o que demonstra que independentemente da sua idade ou género,

qualquer estudante pode ser alvo deste tipo de comportamento agressivo. Constataram ainda que a vitimização pode ter como consequência o desenvolvimento de problemas psicológicos.

Um outro estudo realizado por Erdur-Baker (2010), também com estudantes turcos, usou uma amostra maior (N=276) e contemplou uma faixa etária superior à analisada no estudo anterior (Erdur-Baker & Tanrikulu, 2010), constituída por jovens dos 14 aos 18 anos. A investigação concluiu que 32% dos participantes foram vítimas, tanto de *cyberbullying* como de *bullying* tradicional, enquanto que 26% actuaram como agressores. Contrariamente ao estudo anterior (Erdur-Baker & Tanrikulu, 2010), encontrou-se nesta investigação a existência de uma prevalência de género, já que se verificou uma maior probabilidade dos rapazes serem tanto vítimas como agressores, no que concerne ao *bullying* tradicional e ao *bullying* electrónico (Erdur-Baker, 2010).

O estudo realizado por Dehue, Bolman e Völlink (2008), com estudantes holandeses com idades compreendidas entre os 4 e os 18 anos (N=1211), revelou que 16% dos inquiridos já praticaram *bullying* através da Internet e do telemóvel (dos quais 18,6% eram rapazes e 13,4% raparigas), enquanto que 23% dos jovens já foram vítimas desse tipo de agressão, sendo a percentagem de vítimas do sexo feminino significativamente maior do que a do sexo masculino (24,7% e 19,1% respectivamente). Nesta investigação encontrou-se uma correlação entre a prática de *bullying* tradicional e a práticas de *cyberbullying*, tanto no que concerne às vítimas como aos *bullies*. Chegou-se ainda à conclusão que o método mais utilizado na prática do *bullying* electrónico foi, tanto na perspectiva das vítimas como na dos agressores, o MSN (mensagens instantâneas).

2.2.5. Os actores do *bullying* e do *cyberbullying*

O *bullying* é um tipo de comportamento agressivo particularmente imoral, já que é dirigido, normalmente de forma repetida, a uma vítima específica que é incapaz de se defender de uma maneira eficaz (Smith & Morita, 1999). Como já foi referido anteriormente, para que um comportamento seja considerado *bullying*, deve existir um desequilíbrio de poder, ou seja, as partes nele envolvidas devem manter uma relação assimétrica de poder, na qual o indivíduo exposto ao comportamento agressivo tem dificuldade em defender-se e se sente impotente perante o seu agressor (Olweus, 1993). Esta premissa também se aplica no que concerne ao *cyberbullying*.

Qualquer criança ou jovem pode tornar-se um actor do *bullying*, envolvendo-se nele directa ou indirectamente, e assumindo qualquer um dos seus papéis: *bully* - agressor, *bullied* - vítima ou *bystander* - espectador (Sá, 2007).

Assim, o *bullying* pode ser levado a cabo por um único indivíduo - o *bully* - ou por um grupo, podendo o seu alvo ser também um único indivíduo - a vítima - ou um grupo de sujeitos (Olweus, 1993). Para além do papel de *bully* e de vítima, existe ainda um terceiro papel subjacente ao *bullying*: o *bystander*, indivíduo que assiste a este tipo de

comportamento agressivo, ora observando o acto, ora incentivando o agressor ou mesmo juntando-se a ele na agressão, exercendo assim o papel de testemunha ou espectador (Coloroso, 2005).

A criança vítima de *bullying* pode estar numa posição desvantajosa, ser mais nova, menos forte, ou pode simplesmente ser menos confiante psicologicamente. A criança ou crianças agressoras exploram esta oportunidade para infligir danos, ganhando gratificação psicológica, estatuto no grupo de pares, ou, por vezes, ganhos económicos directos, quando retiram dinheiro ou posses à vítima (Smith & Morita, 1999).

Várias investigações serviram de base para traçar um perfil típico das vítimas de *bullying*, e demonstraram que estas apresentam maiores níveis de ansiedade, *stress* e insegurança quando comparadas com outros indivíduos. São também mais prudentes, sensíveis, calmas e apresentam auto-estima e auto-confiança mais baixas, bem como uma visão mais negativa delas próprias e da sua situação (Olweus, 1993, 1995; Sharp & Smith, 1994). Os actos de *bullying* podem levá-las a sentirem-se tristes, infelizes e até culpadas pela possibilidade de terem sido as próprias a despoletar esse tipo de acções. É provável que esta tristeza afecte também o seu processo de aprendizagem e capacidade de concentração. A longo prazo, é mais provável que os indivíduos vítimas de *bullying* se tornem adultos deprimidos. Para além disso, estes comportamentos podem mesmo pôr em perigo a vida das suas vítimas, causando-lhes danos sérios, ou conduzindo, em alguns casos, à sua morte (Sharp & Smith, 1994).

Também os *bullies* apresentam características distintivas dos restantes indivíduos, das quais se destaca a recorrência à agressão dirigida aos pares - característica implícita na própria definição de *bully*. Estes indivíduos apresentam uma atitude mais positiva em relação à violência, recorrendo, habitualmente, a este tipo de comportamento. São caracterizados como sendo impulsivos e têm uma grande necessidade de exercer domínio sobre os outros. Para além disso, apresentam pouca empatia relativamente às vítimas de *bullying* (Olweus, 1993). Estes indivíduos podem ainda continuar a comprometer-se com actos de *bullying* nas suas relações interpessoais futuras (Sharp & Smith, 1994).

Embora não se encontrem implicados directamente na agressão-vitimização, os *bystanders* ou testemunhas, podem contribuir para a prevenção, detenção ou interrupção da agressão, podem optar por não se envolver no comportamento agressivo, ou, por outro lado, podem actuar incentivando a agressão (Hernández-Prados & Fernández, 2006).

Já no que diz respeito ao *cyberbullying*, a maioria dos jovens vítimas deste tipo de agressão são muitas vezes os mesmos que sofrem de *bullying* tradicional, usualmente pelos mesmos motivos. Devido ao prolongamento no tempo e no espaço associado às práticas de *cyberbullying*, podem também existir sinais de alerta adicionais relativamente às vítimas deste tipo de agressão. Estas podem parecer ansiosas, e ter variações de humor inexplicáveis depois de passarem algum tempo *online* ou de usarem determinada tecnologia de informação ou comunicação. É também menos provável que as vítimas de *bullying* electrónico falem

sobre as suas experiências *online*, podendo até começar a evitar que outros tenham conhecimento acerca do uso que os próprios fazem do computador (Willard, 2007).

A maior problemática para as vítimas de *cyberbullying* é a confiança. As situações de *bullying* tradicional permitem habitualmente que a vítima tenha contacto ocular com o *bully* e por aqueles que apoiam as suas acções. Da mesma maneira, as vítimas têm uma melhor oportunidade de saber quem está do seu lado e em quem podem confiar. Já no que concerne à vitimização *online*, a Internet está disponível para todos os estudantes, tornando-se difícil que a vítima tenha a certeza de quem está do outro lado. O anonimato associado ao *cyberbullying* torna as vítimas desconfiadas e inseguras sobre o que se passa à sua volta (Willard, 2007).

Tal como as vítimas de *bullying* tradicional, há uma baixa probabilidade de as *cybervítimas* contarem a adultos acerca da situação agressiva (Fegenbush & Olivier, 2009). Existem estudos que demonstram que 58% daqueles que sofrem de *bullying* electrónico não contam a adultos sobre o sucedido (quer seja aos pais ou a outros) (Juvonen & Gross, 2008). Esta falta de vontade de transmitir a adultos o relato da situação da qual foi vítima, não se deve apenas ao facto de acreditar que estes possam não responder de uma maneira adequada, mas porque temem perder regalias - que lhes seja tirado o acesso à Internet, por exemplo, por parte daqueles que mais as tentam proteger (Coloroso, 2005).

De entre os sinais de alerta manifestados pelas vítimas de *cyberbullying* podemos enumerar: a cessação súbita do uso do computador, o sentimento de ansiedade quando recebe uma mensagem instantânea ou *e-mail*, a raiva ou tristeza sentida depois do uso das TIC, o sentimento de incómodo expressado aquando da ida para a escola ou mesmo em diferentes contextos, o evitamento de conversas sobre as actividades que realizou no computador, e o facto de se tornar involuntariamente afastado de amigos e familiares (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

No que concerne aos *cyberbullies*, os estudos demonstram que os motivos que os levam a praticar *bullying online* são razoavelmente os mesmos do *bullying* tradicional: o poder e a necessidade de dominar ou subjugar outrem. Contudo, o perfil do *bully* está a mudar. O anonimato conferido pelas TIC deu poder aos sujeitos que nunca manifestaram comportamentos agressivos de uma maneira declarada (Fegenbush & Olivier, 2009).

É possível fazer a distinção entre dois tipos de *cyberbully*: os acidentais e os adictos. Os primeiros são podem-se caracterizar por serem aqueles que recorrem às novas tecnologias para gozar com outrem ou usando-as como forma de vingança. Estes sujeitos criam páginas pessoais falsas, trocam imagens íntimas de outra pessoa com amigos, escrevem em *blogs* histórias, entre outros. Para além disso, este tipo de *cyberbullies* não têm perfeita noção do efeito que têm sobre a vítima, praticando estes actos com a intenção de gozar com alguém em determinado momento e não perpetuar este tipo de comportamentos. Já no que concerne aos segundos, os *cyberbullies* adictos, destes fazem parte os *cyberbullies* que praticam esta forma de agressão porque dela conseguem retirar prazer. Obtém algum tipo de sensação

agradável dos actos de *bullying* electrónico que praticam, e estes passam a tornar-se habituais (Pinheiro, 2009).

Os sinais de alerta exprimidos pelos *cyberbullies* podem ser de diferentes índoles, de entre os quais podemos enumerar: este fecha programas ou alterna de ecrã quando alguém passa perto do seu computador, o uso das TIC a horas tardias da noite, o facto de se tornar anormalmente aborrecido se não puder usar as TIC, o riso excessivamente expresso aquando do uso das TIC, o evitamento de conversas sobre que actividades pratica quando está a usar o computador (ou o telemóvel), e o uso de múltiplas contas *online* (de *e-mail*, por exemplo), ou de contas que não são suas (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

A diferença entre o *cyberbully* e a *cybervítima* não é sempre clara. Uma vez que a *cybervítima* se insurge contra o seu agressor, esta deixa de poder ser considerada apenas uma vítima (Willard, 2007). A vitimização pode ser recorrente, e à medida que prossegue, os actores que nela se envolvem trocam continuamente de papéis entre *bully* e vítima (Fegenbush & Olivier, 2009).

Não foi ainda muito estudado o papel do *bystander* no processo de *cyberbullying* (Coloroso, 2003). Este facto pode resultar da difícil definição clara deste papel num incidente de *bullying* electrónico. Os espectadores de um acto de *cyberbullying* não são apenas aqueles que testemunham o desenrolar da situação aquando da sua ocorrência, mas também os que são testemunhas do comportamento agressivo durante vários dias, meses e, possivelmente, anos depois deste ter acontecido, já que, a título de exemplo, as imagens *online* podem assim permanecer por tempo indefinido (Coloroso, 2005).

Para além destes, existem outros intervenientes associados ao *cyberbullying*. Os pais, funcionários da escola, e a própria direcção têm papéis decisivos na compreensão e abordagem dos actos de agressão através de meios de informação e comunicação, por parte de todos os envolvidos (Coloroso, 2005).

2.2.6. Consequências do *cyberbullying*

Mais do que uma questão individual, o *cyberbullying* tornou-se num problema social que acarreta consequências graves para a saúde mental dos indivíduos, causando danos nos seus relacionamentos e estatuto social e, por conseguinte, diminuindo a sua qualidade de vida e saúde (Juvonen, & Gross, 2008). Tal como no que concerne ao *bullying* tradicional, o *cyberbullying* pode acarretar consequências emocionais e comportamentais negativas para as suas vítimas (Whitaker & Bushman, 2009).

O *cyberbullying* pode causar danos psicológicos graves (Feinberg & Robey, 2008) e problemas relacionais durante a infância e a adolescência que comumente resultam em interrupções no funcionamento saudável tanto para aqueles que levam a cabo este tipo de comportamentos agressivos como para as vítimas desses mesmos comportamentos (Perren, Dooley, Shaw & Cross, 2010).

As vítimas do *bullying* tradicional experienciam frequentemente depressão, ansiedade, baixa auto-estima, problemas na concentração, insucesso escolar, para além de sentimentos de rejeição direccionados à escola. Os alvos de *cyberbullying* sofrem de danos psicológicos tanto ou mais do que as vítimas de *bullying*, já que a informação ofensiva pode ser ampla e instantaneamente transmitida e pode ser de difícil eliminação (Feinberg & Robey, 2008). Cerca de 60% das vítimas de *cyberbullying* relatam ser negativamente afectadas, por experienciarem sentimentos de frustração, raiva, ou tristeza (Hinduja & Patchin, 2009). As vítimas de *cyberbullying* relatam ainda o evitamento do uso da Internet, ruminações acerca da agressão de que sofreram, uma auto-estima mais baixa, sentirem-se ansiosas e irritadas, e perderem o interesse por determinadas actividades (Wolak, Mitchell & Finkelhor, 2006).

Os agressores podem permanecer anónimos e o seu comportamento pode ser difícil de travar. O desconhecimento da identidade do agressor pode fazer com que os adolescentes se mantenham hipervigilantes relativamente ao seu contexto social, tanto ao real como ao cibernético, com o intuito de evitar encontros dolorosos. O *cyberbullying* pode ainda acarretar consequências mais graves, quando comparado ao *bullying* tradicional, porque os agressores podem sentir-se protegidos das consequências dos seus actos, e fazer ou dizer *online* o que não fariam ou diriam pessoalmente. Em alguns casos, o *cyberbullying* pode conduzir a uma disfunção severa, violência externalizada e suicídio (Feinberg & Robey, 2008).

Alguns adolescentes são mais susceptíveis às consequências do *cyberbullying* do que outros. Jovens socialmente bem-ajustados e que têm sistemas de suporte familiares e interpessoais saudáveis têm, habitualmente, melhores estratégias de *coping* e melhores habilidades na tomada de decisão. São também capazes de ignorar ou rejeitar os comportamentos de *cyberbullying* de uma forma mais eficaz, e é menos provável que reajam à situação agressiva através de retaliações. Os adolescentes mais vulneráveis tendem a ter menos estratégias de *coping*, relacionamentos interpessoais mais pobres, problemas de saúde mental, e dificuldades familiares. Alguns adolescentes envolvem-se em comportamentos de *cyberbullying* ou tornam-se vítimas deste tipo de comportamento devido a episódios agudos de *stress* emocional (Feinberg & Robey, 2008).

Perren, Dooley, Shaw e Cross (2010) demonstraram, num estudo com estudantes australianos e suíços, que a vitimização resultante do *cyberbullying* representa um factor de risco adicional para o desenvolvimento de sintomas depressivos, e encontraram uma associação forte entre a *cyber*-vitimização e a sintomatologia depressiva, ainda superior à relação desta sintomatologia com a vitimização resultante do *bullying* tradicional. Constataram ainda que esta associação não era moderada pela nacionalidade dos estudantes, o que sugere que esta relação não depende de factores culturais. Concluíram, assim que a vitimização resultante do *cyberbullying* é um preditor da sintomatologia depressiva. Estes resultados sugerem que o *bullying* praticado através de meios electrónicos se associa com um estatuto de saúde mental negativo, de uma forma mais forte do que a vitimização decorrente de formas tradicionais de *bullying*.

Os mesmos autores concluíram ainda que, apesar de serem poucos os estudantes que relataram ser vítimas de *cyberbullying* em ambos os países onde se recolheu a amostra, a tecnologia representa um factor de risco para uma internalização significativamente superior de perturbações em sujeitos que estão implicados tanto em comportamentos de *bullying* tradicional como de *bullying* electrónico. As implicações do seu estudo são de grande relevância, por exemplo para o desenvolvimento de programas de intervenção, e demonstram o impacto negativo associado à *cyber*-vitimização (Perren, Dooley, Shaw & Cross, 2010).

Assim, torna-se urgente abordar as causas e consequências do *cyberbullying* para ajudar na formulação de políticas e no desenvolvimento de programas com o intuito de dar uma resposta a esta problemática (Zhang, Land & Dick, 2010).

2.2.7. Prevenção do *cyberbullying*

Tal como o *bullying*, o *cyberbullying* é um comportamento de natureza complexa, que pode ser causado por vários factores, o que faz com que não exista, também, uma única solução para esse problema (Gomez, 2005). Gomez refere que, não havendo uma única causa nem uma única resolução, torna-se também difícil encontrar uma fórmula ideal e única que tenha como objectivo prevenir tais comportamentos.

Worthen (2007) refere que é possível esboçar um programa de prevenção partindo de um conhecimento profundo sobre as causas e características deste tipo de comportamentos. Um maior acesso a informação sobre as consequências do *cyberbullying* para a vida dos indivíduos, a performance académica e o ambiente escolar podem ajudar os professores e educadores a identificar a causa das dificuldades comportamentais e académicas que assolam as vítimas deste tipo de agressões. A partilha desta informação com os seus pares, assim como com a administração do estabelecimento de ensino e potenciais fontes de financiamento podem facilitar a implementação de um programa de prevenção de *cyberbullying* (Worthen, 2007).

Nos últimos anos, os psicólogos têm sido proactivos no que concerne a dar resposta à violência escolar, promovendo a segurança nas escolas e assegurando nas mesmas serviços de saúde mental (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008). Porém, com base na análise da literatura existente, pode verificar-se que tem sido dada pouca atenção à importância do psicólogo na resposta ao *cyberbullying* (Cook, Williams, Guerra, & Tuthill, 2007). A resposta a este tipo de agressão está intimamente ligada à prática da psicologia e é necessário que se torne numa prioridade nas escolas. O psicólogo tem um papel fulcral na promoção da tomada de consciência acerca do *cyberbullying* e do seu impacto psicológico em crianças e adolescentes. É ainda importante que o psicólogo tome parte na avaliação da prevalência e severidade dos comportamentos de *bullying* electrónico, desenvolva programas preventivos capazes de dar resposta a esta problemática e, para além disso, que planifique intervenções e estratégias a implementar nas escolas, caso estas se tornem necessárias. O psicólogo terá

ainda um papel colaborativo fulcral, juntamente com os restantes funcionários da escola, no desenvolvimento de políticas escolares relativas ao *cyberbullying* (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

A consciencialização acerca do *cyberbullying* e do seu impacto no bem-estar psicológico e emocional de crianças e adolescentes é um passo inicial importante para iniciar a resposta ao problema do *cyberbullying*. Esta consciencialização constitui o primeiro passo para a prevenção. É importante que pais e professores eduquem as crianças e jovens sobre o impacto que as salas de *chat*, as mensagens instantâneas, as mensagens de texto enviadas via telemóvel, e as redes sociais podem ter na sua vida social. A compreensão do papel essencial da tecnologia nas redes sociais das crianças e adolescentes pode promover o *insight*, por parte dos pais e professores, relativamente ao grau em que os estudantes dependem da tecnologia para socializar, e dos potenciais perigos que se associam com tais comportamentos. Já junto dos professores, funcionários da escola e directores, esta consciencialização permitir-lhes-á identificar casos de vitimização e obter o seu apoio relativamente a programas de prevenção futuros que poderão decorrer na escola, bem como desenvolver políticas escolares relacionadas com este tipo de comportamento agressivo (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

Para que tal ocorra, o psicólogo pode recorrer a várias estratégias, nomeadamente a *workshops*, folhetos informativos e panfletos, e formação, dirigidas a professores e funcionários, para promover esta consciencialização em todo o meio escolar. Os recursos de texto fornecem referências úteis que os professores, administradores e funcionários podem distribuir facilmente aos pais e alunos (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

Assim, é fundamental que exista uma colaboração entre o psicólogo, os funcionários escolares e os professores, na educação dos alunos acerca do *cyberbullying* e das estratégias de segurança *online*. O psicólogo pode colaborar com os professores com o objectivo de planear aulas sobre o *cyberbullying*, podendo estas incluir apresentações, actividades, e discussões sobre este tipo de agressão, abordando a definição de *cyberbullying*, os potenciais riscos a este associados, as suas consequências quer para a vítima, quer para o agressor, a importância do uso responsável da Internet e da utilização segura e responsável das redes sociais *online* (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

É ainda fulcral o envolvimento dos pais nas escolas para o sucesso de programas que respondam a determinados problemas ou assuntos que envolvam os estudantes. Para consciencializar os pais acerca do *cyberbullying* podem ser organizadas sessões informativas que abordem o tema e as consequências que este tipo de agressão pode acarretar para os seus filhos. Devem ainda desmistificar-se as ideias pré-concebidas dos pais relativamente ao *bullying*, e clarificar o impacto psicológico que o *cyberbullying* pode ter nos estudantes (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

As crianças e jovens recorrem normalmente a adultos quando experienciam problemas, com o intuito de procurar orientação e apoio. Porém, tal facto não ocorre relativamente a situações de *cyberbullying*, já que as crianças e jovens tendem a considerar o

meio através do qual ocorre a agressão mais vantajoso do que a ajuda de adultos que supostamente os deveriam ajudar (Hinduja & Patchin, 2009).

Assim, é de notar que a postura dos pais é determinante na prevenção do *cyberbullying*. Os comportamentos agressivos estão a ter lugar nas suas próprias casas, através de dispositivos de informação e comunicação que os próprios adquiriram para os filhos. A melhor estratégia que os pais podem adoptar consiste na abordagem directa: falar com os filhos acerca de limites, expectativas, e precauções pode travar muitas situações antes mesmo de elas se iniciarem. Já no que concerne aos pais dos estudantes que são *cyberbullies*, estes deverão ser parte da solução e tomar medidas, nomeadamente, por exemplo, contactar outros adultos que necessitem de ser alertados e conversar sobre a melhor forma de parar estes actos agressivos (Coloroso, 2005).

- **Avaliação**

No que se refere à avaliação, esta deve ser realizada na escola, com o intuito de determinar a prevalência do *cyberbullying*. O psicólogo pode usar um inquérito escolar para determinar a prevalência deste tipo de agressão entre os estudantes. As respostas às questões destes inquéritos, relativas à frequência do uso da Internet, salas de *chat*, mensagens de texto (SMS) e programas de envio de mensagens instantâneas, podem fornecer uma indicação de quanto tempo os estudantes despendem *online* e, assim, se estes podem estar em risco de se envolver em experiências de *bullying* electrónico futuras. Podem ainda constar do inquérito questões que pretendam determinar a prevalência de estudantes que já experienciaram este tipo de comportamento agressivo, entre outras. Este tipo de avaliação pode aumentar a consciência dos estudantes acerca do que não se deve considerar aceitável relativamente a determinado comportamento *online* (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

Esta avaliação não deve ser apenas efectuada aos alunos, mas também aos restantes funcionários da escola, com o intuito de indagar o que é que estes já sabem sobre problemática do *cyberbullying*, se esta é uma preocupação sua e dos estudantes, se têm conhecimento acerca da sua ocorrência no seu contexto escolar e se existe alguma política na escola que aborde este tipo de agressão. Os pais e os professores devem ter noção dos sinais apresentados tanto pelas vítimas como pelos agressores, no que concerne ao *cyberbullying*, e aprender a reconhecê-los e avaliar a sua presença (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

Já no que se refere à prevenção, é fundamental estabelecer um plano de prevenção detalhado que se baseie nas avaliações realizadas previamente na escola (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008). O psicólogo, em colaboração com professores e funcionários da escola devem ter conhecimentos aprofundados acerca de questões que estão exclusivamente relacionadas com o *cyberbullying* (Storm & Storm, 2005), de entre as quais (e em jeito de síntese):

- Compreender o papel da tecnologia na vida dos estudantes e as várias formas de expressão do *cyberbullying*;

- Ter conhecimento acerca dos potenciais perigos do *cyberbullying*;
- Compreender o anonimato subjacente a este tipo de comportamento agressivo;
- Compreender que o âmbito do *cyberbullying* é mais alargado que o do *bullying* tradicional, bem como mais insidioso, alcançando a vítima através de diversos meios e a qualquer hora do dia
- Compreender que os estudantes podem não relatar os incidentes de *cyberbullying* por receio que lhes seja proibido o acesso à Internet ou o uso do telemóvel

Assim, um plano de prevenção direccionado para o *cyberbullying* deve incluir: um reforço acerca do direito dos jovens de se sentirem seguros, tanto na escola como em casa; a definição de *cyberbullying*; uma explicação acerca da forma como ocorre este tipo de agressão; a sua prevalência; o impacto que este tipo de comportamento tem na vítima e de que maneira é levado a cabo pelo *bully*; uma explicação sobre a forma de detectar provas da existência do *cyberbullying*; explicações relativamente a questões legais subjacentes a este tipo de agressão, acerca da necessidade de enfrentar este tipo de comportamento, da necessidade do relato a adultos deste tipo de incidentes por parte das vítimas e da necessidade dos *bystanders* protestarem e, tal como em relação às vítimas, relatarem os incidentes de *cyberbullying*; sublinhar a necessidade de manter a informação pessoal no domínio privado; abordar questões relacionadas com estratégias de segurança *online*; e assinalar a necessidade de respeitar os outros aquando do uso da Internet, para além de fazer um uso responsável da tecnologia (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

Segundo Willard (2007) os *cyberbystanders* desempenham um papel importante na prevenção dos actos de *bullying*. A investigação demonstra que o papel dos amigos - neste caso dos amigos *online*, determina a forma como a vítima reagirá aos actos de agressão no ciberespaço. Se tiver o apoio dos amigos, e estes a defenderem *online* de maneira adequada, é mais provável que esta se sinta menos vitimizada. Desta forma, dar poder aos *bystanders* poderá ser uma estratégia chave de prevenção no evitamento do *cyberbullying*. Ensinando-os como influenciar o meio virtual e como relatar os incidentes a outros, os *cyberbystanders* terão as ferramentas necessárias para decidir que papel querem desempenhar: o de *bystanders* que são parte do problema ou o de *bystanders* que são parte da solução (Willard, 2007).

- **Intervenção**

Apesar da promoção da tomada de consciência, e dos esforços preventivos serem capazes de reduzir o número de incidentes de *cyberbullying*, existe uma forte probabilidade de que este comportamento agressivo ainda possa ocorrer. Um plano de intervenção prudente permitirá encontrar respostas estratégicas e construtivas para tais situações. O psicólogo deve envolver-se activamente na criação de um plano interventivo e na própria intervenção em

casos específicos de *cyberbullying*. As escolas devem estar preparadas para lidar com este tipo de situações, e toda a comunidade escolar pode envolver-se na criação de uma equipa direccionada apenas para este tipo de situações, que actue a partir de procedimentos pré-estabelecidos (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

Para além das intervenções dirigidas para a escola, o psicólogo deve conceber estratégias de intervenção para os próprios estudantes. Estes devem ter um conhecimento acerca destas estratégias prévio às experiências de *cyberbullying*, para que possam saber como agir caso se tornem vítimas deste tipo de agressão. É importante que os jovens tenham conhecimento que não devem retaliar no caso de sofrerem de actos de *cyberbullying*, caso contrário poderão também eles tornar-se num *cyberbully* e prosseguir com o ciclo de agressão-vitimização. Devem sim ser encorajados a guardar provas concretas da existência da situação de *cyberbullying*, e a relatar o incidente a um adulto (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

O psicólogo pode ainda intervir ajudando as vítimas de *cyberbullying* posteriormente à ocorrência deste tipo de comportamentos. Devem, numa fase inicial, realizar uma entrevista com a vítima com o intuito de avaliar o seu estado emocional, para assim determinar a melhor maneira de intervir. Será importante avaliar se a vítima se sente segura no meio escolar e, caso isso não aconteça, o que pode ser feito para alcançar esse sentimento de segurança. O psicólogo poderá ainda agendar uma reunião com os pais da vítima, para que estes tenham conhecimento de como detectar a potencial existência de sintomas de *stress* relativamente ao seu filho e ajuda-los, caso se julgue necessário, a procurar acompanhamento psicológico para os mesmos ou a esclarecer certas questões legais (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

Este auxílio prestado, tanto à vítima como aos pais, ajudará a assegurar que o alvo dos comportamentos agressivos se sinta seguro em contexto escolar. Caso se identifique também o agressor, o psicólogo deve também intervir com este último, tentando determinar o que desencadeou o acto agressivo e se este ainda constitui uma potencial ameaça. O psicólogo poderá ainda considerar importante relatar o incidente aos pais do *cyberbully*, assinalando as consequências de tais actos e enfatizando a necessidade de monitorização do seu filho no que se refere ao uso das tecnologias de informação e comunicação, para além de discutir estratégias que os pais possam por em prática nos seus contextos familiares. Estas estratégias passam pela definição de orientações apropriadas relativamente ao uso da tecnologia, pela monitorização do uso da Internet e telemóvel nas suas casas, a explicação sobre o perigo da partilha de informações pessoais, a manutenção do computador em locais familiares comuns, e a supervisão do uso dos mesmos (Diamanduros, Downs & Jenkins, 2008).

3. Método

O presente estudo, de índole quantitativa, trata-se de um estudo observacional-descriptivo, para além de exploratório, de carácter transversal, e foi realizado com base numa amostra de sujeitos em idade escolar, que frequentam o terceiro ciclo do ensino básico (7º, 8º e 9º anos).

3.1. Amostra

A amostra do presente estudo constitui uma amostra por conveniência, composta por 305 estudantes do 3º ciclo do ensino básico (7º, 8º e 9º ano), com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos ($M=13,46$; $SD=1,109$). Optou-se por seleccionar sujeitos do terceiro ciclo do ensino básico devido ao facto destes estarem a atravessar o período da adolescência, período onde se verifica um aumento da agressão física, quer em frequência quer em intensidade, bem como uma fase de mudança na vida social dos jovens (Pellegrini & Bartini, 2000). Mais especificamente, terceiro ciclo do ensino básico foi ainda seleccionado por, segundo Tokunaga (2010), constituir - juntamente com o segundo ciclo - o período lectivo onde se verifica uma maior presença de episódios de *cyberbullying*.

Apesar da maioria dos sujeitos pertencer ao distrito de Castelo Branco (47,9%), da Guarda (30,8%) e de Aveiro (19%), participaram ainda no estudo jovens dos distritos de Viseu, Porto, Braga e Leiria.

Dos indivíduos participantes no estudo, 50,5% são do sexo masculino ($n=154$) e 49,5% do sexo feminino ($n=151$). 43,3% dos estudantes frequentam o 7º ano, 33,1% frequentam o 8º e 23,6% o 9º ano de escolaridade. A maioria dos alunos obteve uma média escolar de 3 ou 4 valores (44,6% e 38%, respectivamente) no ano lectivo anterior à realização do estudo, e 74,8% dos mesmos afirmou nunca ter repetido um ano escolar.

Mais especificamente, no que concerne às tecnologias de informação e comunicação (telemóvel e Internet), a maioria dos estudantes referiu ter telemóvel próprio (96,7%) e acesso à Internet em casa (94,4%).

Quando questionados acerca dos locais a partir dos quais habitualmente acedem à Internet, 65,9% dos estudantes responderam ter acesso à Internet a partir do próprio quarto, 43% referiram aceder à Internet em casa, mas não desde o quarto, e 50,5% dos sujeitos afirmaram aceder normalmente à Internet a partir da escola. Para além destes, vários alunos referiram ter acesso à Internet a partir da casa de familiares ou amigos (32,5% e 23,6%, respectivamente), da biblioteca da sua localidade (13,4%), ou ainda a partir de cibercafés (4,6%).

Relativamente às actividades realizadas pelos sujeitos quando utilizam a Internet, a maioria referiu usar este meio para jogar (80%), visitar páginas *web* (77%), enviar mensagens instantâneas (77,4%), ou ainda para estudar, fazer *download* de música, filmes ou programas,

e enviar e receber *e-mails*. Uma menor percentagem de estudantes referiu utilizar a Internet para conversar em salas de *chat*, fazer compras *online*, ou realizar outro tipo de actividades (pesquisar para trabalhos, ouvir música ou visitar redes sociais).

A maioria dos estudantes que participaram no presente estudo referiu ter uma boa habilidade para utilizar computadores (63,9%) e afirmou ter conhecimento de estratégias de segurança relativamente ao uso da Internet (84,9%). Apesar da maior parte dos estudantes inquiridos afirmar conhecer várias estratégias de segurança relacionadas com a Internet, apenas uma pequena percentagem referiu tê-las posto em prática na semana anterior ao estudo. A estratégia de segurança *online* mais conhecida pelos sujeitos (79,7%) - “bloquear ou não adicionar *e-mails* desconhecidos” -, foi também assinalada como a mais usada durante a semana que decorreu antes do presente estudo, já que 35,1% dos estudantes referiram tê-la utilizado.

3.2. Instrumento

Para a realização do presente estudo foi elaborado um instrumento de auto-aplicação, anónimo, e estruturado em três secções, com base nos questionários realizados por Smith et al.(2008) e Ortega, Calmaestra e Mora-Merchán (2007), no âmbito de estudos sobre *cyberbullying* da mesma natureza (Anexo 1). Este questionário constitui, assim, uma adaptação dos questionários usados pelos autores mencionados, para a qual se solicitou autorização por parte dos mesmos. O presente instrumento tem um tempo de aplicação total de aproximadamente 20 minutos.

A primeira parte do mesmo corresponde à informação sociodemográfica (idade, género, ano de escolaridade, média escolar, distrito e questões relacionadas com os hábitos de uso das TIC, nomeadamente o telemóvel e a Internet).

Relativamente às perguntas relacionadas com os hábitos de uso das TIC, e tendo por base o estudo de Smith et al. (2008) e o questionário de *cyberbullying* criado por Ortega, Calmaestra e Mora-Merchán (2007), questionou-se os participantes acerca da posse de telemóvel (“Tens telemóvel?”), da presença da Internet nas suas casas (“Tens acesso à Internet em casa?”), dos locais onde habitualmente acedem à Internet (“Onde costumavas ter acesso à Internet?”) - tendo, esta questão, várias opções de resposta, podendo os participantes assinalar mais do que uma (de entre as quais, “No meu quarto”, “Em casa, mas não no meu quarto”, “Na escola”, “Na casa de um amigo”, “Na biblioteca local”, “Num cibercafé”, “Na casa de um familiar” ou “Noutro local”, resposta onde deveriam especificar o mesmo). Seguidamente, e ainda com base nos estudos anteriormente referidos, questionou-se os estudantes sobre as actividades que realizam aquando do uso da Internet (“Para que actividades usas a Internet?”), solicitando que as assinalassem de entre uma lista de opções possíveis (“Visitar páginas *web*”, “Conversar em salas de *chat*”, “Fazer *download* de música, filmes ou programas”, “Jogar”, “Enviar mensagens instantâneas”, “Fazer compras *online*”, “Enviar/receber *e-mails*”, “Estudar”, ou “Outra”, a qual deveriam indicar). Solicitou-se ainda

aos participantes, numa outra questão, que avaliassem a sua habilidade para usar computadores (“Como avalias a tua habilidade para utilizar computadores?”), questão à qual poderiam responder “Nunca usei o computador”, ou caso já tivessem feito uso deste, se consideravam a sua habilidade “razoável”, “boa”, ou “excelente”.

Ainda no que diz respeito aos hábitos de uso das TIC, realizou-se uma adaptação do questionário utilizado por Campos (2009), e inquiriu-se os participantes sobre o número de horas diárias despendidas com o telemóvel, a Internet, com os programas de conversação *online* (MSN Messenger, Skype, Google Talk, ou em salas de *chat*), com jogos *online*, páginas *web* ou blogues, redes sociais, a conversar *online* com amigos ou com desconhecidos, e ainda na perseguição de outros *online*. As opções de resposta variavam entre 0 horas a 5 horas ou mais (0h, <1h, 1-3h, 3-5h e 5h ou +).

Foram ainda realizadas algumas questões relacionadas com o conhecimento e uso de estratégias de segurança aquando do uso da Internet, inquirindo os participantes, primeiramente, se conheciam estratégias de segurança *online*, e solicitando, caso a resposta fosse positiva, que indicassem, a partir de uma lista de estratégias de segurança, quais as que conheciam e quais as por si usadas durante a semana prévia ao preenchimento do questionário.

No que concerne à segunda secção do questionário de *cyberbullying* elaborado, baseada no questionário de *cyberbullying* de Ortega, Calmaestra e Mora-Merchán (2007) e no instrumento realizado por Smith, et al. (2008), esta iniciou-se com uma breve introdução na qual se definiram os conceitos de *bullying* e *cyberbullying*, distinguindo ambos os tipos de comportamento. Seguidamente, foram colocadas aos alunos algumas questões de índole geral sobre *bullying* e *cyberbullying*, e posteriormente outras mais específicas acerca do *cyberbullying*, quer através do telemóvel, que através da Internet.

Depois de ter sido fornecida informação relativa ao *bullying* e *cyberbullying* aos estudantes, realizaram-se algumas questões sobre ambos os tipos de comportamento agressivo.

Inicialmente questionou-se os participantes acerca da existência de situações de *bullying* no seu meio escolar, actuando como espectadores (“Já assististe a situações de *bullying* na tua escola?”), solicitando, caso a resposta fosse positiva, que especificassem a frequência desses acontecimentos (“Não há *bullying* na minha escola”, “Apenas uma ou duas vezes”, “Sim, uma ou duas vezes por semana” ou “Sim, várias vezes por semana”). Ainda adoptando a mesma escala de resposta, a questão seguinte pretendia apurar se os estudantes já teriam sido vítimas de *bullying* no passado, e quando foi a última vez que foram alvos deste tipo de agressão (“Nunca”, “Na última semana”, “No último mês”, “Neste período lectivo”, “No último ano lectivo” ou “Há mais de um ano”).

Seguidamente, questionou-se os participantes sobre a possibilidade de já terem agido como agressores numa situação de *bullying* (“Já praticaste actos de *bullying*?”), questão à qual poderiam responder com “Nunca pratiquei actos de *bullying*”, “Apenas aconteceu uma ou duas vezes”, “Sim, pelo menos uma vez por semana”, ou “Sim, várias vezes por semana”

e, tal como na questão anterior, tentou-se apurar quando foi a última vez que isso aconteceu (“Nunca”, “Na última semana”, “No último mês”, “Neste período lectivo”, “No último ano lectivo” ou “Há mais de um ano”).

A questão seguinte do presente questionário pretendia ainda saber se os participantes tinham conhecimento da existência de situações de *cyberbullying* no seu meio envolvente (“Tens conhecimento de casos de *cyberbullying* no meio que te rodeia?”), devendo estes especificar, através da opção de resposta, a frequência com que esses casos ocorrem (de entre as opções, “Não existem casos de *cyberbullying* à minha volta”, “Apenas aconteceu uma ou duas vezes”, “Acontece uma vez por semana” ou “Acontece várias vezes por semana”).

No que respeita ao *cyberbullying*, realizaram-se várias questões específicas relativas ao *cyberbullying* através do telemóvel e, de seguida, repetiram-se as questões para o *cyberbullying* praticado através da Internet. Ambos os grupos de questões foram precedidos por exemplos de comportamentos de *cyberbullying* através do telemóvel e através da Internet, para uma mais fácil percepção das perguntas subsequentes, por parte dos participantes.

Pretendeu-se, então, saber se os participantes já foram vítimas de *cyberbullying* através do telemóvel ou da Internet (“Quantas vezes foste vítima de *cyberbullying* através do telemóvel/Internet?”), ou se alguma vez agiram como agressores (“Quantas vezes cometeste actos de *cyberbullying* contra outras pessoas, usando o teu telemóvel/a Internet?”), solicitando em ambas as questões, caso a resposta fosse afirmativa, que especificassem a frequência desses acontecimentos, numa escala de resposta de 4 pontos - “Nenhuma, isso nunca aconteceu”, “Apenas uma ou duas vezes”, “Uma vez por semana” ou “Várias vezes por semana”.

De seguida, pediu-se aos alunos que, de acordo com a sua perspectiva, comparassem o *cyberbullying* através do telemóvel e o *cyberbullying* através da Internet, com o *bullying* tradicional, no que concerne às repercussões que esses comportamentos agressivos têm na vítima. Assim, os participantes deveriam completar a afirmação “Achas que o *cyberbullying* através do telemóvel/da Internet, comparado com o *bullying* tradicional...” com “Tem menos efeito sobre a vítima”, “Tem o mesmo efeito na vítima”, “Tem mais efeito sobre a vítima” ou “Não sei”.

De seguida, pretendeu-se indagar como se sentiam tanto os participantes que referiram ser vítimas de *cyberbullying* através do telemóvel e da Internet, como os que mencionaram praticar este tipo de comportamento agressivo, solicitando-lhes que escolhessem, de uma lista de sentimentos, com qual ou quais se identificavam, quer quando estavam na qualidade de vítima de *cyberbullying*, quer quando actuavam como agressor.

No que coaduna aos participantes que responderam já ter sido vítimas de *cyberbullying*, através do telemóvel ou da Internet, quis-se averiguar: em que turma se encontrava a pessoa que actuou como agressora contra si (“Em que turma está a pessoa(s) que comete actos de *cyberbullying* contra ti, usando o telemóvel/a Internet?”), questão à

qual poderiam responder com “Noutra turma, mas no mesmo ano que eu”, “Conheço-a, mas não é da minha escola”, “Na minha turma”, “Noutro ano diferente do meu”, ou “Não sei quem pratica *cyberbullying* contra mim”; qual a sua identidade (“Quem é que pratica *cyberbullying* contra ti, através do telemóvel/da Internet?”), podendo responder com “Principalmente uma rapariga”, “Um grupo de raparigas”, “Principalmente um rapaz”, “Um grupo de rapazes”, “Um grupo de rapazes e raparigas” ou “Não sei quem pratica *cyberbullying* contra mim”; quanto tempo duraram as práticas de *cyberbullying* contra si, cuja escala de resposta variava entre “duraram uma semana ou menos” a “duraram mais de um ano” (“Duraram mais de um ano”, “Duraram mais de seis meses”, “Duraram duas ou três semanas”, “Duraram uma semana ou menos”);

Seguidamente, quis-se ainda averiguar o que fizeram os participantes depois de ter sido vítima deste tipo de agressão (“O que fizeste quando cometeram actos de *cyberbullying* contra ti através do telemóvel/da Internet?”), com base num conjunto de possíveis comportamentos adoptados pelas vítimas, de entre os quais: “Chorei”, “Ignorei o que se passava”, “Contei aos meus amigos”, “Contei aos meus pais”, “Contei a um professor”, “Tentei fazer o mesmo que essa pessoa me fez a mim”, “Disse à pessoa que parasse, também através do telemóvel/da Internet” e “Desliguei o telemóvel”, no que diz respeito ao *cyberbullying* através do telemóvel ou “Fechei o programa/janela e continuei a fazer outras coisas no computador”, no que concerne ao *cyberbullying* através da Internet).

Pretendeu-se, de seguida, saber quais os meios mais utilizados para cometer *cyberbullying*, através do telemóvel e da Internet, questionando agressores e vítimas sobre os meios através dos quais agrediram e/ou foram agredidos. Relativamente ao telemóvel, realizaram-se duas questões, uma na perspectiva da vítima (“Quais são os meios que utilizam para cometer actos de *cyberbullying* contra ti?”), e outra na perspectiva do agressor (“Quais são os meios que tu utilizas para cometer actos de *cyberbullying* contra os outros?”), às quais os participantes poderiam responder, assinalando uma ou várias opções, de entre: “através de SMS (mensagens escritas)”, “através de MMS (mensagens multimédia, vídeos, fotos)”, “através de chamadas” ou “de outra forma” (devendo descrevê-la). Já no respeitante ao *cyberbullying* através da Internet, foram realizadas as mesmas questões, diferindo apenas as opções de resposta: “através de *e-mail*”, “através de salas de *chat*”, “através de programas de conversação (MSN Messenger, Skype, Google Talk, etc.)”, “através de *sites* (páginas *web*, *blogues*)”, “através de redes sociais (*facebook*, *Hi5*, *Myspace*)”, ou ainda “de outra forma” (devendo também especificá-la).

Por fim, realizou-se uma última questão, com o intuito de perquirir os sujeitos acerca do seu conhecimento da existência de outras formas de praticar *cyberbullying*, usando a Internet, o telemóvel, ou outros dispositivos electrónicos, não mencionada anteriormente. Esta questão, à qual os participantes podiam responder com “sim” ou “não”, solicitava ainda, caso a resposta fosse positiva, que a descrevessem.

A terceira e última secção do questionário de *cyberbullying* é composta pelo *Inventário de Sintomas Psicopatológicos*, que constitui a adaptação portuguesa do *Brief*

Symptom Inventory (BSI) de L. Derogatis (1982). O objectivo deste questionário passa pela avaliação da sintomatologia psicopatológica, em termos de nove dimensões de sintomatologia (somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranóide, e psicoticismo), e três Índices globais (Índice Geral de Sintomas, Índice de Sintomas Positivos e Total de Sintomas Positivos) que correspondem a avaliações sumárias de perturbações emocionais (Canavarro, 2007). Solicitou-se então aos participantes que, perante uma lista de problemas ou sintomas por vezes apresentados pelos indivíduos, assinalassem o grau em que cada problema lhe causou incómodo, durante a última semana. O questionário possui 53 itens, distribuídos pelas 9 dimensões, em que a resposta é dada segundo uma escala tipo Likert, de entre “nunca”, “poucas vezes”, “algumas vezes”, “muitas vezes” e “muitíssimas vezes”.

2.2.3. Procedimento

Depois de elaborado o questionário, aplicou-se o pré-teste, com o intuito de indagar se as instruções do mesmo se encontravam perceptíveis, e se alguma questão suscitava alguma dúvida em particular. Para tal, recorreu-se à plataforma *Google Docs*, para proceder à sua publicação *online*, tendo os resultados sido guardados numa base de dados também *online*, e posteriormente encaminhados para uma base de dados do SPSS.

Para que o questionário pudesse ser aplicado em meio escolar e, por conseguinte, para que o presente estudo de investigação se realizasse, foi solicitada autorização à Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) - entidade que regula a aplicação de instrumentos de inquirição em meio escolar -, tendo a mesma sido obtida (Anexo 2).

Seguidamente, contactaram-se quatro estabelecimentos de ensino com 3º ciclo do ensino básico, tendo-se obtido autorização para a realização do estudo por parte de três das mesmas, nomeadamente da Escola Básica do 2º e 3º Ciclos Dr. Guilherme Correia de Carvalho, da Escola Básica do 2º e 3º Ciclos de Tortosendo e da Escola Básica do 2º e 3º Ciclos de Aradas (Anexo 3).

Depois de obtida a aprovação escrita (via *email*) por parte das escolas, procedeu-se à definição, junto dos órgãos directivos dos respectivos estabelecimentos de ensino, dos critérios de selecção dos participantes do estudo, e à escolha das turmas às quais seriam aplicados os questionários.

Posteriormente à selecção das turmas do 3º ciclo (7º, 8º e 9º anos) às quais iriam ser aplicados os inquéritos, fez-se um levantamento do número de alunos de cada turma, para se efectuar a distribuição dos termos de consentimento informado a todos os alunos. No que concerne ao consentimento informado entregue aos alunos, este era dirigido aos encarregados de educação e solicitava a participação dos seus educandos na presente investigação, ressaltando que todos os dados recolhidos seriam confidenciais e anónimos, não sendo necessária a identificação de nenhum dos estudantes (Anexo 4).

O contacto com as turmas foi realizado através dos respectivos directores de turma, que colaboraram na investigação sensibilizando os alunos para a participação no estudo, entregando o termo de consentimento informado aos encarregados de educação dos alunos, bem como distribuindo e recolhendo o questionário aos alunos, no horário que considerassem mais apropriado para o efeito. Solicitou-se ainda aos directores de turma, que aplicassem o questionário num ambiente ausente de estímulos distratores, em silêncio e de forma individual, já que o preenchimento do questionário por parte dos alunos requeria alguma concentração (Anexo 5). A opção da aplicação dos questionários ser realizada por parte próprios directores de turma deveu-se ao seu melhor conhecimento dos horários dos alunos, e ainda para evitar a interferência da participação no estudo nas aulas dos estudantes.

A aplicação dos questionários foi realizada em contexto de sala de aula, no horário e disciplina que os directores de turma consideraram mais apropriado para o efeito. Foram, posteriormente, entregues os questionários ao órgão directivo da escola, tendo sido posteriormente recolhidos.

Para o tratamento e análise dos dados recolhidos utilizou-se o *software* SPSS 19.0.0 (*Statistical Package for the Social Sciences - Version 19*).

4. Resultados

Incidência do *cyberbullying*

No que concerne ao *cyberbullying*, 32,4% dos alunos afirmam ter conhecimento de casos de *cyberbullying* no meio que os rodeia. 27,5% dos participantes teve conhecimento destes casos apenas uma ou duas vezes, 1,6% referiu acontecerem uma vez por semana e 3,3% várias vezes por semana. Dos alunos que referiram ter conhecimento de casos deste tipo de comportamento agressivo, 14,3% afirmaram que estes ocorreram na última semana, 17,3% no último mês, 22,4% neste período lectivo, 25,5% no último ano lectivo e 20,4% há mais de um ano.

Relativamente ao uso do telemóvel e da Internet na prática de *cyberbullying*, 16,5% dos respondentes refere já ter sido vítima de *cyberbullying* através do seu telemóvel (14,8% apenas uma ou duas vezes, 1% uma vez por semana e 0,7% várias vezes por semana), enquanto que 10,8% já sofreu *cyberbullying* através da Internet (9,8% apenas uma ou duas vezes, 0,7% uma vez por semana e 0,3% várias vezes por semana). Já na perspectiva do agressor, 7,6% dos estudantes afirmaram já ter praticado actos de *cyberbullying* contra outras pessoas, usando o telemóvel, dos quais 6,6% apenas uma ou duas vezes, 0,3% uma vez por semana e 0,7% várias vezes por semana. A prática de actos de *cyberbullying* através da Internet, na amostra inquirida, é menos comum, já que apenas 4,9% dos participantes referiram tê-lo feito (4,6% apenas uma ou duas vezes e 0,3% uma vez por semana).

Tabela 1:

Percentagem de *cybervítimas*, *cyberbullies* e *cyberbully*/vítimas por meio de informação e comunicação

	Através do telemóvel	Através da Internet
<i>Cybervítimas</i>	16,5%	10,8%
<i>Cyberbullies</i>	7,6%	4,9%
<i>Cyberbully</i> /vítimas	5,2%	4,6%

Verificou-se, porém, que alguns indivíduos mencionaram praticar, ser vítimas de *cyberbullying*, ou ambos, recorrendo concomitantemente ao telemóvel e à Internet, não permitindo concluir qual o número real de *cybervítimas*, *cyberbullies* e *cyberbully*/vítimas existentes na amostra. Assim, pretendeu-se verificar qual o total de indivíduos que praticou ou foi vítima de *cyberbullying*, ou ambos, exclusivamente através do telemóvel e da Internet, apurando assim também os que agiram como *cybervítimas*, *cyberbullies* ou *cyberbully*/vítimas usando os dois meios simultaneamente e o número total de indivíduos da amostra que sofreu, praticou, ou ambos, no que concerne a este tipo de agressão.

Tabela 2:

Percentagem de *cybervítimas*, *cyberbullies* e *cyberbully/vítimas* divididas por meio de informação e comunicação específico

	Apenas através do telemóvel	Apenas através da Internet	Através do telemóvel e da Internet	Total
<i>Cybervítimas</i>	10,8%	5,2 %	5,6%	21,6%
<i>Cyberbullies</i>	4,3%	1,6%	3,3%	9,2%
Cyberbully/vítimas	3,6%	3%	1,6%	8,2%

Seguidamente questionaram-se os participantes sobre a turma onde se encontrava o sujeito que praticou *cyberbullying* contra si, através do telemóvel da Internet. 52,1% dos inquiridos respondeu não saber quem pratica *cyberbullying* contra si via telemóvel, 16,7% referiu que o agressor se encontrava noutra turma, ainda que no mesmo ano lectivo, e a mesma percentagem de sujeitos referiu que o agressor se encontrava num ano lectivo diferente do seu; ainda 16,7% relatou que quem praticou *cyberbullying* contra si pertence a outra escola, tendo apenas 6,3% afirmado que o agressor se encontrava na sua turma. Já no que se reporta ao *cyberbullying* através da Internet, e tal como no que se refere a esta prática através do telemóvel, grande parte dos estudantes (46,7%) refere desconhecer quem pratica *cyberbullying* contra si, enquanto que 26,7% afirma que conhece o agressor, embora este não frequente a sua escola; 23,3% relata que o mesmo pertence a outra turma do mesmo ano lectivo que o seu, 16,7% afirma que quem pratica *cyberbullying* contra si recorrendo à Internet frequenta um ano diferente do seu e 6,7% diz que este pertence à sua turma.

Tanto no que diz respeito ao *cyberbullying* através da Internet como no que se refere ao *cyberbullying* através do telemóvel, a maior percentagem dos inquiridos refere não saber quem pratica *cyberbullying* contra si (50% e 38,7% respectivamente). Quanto ao *cyberbullying* via telemóvel, 16% dos sujeitos relata que quem pratica este tipo de agressão contra si é principalmente um rapaz, 12% diz que é principalmente uma rapariga, 8% um grupo de rapazes, também 8% afirma ser agredido por um grupo misto de rapazes e raparigas e 6% por um grupo de raparigas. Já no que se relaciona com este comportamento agressivo através da Internet, 25,8% dos estudantes refere que o seu agressor é principalmente um rapaz, 12,9% diz que é agredido principalmente por uma rapariga, 9,7% por um grupo tanto de rapazes como de raparigas e 6,5% por grupos de rapazes, assim como grupos de raparigas.

Quanto à duração das práticas de *cyberbullying* pelo telemóvel, na perspectiva da vítima, 84,3% dos inquiridos responderam que estas duraram uma semana ou menos, 7,8% que estes comportamentos duraram duas ou três semanas, 2% afirmam que as agressões duraram mais de seis meses e 5,9% que estas se prolongaram por mais de um ano. Já no que concerne ao *cyberbullying* via Internet, tal como no anterior, uma grande parte dos estudantes (83,3%) afirmaram que as agressões duraram uma semana ou menos, 10% relataram que estas se

prolongaram por duas ou três semanas, e 3,3% que os comportamentos agressivos se perpetuaram por mais de seis meses ou mais de um ano.

Quando se questionaram os participantes do estudo sobre os meios que os agressores utilizam para cometer actos de *cyberbullying* contra si através do telemóvel, 66% das vítimas respondeu que estes comportamentos agressivos ocorreram através de mensagens escritas (SMS), 54% através de chamadas, e uma menor percentagem (8%) relatou que estes ocorreram através de mensagens multimédia (MMS). Seguidamente questionaram-se os agressores, com o objectivo de indagar que meios utilizaram para cometer actos de *cyberbullying* através do telemóvel. Tal como na questão anterior, as mensagens escritas (SMS) foram o meio mais utilizado pelos agressores para cometer *cyberbullying*, já que 47,8% dos mesmos referiu recorrer a estas. 26,1% dos agressores relataram cometer actos de *cyberbullying* através de chamadas e apenas 13% recorreu às mensagens multimédia (MMS) para agredir outrem.

Tabela 3:

Percentagem de vítimas e *bullies* através do telemóvel, por meio de comunicação

	SMS	Chamadas telefónicas	MMS
Vítimas	66%	54%	8%
<i>Bullies</i>	47,8%	26,1%	13%

No que diz respeito à prática de *cyberbullying* através da Internet, quando questionados as vítimas deste tipo de agressão, 45,5% destas relataram ter sofrido de tais actos através de programas de conversação (*MSN Messenger, Skype, Google Talk*, entre outros), 39,4% foram vítimas de *cyberbullying* através de *e-mail*, 36,4% através de redes sociais (*Facebook, Hi5, Myspace*), 21,2% através de salas de *chat* e uma pequena percentagem (3%) refere ter sofrido vitimização através de jogos (*online*). Já na perspectiva dos agressores, estes referiram que os meios por si mais utilizados para praticar *cyberbullying*, usando a Internet, foram os programas de conversação *online* (*MSN Messenger, Skype, Google Talk*, entre outros) e as redes sociais (*Facebook, Hi5, Myspace*), já que 46,7% dos mesmos referiu recorrer a estes meios para consumir os comportamentos agressivos. 33,3% relataram praticar *cyberbullying* através de *e-mail*, 20% através de *sites* (páginas *web*, blogues) e 13,3% recorrendo a salas de *chat*. Também uma menor percentagem de estudantes (6,7%) afirmou recorrer a jogos *online* para praticar actos de *cyberbullying*.

Tabela 4:

Percentagem de vítimas e *bullies* através da Internet, por meio de comunicação

	Programas de conversação	E-mail	Redes sociais	Salas de <i>chat</i>	<i>Sites</i>	Jogos <i>online</i>
Vítimas	45,5%	39,4%	36,4%	21,2%	-	3%
<i>Bullies</i>	46,7%	33,3%	46,7%	13,3%	1,3%	6,7%

Optou-se por realizar novamente a análise considerando as vítimas e agressores dos dois tipos de *cyberbullying* - através do telemóvel e da Internet -, para verificar quais foram os meios mais utilizados tanto pelas *cybervítimas* como pelos *cyberbullies*. Constatou-se que as vítimas de *bullying*, tanto via telemóvel como via Internet, referiram que os meios mais utilizados para cometer actos de *cyberbullying* contra si foram as SMS (mensagens escritas), seguidas das chamadas telefónicas, dos programas de conversação *online*, do *e-mail*, das redes sociais e, menos frequentemente, das salas de *chat*, MMS (mensagens multimédia) e jogos. Já no que concerne aos agressores, a maioria referiu também recorrer mais frequentemente às SMS e aos programas de conversação *online*, bem como às redes sociais, às chamadas telefónicas e ao *e-mail*, aos *sites*, às MMS, às salas de *chat* e, muito poucas vezes aos jogos *online*.

Tabela 5:

Percentagem de vítimas e *bullies* por meio de comunicação

	SMS	Chamadas telefónicas	MMS	Programas de conversação	E-mail	Redes sociais	Salas de chat	Sites	Jogos online
Vítimas	50%	40,9%	6,1%	22,7%	19,7%	18,2%	10,6%	-	1,5%
<i>Bullies</i>	42,9%	21,4%	10,7%	25%	21,4%	25%	10,7%	14,3%	3,6%

Tentou-se ainda indagar se os estudantes conheciam alguma outra forma de praticar *cyberbullying* recorrendo à Internet, ao telemóvel, ou a outro tipo de dispositivos electrónicos. 4,6% dos participantes apontaram as mensagens escritas em papel como outro meio de praticar *cyberbullying*, 1,3% mencionaram o *Bluetooth* como um possível dispositivo para perpetuar este tipo de agressão, 0,7% referiram que o *cyberbullying* pode ser praticado verbalmente ou através de jogos *online* e 0,3% afirmaram que este tipo de comportamento podia praticar-se através do envio de toques de números privados via telemóvel, da publicação de imagens na Internet, captadas a partir de câmaras ocultas, ou ainda através da televisão.

Cyberbullying*: relação entre *cyberbullies* e *cybervítimas

Seguidamente, quis-se indagar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de vítimas de *cyberbullying* e o grupo de sujeitos que nunca sofreu este tipo de agressão, relativamente à prática de *cyberbullying*, quer através do telemóvel, quer através da Internet.

Relativamente ao *cyberbullying* via telemóvel, verificou-se que existem, efectivamente, diferenças entre ambos os grupos de sujeitos - entre aqueles que já foram

vítimas de *cyberbullying* e os que nunca o foram - no que concerne à prática de *cyberbullying*, bem como entre o grupo de sujeitos que já praticaram *cyberbullying* e os que nunca o fizeram, em relação à vitimização resultante deste tipo de *cyberbullying*, $\chi^2(1)=17,932$, $p < 0,05$. Observou-se existir uma tendência para as vítimas de *cyberbullying* também praticarem este tipo de agressão, já que mais do que 1 em cada 5 sujeitos que afirmaram terem sido vítimas de agressão também disseram ter praticado este tipo de comportamento agressivo, contra apenas 1 em cada 21 que, não tendo sido vítima, já praticou *cyberbullying*. Também se verificou uma tendência para os agressores serem vítimas de *bullying* electrónico: aproximadamente metade daqueles que referiram ter praticado *cyberbullying* também foram vítimas deste, enquanto que apenas 1 em cada 7 sujeitos que nunca praticaram *cyberbullying* já foram vítimas.

Tabela 6:

Relação entre a vitimização e a agressão relativa ao *cyberbullying* via telemóvel

	Praticar <i>cyberbullying</i> via telemóvel		Total	
	Nunca pratiquei	Já pratiquei		
Ser vítima de <i>cyberbullying</i>				
via telemóvel	Nunca fui vítima	243	12	255
	Já fui vítima	39	11	50
	Total	282	23	305

Constatou-se ainda, assim, que a relação entre ambas as variáveis (ser vítima de e praticar *cyberbullying*), apesar de existente, é ainda de carácter fraco $r(305)=0,242$ $p<0,05$.

No que diz respeito ao *cyberbullying* através da Internet, também entre o grupo de sujeitos que já foram vítimas deste tipo de comportamento agressivo e o dos que nunca sofreram este tipo de agressão se verificaram diferenças estatisticamente significativas quanto à prática de *cyberbullying*, o mesmo se passando entre o grupo dos sujeitos que já praticaram e o dos que nunca o fizeram relativamente à vitimização, $\chi^2(1)=39,545$, $p < 0,05$. Constatou-se existir uma tendência para a prática de *cyberbullying* entre os participantes que já foram vítimas deste tipo de agressão, já que aproximadamente 1 em cada 4 vítimas também já praticou este comportamento, enquanto que entre os que nunca foram vítimas a proporção de agressores é de 1 para 45. Há também uma tendência para os alunos que já sofreram praticaram *cyberbullying* já terem sido vitimados, observando-se que 9 dos 15 indivíduos que afirmaram ter praticado este tipo de agressão também já foram vítimas deste, enquanto que apenas 1 em cada 12 indivíduos que nunca praticaram *cyberbullying* foi vítima do mesmo.

Tabela 7:

Relação entre a vitimização e a agressão relativa ao *cyberbullying* via Internet

	Praticar <i>cyberbullying</i> via Internet		Total	
	Nunca pratiquei	Já pratiquei		
Ser vítima de <i>cyberbullying</i> via Internet	Nunca fui vítima	266	6	272
	Já fui vítima	24	9	33
Total	290	15	305	

Verificou-se, assim, que a vitimização está associada à prática de *cyberbullying* através da Internet, sendo a relação estabelecida entre ambas as variáveis de força média, $r(305)=0,360$ $p<0,05$.

Quando averiguada a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de sujeitos que já sofreram de *cyberbullying* através do telemóvel e os estudantes que nunca foram vítimas deste tipo de agressão, relativamente à vitimização, ou não, através da Internet, e vice versa, observaram-se, mais uma vez, diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, $\chi^2(1)=33,303$ $p < 0,05$, significando este facto que há uma tendência para as vítimas de *cyberbullying* através do telemóvel serem também vítimas de *cyberbullying* através da Internet, bem como das vítimas de *cyberbullying* através da Internet também serem vítimas através do telemóvel.

No primeiro caso, 1 em cada 3 vítimas de *cyberbullying* através do telemóvel relatou ter sido, também, vítima de *cyberbullying* via Internet, enquanto que apenas 1 em cada 16 indivíduos que nunca foram vítimas de *cyberbullying* via telemóvel sofreu de *cyberbullying* através da Internet. Já entre as vítimas de *cyberbullying* via Internet, mais de metade dos indivíduos que afirmaram ser vítimas deste tipo de comportamento referiu também ter sido vítima de *cyberbullying* via telemóvel, enquanto que a proporção de vítimas de *cyberbullying* via telemóvel entre aqueles que nunca foram vítimas deste tipo de comportamento via Internet é apenas de 1 para cada 8 (aproximadamente).

Tabela 8:

Relação entre a vitimização relativa ao *cyberbullying* via telemóvel e via Internet

	Ser vítima de <i>cyberbullying</i> via Internet		Total	
	Nunca fui vítima	Já fui vítima		
Ser vítima de <i>cyberbullying</i> via telemóvel	Nunca fui vítima	239	16	255
	Já fui vítima	33	17	50
Total	272	33	305	

Constatou-se, ainda, que a vitimização através do telemóvel e a vitimização através da Internet estão relacionadas, sendo também esta relação considerada de força média, $r(305)=0,330$ $p<0,05$.

O mesmo se observou quando comparados o grupo de sujeitos que já praticou *cyberbullying* através do telemóvel com o grupo de sujeitos que nunca praticou este comportamento agressivo através deste meio, no que concerne à prática de *cyberbullying* através da Internet e vice-versa. Verificou-se existirem diferenças estatisticamente significativas entre os grupos, $\chi^2(1)=79,098$ $p < 0,05$, que se traduzem numa tendência para os sujeitos que praticam *cyberbullying* através do telemóvel também praticarem *cyberbullying* utilizando a Internet e vice-versa. Observou-se assim que quase metade dos indivíduos que já praticaram *cyberbullying* via telemóvel também já o fizeram via Internet, enquanto que apenas 5 dos 282 indivíduos que nunca praticaram *bullying* electrónico via telemóvel o fizeram através da Internet. Do mesmo modo, 2 em cada 3 alunos que afirmaram praticar *cyberbullying* recorrendo à Internet também o fizeram pelo telemóvel, enquanto que apenas 1 em cada 22 indivíduos que referiram não praticar *cyberbullying* via Internet o fizeram usando o telemóvel.

Tabela 9:

Relação entre a prática relativa ao *cyberbullying* via telemóvel e via Internet

	Praticar <i>cyberbullying</i> via Internet		Total	
	Nunca pratiquei	Já pratiquei		
Praticar <i>cyberbullying</i> via telemóvel	Nunca pratiquei	277	5	282
	Já pratiquei	13	10	23
Total		290	15	305

Para além disto, ambas as variáveis (praticar *bullying* electrónico através do telemóvel e praticar este comportamento recorrendo à Internet), se relacionam, sendo esta uma relação de carácter forte, $r(305)=0,509$ $p<0,05$.

O papel do género no *cyberbullying*: diferenças entre *cyberbullies* e *cybervítimas*

A análise dos resultados do presente estudo revelou que uma percentagem superior de vítimas (57,6%) são do sexo feminino, enquanto que os agressores se distribuem de igual forma por ambos os sexos (50%). Apesar de existirem mais vítimas de *cyberbullying* entre os participantes do sexo feminino, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas quanto ao género no que se refere à vitimização.

No que concerne tanto à vitimização como à prática de *cyberbullying* através do telemóvel, e de acordo com o objectivo de estudar as diferenças de género existentes, não se verificaram, no presente estudo, diferenças estatisticamente significativas. Também no que se refere à vitimização e prática de *cyberbullying* através da Internet, não se observaram diferenças estatisticamente significativas aquando da comparação entre sexos.

O papel da idade e do ano de escolaridade no *cyberbullying*: diferenças entre *cyberbullies* e *cybervítimas*

Quando analisada a relação entre a idade dos estudantes e a agressão e vitimização através de meios de comunicação electrónicos, verificou-se existir uma relação entre a idade e a prática de *cyberbullying* através do telemóvel, $\chi^2(6)=14,339$, $p < 0,05$, não se observando relação entre a idade e a prática de *cyberbullying* através da Internet, nem entre a idade e a vitimização associada ao *cyberbullying* (através do telemóvel e da Internet). Apesar desta análise apontar para a existência de diferenças estatisticamente significativas entre grupos etários, relativamente à prática de *cyberbullying* através do telemóvel, verificou-se uma grande heterogeneidade no número de sujeitos que compõe cada um dos grupos etários. Assim, e devido ao facto de existir apenas um sujeito pertencente ao grupo etário dos 18 anos e apenas dois com 17 anos, optou-se por excluir os mesmos e repetir a análise. Depois de analisada novamente a relação entre grupo de idade e agressão/vitimização *online*, considerando apenas as idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos (N=302), não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários no que diz respeito tanto à vitimização como à prática de *cyberbullying*, quer através do telemóvel, quer através da Internet.

Ao analisar a associação entre o ano de escolaridade dos participantes no estudo e a vitimização e prática de *cyberbullying*, quer através do telemóvel quer através da Internet, verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas entre os diferentes anos de escolaridade (7º, 8º e 9º anos), no que concerne tanto à prática de *cyberbullying* como à vitimização a este associada.

O bullying tradicional e o *cyberbullying*

78,4% dos alunos inquiridos afirmaram ter assistido a situações de bullying na sua escola, dos quais 60,7% presenciaram tais actos apenas uma ou duas vezes, 14,1% uma ou duas vezes por semana e 3,6% várias vezes por semana. Apenas cerca de um quinto dos alunos (21,6%) responderam negativamente à questão.

De uma forma geral, os inquiridos afirmam que o *cyberbullying* tem um efeito na vítima menor ou semelhante ao do *bullying* tradicional. 38,7% e 33,4% afirmam que o

cyberbullying através do telemóvel e pela Internet, respectivamente, têm menos efeito sobre a vítima do que o *bullying* tradicional, enquanto que 36,4% e 37,4% afirmam que o *cyberbullying* através do telemóvel e da Internet, também respectivamente, têm o mesmo efeito que o *bullying* tradicional. Importa ainda ressaltar que, apesar de serem poucos os estudantes que concluíram que o *cyberbullying* tem mais efeito sobre a vítima do que o *bullying* tradicional, foram mais aqueles que apontaram o *cyberbullying* através da Internet como mais influente na vítima (6,9%, contra os 4,9% que afirmaram que o *cyberbullying* através do telemóvel é mais nocivo que o tradicional). A percentagem de indivíduos que referiu que o *cyberbullying* pela Internet tem o mesmo ou um efeito mais prejudicial à vítima (44,5%) é superior à percentagem que referiu que o *cyberbullying* pelo telemóvel é igualmente ou mais nocivo (41,3%).

Quando questionados sobre o número de vezes que foram vítimas de *bullying*, 26,9% dos alunos afirmaram já ter sido vítimas (24,3% apenas uma ou duas vezes, enquanto 2,6% são repetidamente vítimas destes comportamentos agressivos - 1% referiu ser agredido uma vez por semana e 1,6% mais do que uma vez por semana). Relativamente à prática destes actos, aproximadamente 24% dos estudantes já os cometeram: 22,3% apenas uma ou duas vezes e 1,7% de uma forma repetida. Já 76,1% dos estudantes referiram nunca ter praticado tais actos.

Pretendeu-se indagar ainda se as vítimas de *cyberbullying* (através do telemóvel e da Internet) também já foram vítimas de *bullying* tradicional, constatando-se que 82,4% das vítimas de *bullying* electrónico também já sofreram de *bullying*. Realizou-se a mesma análise desta vez para os praticantes de *cyberbullying*, observando-se que, tal como relativamente às vítimas, 80% dos sujeitos que já praticaram *cyberbullying*, tanto através do telemóvel como através da Internet, também já praticaram *bullying* tradicional.

Verificou-se, no presente estudo, uma relação entre a prática do *bullying* tradicional e a prática do *cyberbullying*, quer através do telemóvel, $\chi^2(1)=14,510$, $p < 0,05$, quer através da Internet, $\chi^2(1)=27,238$, $p < 0,05$, na medida em que os indivíduos que responderam praticar *bullying* tradicional tendem também a praticar *bullying online*. O mesmo se constatou relativamente às vítimas, já que se encontrou relação entre a vitimização resultante do *bullying* tradicional e a vitimização subjacente ao *cyberbullying*, via telemóvel, $\chi^2(1)=16,255$, $p < 0,05$, e via Internet, $\chi^2(1)=34,503$, $p < 0,05$. Observou-se ainda que as vítimas de *bullying* tradicional também praticam *cyberbullying*, tanto através do telemóvel, $\chi^2(1)=8,093$, $p < 0,05$, como através da Internet, $\chi^2(1)=8,801$, $p < 0,05$, por se ter encontrado uma relação entre estas variáveis. Para além desta, verificou-se ainda uma relação entre a prática de *bullying* e a vitimização relacionada com o *cyberbullying* através do telemóvel, $\chi^2(1)=10,721$, $p < 0,05$, e através da Internet, $\chi^2(1)=6,949$, $p < 0,05$ o que se significa que muitos estudantes que praticam *bullying*, são também vítimas de *cyberbullying*.

Com o intuito de proceder à interpretação da força da correlação entre duas variáveis, adaptaram-se as convenções definidas por Cohen (1988), e considerou-se ausência de correlação quando r se situa entre 0 e 0,09, correlação fraca quando r está entre 0,1 e

0,3, correlação moderada quando r se situa entre 0,3 e 0,5, e correlação forte no caso de r tomar um valor superior a 0,5. Assim sendo, e procedendo a uma análise da força das correlações encontradas na relação entre *bullying* e *cyberbullying*, verificou-se uma relação entre a vitimização associada ao *bullying* tradicional e a vitimização associada ao *cyberbullying*, sendo esta relação moderada no que concerne ao *cyberbullying* através da Internet, $r(305)=0,336$, $p<0,05$, e fraca no que diz respeito ao *cyberbullying* através do telemóvel, $r(305)=0,231$, $p<0,05$. Constatou-se ainda existir uma relação fraca entre a prática de *bullying* e tanto a prática de *cyberbullying* através da Internet, $r(305)=0,299$, $p<0,05$, como a prática de *cyberbullying* através do telemóvel, $r(305)=0,218$, $p<0,05$. Foi nas relações entre ser vítima de *bullying* e praticar *cyberbullying*, e vice-versa, quer através do telemóvel, quer via Internet, que se verificaram as relações mais fracas.

Os hábitos de uso das TIC e o *cyberbullying*

No que concerne às tecnologias de informação e comunicação (telemóvel e Internet), a maioria dos estudantes referiu ter telemóvel próprio (96,7%) e acesso à Internet em casa (94,4%).

Verificou-se existirem diferenças significativas no número de horas diárias despendidas pelos estudantes na Internet no que respeita à prática de *cyberbullying* através deste meio de informação e comunicação, $\chi^2(4)=10,698$, $p < 0,05$, existindo uma relação entre a prática de *cyberbullying* através da Internet e o tempo que os participantes despendem com este meio, $r(305)=0,187$, $p<0,05$, embora esta se considere fraca. Verificou-se, assim, uma tendência para um aumento da prática de *cyberbullying* através da Internet, com o aumento de horas diárias dedicadas a esta actividade, não se podendo, porém, inferir uma relação de causalidade entre ambas as variáveis.

Ainda relativamente às horas gastas com a Internet, observaram-se diferenças estatisticamente significativas no que se refere ao tempo despendido com programas de conversação *online* (*MSN Messenger*, *Skype*, *Google Talk*, salas de *chat*), no que concerne à prática de *cyberbullying* através da Internet, $\chi^2(4)=18,336$, $p < 0,05$. Porém, apesar de existir uma relação entre ambas as variáveis, esta relação é considerada fraca $r(305)=0,245$, $p<0,05$. Para além disso, constatou-se ainda que existem diferenças estatisticamente significativas no tempo diário despendido pelos estudantes a conversar *online* com amigos no que respeita à prática de *cyberbullying* através da Internet, $\chi^2(4)=23,048$, $p < 0,05$, resultado consistente com o anterior relativamente ao tempo despendido com programas de conversação *online*. Também a força da relação entre a prática de *cyberbullying* e o tempo despendido a conversar *online* se revelou semelhante à anterior, sendo também uma relação fraca, $r(305)=0,275$, $p<0,05$.

Tabela 10:

Relação entre o tempo despendido com o telemóvel e a prática e vitimização relativas ao *cyberbullying*

Tempo despendido com	Ser vítima de <i>cyberbullying</i> através do telemóvel	Praticar <i>cyberbullying</i> através do telemóvel
Telemóvel		
<i>r</i> (ETA)	0,208 *	0,169

* $p < 0,05$

Tabela 11:

Relação entre o tempo despendido com a Internet e a prática e vitimização relativas ao *cyberbullying*

Tempo despendido com	Ser vítima de <i>cyberbullying</i> através da Internet	Praticar <i>cyberbullying</i> através da Internet
Internet		
<i>r</i> (ETA)	0,160	0,187 *
Programas de conversação <i>online</i>		
<i>r</i> (ETA)	0,083	0,245 *
Jogos <i>online</i>		
<i>r</i> (ETA)	0,124	0,124
Páginas <i>web</i>		
<i>r</i> (ETA)	0,117	0,172
Redes sociais		
<i>r</i> (ETA)	0,092	0,173
Conversar com amigos		
<i>r</i> (ETA)	0,126	0,275 *
Conversar com desconhecidos		
<i>r</i> (ETA)	0,085	0,147
Perseguir outros <i>online</i>		
<i>r</i> (ETA)	0,059	0,084

* $p < 0,05$

- A habilidade para usar o computador e *cyberbullying*

Como referido anteriormente, a maioria dos participantes no presente estudo (63,9%) referiu ter uma “boa” habilidade para utilizar computadores, relatando ainda 18,4% que a sua habilidade é “razoável”, 17,4% que esta é “excelente” e apenas 0,3% afirmou nunca ter usado o computador.

No que concerne à habilidade para usar o computador, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre o grupo de sujeitos que referiu ser vítima de *cyberbullying* através da Internet, o mesmo se passando para o grupo que relatou praticar este tipo de comportamento agressivo.

- Estratégias de segurança *online* e *cyberbullying*

A maioria dos participantes no estudo (84,9%) referiu ter conhecimento de estratégias de segurança na Internet. Quando analisados o grupo de vítimas de *cyberbullying* via Internet e o grupo de sujeitos que referiu agir como agressor, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no que se refere ao conhecimento de estratégias de segurança *online*, comparativamente ao grupo de estudantes que nunca foram vítimas nem agressores.

Pretendeu-se, de seguida, averiguar a existência de diferenças, quer no grupo de vítimas, quer no grupo de praticantes de *cyberbullying*, no que concerne ao conhecimento de algumas estratégias de segurança *online* específicas, comparando ambos os grupos com os restantes sujeitos que referiram não ser vítimas nem nunca ter praticado *cyberbullying* via Internet. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos grupos (vítimas e agressores) comparativamente aos restantes participantes que nunca foram vítimas nem nunca agiram como agressores, para a maioria das estratégias de segurança *online*. Apenas se verificaram diferenças entre grupos relativamente à prática de *cyberbullying* através da Internet, no que se refere à estratégia “contactar o servidor quando se é perseguido *online*”, $\chi^2(1)=4,059$, $p < 0,05$, observando-se que os estudantes que praticam este tipo de comportamento são os que mais afirmam conhecer esta estratégia de segurança, embora a relação estabelecida entre o conhecimento desta estratégia e a prática de *cyberbullying* seja ainda considerada fraca, $r(305)=0,115$, $p < 0,05$.

Já no que respeita ao uso das estratégias de segurança *online*, e quando realizada a comparação entre o grupo de estudantes que já foram vítimas ou já praticaram *cyberbullying* através da Internet e o grupo de sujeitos que nunca agiram nem como vítima nem como agressor, verificaram-se existir diferenças estatisticamente significativas no grupo de alunos que já praticou *cyberbullying* via Internet. Este grupo usou mais vezes algumas estratégias de segurança comparado ao grupo de sujeitos que nunca cometeu estes actos, nomeadamente as estratégias “usar software que nos proteja de conteúdos indesejáveis”, $\chi^2(1)=4,020$, $p < 0,05$, e “não partilhar informação pessoal com desconhecidos”, $\chi^2(1)=6,571$, $p < 0,05$.

Estratégias para lidar com o *cyberbullying*

Questionaram-se ainda os participantes que relataram ser vítimas de *cyberbullying* tanto através do telemóvel como através da Internet acerca do que fizeram quando foram alvos deste tipo de agressão. 51% dos agredidos através do telemóvel referiram ter ignorado o que se passava, 39,2% lidaram com a situação desligando o telemóvel, 23,5% afirmaram ter contado aos amigos e 21,6% contaram aos pais ou disseram à pessoa que parasse, também através do telemóvel (por chamada, SMS, ou outra forma de comunicação). Uma pequena percentagem de inquiridos (9,8%) afirmou que tentou fazer o mesmo que o agressor lhes fez, e apenas 3,9% reagiram contando a um professor ou referiram ter chorado. No que se refere às vítimas de *cyberbullying* através da Internet, também a maior parte dos sujeitos referiu ter reagido a estas práticas ignorando o que se passava (44,8%) ou fechando o programa ou janela e continuando a fazer outras actividades no computador (37,9%). 34,5% dos estudantes lidaram com a situação dizendo ao seu agressor para parar de o fazer, também através da Internet (por e-mail, *chat*, programas de conversação *online*), 27,6% contaram aos amigos o que se passava e 24,1% aos pais. Alguns sujeitos referiram ainda ter lidado com a situação tentando fazer o mesmo que o agressor lhes fez (17,2%) e uma menor parte referiu ter chorado (10,3%).

Consequências e problemáticas associadas ao *cyberbullying*

Quando questionados os participantes no estudo que sofreram de *cyberbullying* via telemóvel sobre como se sentem quando são vítimas deste tipo de comportamento agressivo, 44,7% referem sentir-se mal, 42,6% sentem-se irritados, 29,8% sentem-se tristes, 27,7% sentem-se preocupados com o que os outros possam pensar ou dizer acerca deles e 34% afirmam sentir-se indiferentes, não sendo afectados por esta forma de agressão. Já no que concerne ao *cyberbullying* praticado através da Internet, 35,5% dos estudantes que referiram ser vítimas de *cyberbullying online* referem sentir-se mal, irritados e preocupados com o que os outros pensam ou dizem sobre si; 29% relatam ainda sentir-se tristes e 32,3% afirmam não se sentir afectados aquando da vitimização.

Tabela 11:

Percentagem de sujeitos por sentimento experienciado, na perspectiva da vítima

	Através do telemóvel	Através da Internet
Sinto-me mal	44,7%	35,5%
Sinto-me triste	29,8%	29,0%
Sinto-me indefeso, ninguém me pode ajudar	14,9%	19,4%

Preocupa-me o que os outros possam pensar ou dizer sobre mim	27,7%	35,5%
Sinto-me sozinho, isolado	6,4%	16,1%
Sinto-me irritado	42,6%	35,5%
Isso não me afecta, não sinto nada	34,0%	32,3%

No que diz respeito aos sentimentos que, na perspectiva do agressor, são despertados no vitimado, 32% dos sujeitos que referiram praticar *cyberbullying* através do telemóvel afirmam a vítima se sentirá irritada, 24% que esta ficará triste e 16% acreditam que esta se sentirá mal. Já relativamente ao *cyberbullying* via Internet, 43,8% dos estudantes que o praticam, crêem que a vítima se sente mal e indefesa, enquanto que 31,3% acreditam que esta se sente irritada depois de sofrer tais actos.

Tabela 12:

Percentagem de sujeitos por sentimento experienciado, na perspectiva do agressor

	Através do telemóvel	Através da Internet
Sente-se triste	24,0%	18,8%
Sente-se sozinha, isolada	8,0%	12,5%
Isso não a afecta, não sente nada	12,0%	18,8%
Preocupa-se com o que os outros possam pensar dela	12,0%	12,5%
Sente-se mal	16,0%	43,8%
Sente-se indefesa	12,0%	43,8%
Sente-se irritada	32,0%	31,3%

- Problemas académicos e *cyberbullying*

Como supracitado aquando da descrição da amostra, a maioria dos alunos obteve uma média escolar de 3 ou 4 valores (44,6% e 38%, respectivamente) no ano lectivo anterior à realização do estudo, 10,2% obtiveram uma média escolar de 5 valores, 6,9% de 2 valores e apenas 0,3% uma média correspondente a um valor. Para além disso, a maior parte dos alunos (74,8%) afirmou nunca ter repetido um ano escolar.

As vítimas de *cyberbullying* relatam habitualmente problemas académicos, relacionados com a preocupação derivada das experiências de *cyberbullying* (Tokunaga, 2010). Os estudantes vitimas deste tipo de agressão, apresentam decréscimos na performance académica, que podem resultar da baixa concentração e de maiores níveis de frustração relativamente ao *bully* e à própria situação de *cyberbullying* (Beran & Li, 2007, Patchin & Hinduja, 2006).

Pretendeu-se, assim, indagar a existência de diferenças entre as notas dos estudantes e a prática e vitimização resultante de comportamentos de *cyberbullying*. Verificaram-se diferenças significativas nas notas dos participantes apenas no que diz respeito à prática de *cyberbullying*, quer através do telemóvel, $\chi^2(4)=9,873$, $p < 0,05$, quer através da Internet, $\chi^2(4)=12,240$ $p < 0,05$, não se tendo observado diferenças estatisticamente significativas relativamente às notas dos alunos que referiram sofrer deste tipo de agressão.

Observa-se, assim, uma tendência para notas mais baixas nos alunos que afirmam praticar *cyberbullying*, já que 1 em cada 4 estudantes com média escolar de dois valores afirmou praticar este tipo de comportamento agressivo através do telemóvel (contra aproximadamente 1 em cada 12 entre os alunos com média de 3 valores, e aproximadamente 1 em cada 19 entre os alunos com média de 4 valores) e 1 em cada 5 alunos com média escolar de dois valores respondeu praticar *cyberbullying* via Internet (contra aproximadamente 1 em cada 17 entre os estudantes com média de 3 valores, e aproximadamente 1 em cada 30 entre os alunos com média escolar de 4 valores). Porém, apesar de existir uma relação entre a prática de *cyberbullying* e a média escolar dos estudantes, esta é ainda considerada uma relação de carácter fraco, quer no que concerne ao telemóvel, $r(305)=0,180$, $p < 0,05$, quer relativamente à prática de *cyberbullying* através da Internet, $r(305)=0,200$, $p < 0,05$.

Quanto à questão que pretendia indagar se os estudantes já repetiram algum ano lectivo, a maioria dos estudantes (74,8%) referiu nunca ter repetido um ano escolar e apenas 25,2% relataram já ter sido retidos. Não se verificaram diferenças significativas quer no grupo de sujeitos que referiu já ter sido vítima de *cyberbullying*, quer no grupo de alunos que relatou já ter praticado tais actos agressivos (através do telemóvel e da Internet), relativamente a esta variável.

- O *cyberbullying* e a sintomatologia psicopatológica

São várias as perturbações que podem surgir associadas a comportamentos de *cyberbullying*, podendo estas variar desde níveis moderados de *stress* e frustração a graves problemas pessoais e psicossociais. As consequências negativas do *cyberbullying* dependem da frequência, duração e severidade dos comportamentos agressivos (Tokunaga, 2010). No presente estudo recorreu-se ao *Inventário de Sintomas Psicopatológicos (Brief Symptom Inventory)* para avaliar a possível existência de sintomatologia psicopatológica nos participantes.

Pretendeu-se, assim, analisar a relação entre a prática de *cyberbullying* e respectiva vitimização e a existência de sintomatologia psicopatológica. Para discriminar entre indivíduos perturbados emocionalmente e indivíduos pertencentes à população em geral, recorreu-se ao ISP (índice de sintomas positivos), por ser a pontuação global do BSI que melhor discrimina os dois grupos (Canavarro, 2007).

Assim, procurou-se apurar se existem diferenças significativas entre os alunos envolvidos em comportamentos de *cyberbullying* (quer na qualidade de vítima ou de agressor), considerando quatro grupos de sujeitos - os que nunca foram vítimas/agressores, aqueles que apenas foram vítimas/agressores uma ou duas vezes, os que o foram uma vez por semana e ainda ou que foram vítima ou agrediram outros várias vezes por semana. Adoptou-se como hipótese nula: a sintomatologia psicopatológica será idêntica nos quatro diferentes grupos de sujeitos; e como hipótese alternativa: a sintomatologia psicopatológica difere nos quatro grupos de sujeitos.

No que concerne à vitimização resultante dos comportamentos de *cyberbullying* através do telemóvel, encontraram-se diferenças significativas entre os quatro grupos, existindo, assim, evidências de que a sintomatologia psicopatológica difere consoante o grupo de sujeitos (sujeitos que nunca foram vítimas, que foram vítimas apenas uma ou duas vezes, que sofreram *cyberbullying* uma vez por semana, ou que foram vítimas várias vezes por semana), $H(3)=25,367$, $p < 0,01$. Verificou-se ainda que o grupo que manifestou médias mais altas relativas à sintomatologia psicopatológica foi o grupo que respondeu ser vítima de *cyberbullying* uma vez por semana, e o que revelou médias mais baixas foi o grupo que referiu nunca ter sido vítima de *cyberbullying* através do telemóvel.

Também no que respeita à vitimização associada a actos de *cyberbullying* levados a cabo através da Internet, se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os quatro grupos de sujeitos, $H(3)=13,799$, $p < 0,05$, o que revela uma diferença no grau de sintomatologia psicopatológica existente entre os grupos. Tal como no caso anterior, o grupo que apresentou uma média mais baixa do ISP corresponde ao grupo dos sujeitos que nunca sofreram de *cyberbullying* através da Internet, correspondendo os grupos que manifestaram um maior índice de sintomas positivos aos grupos de estudantes que já foram vítimas de *cyberbullying* via Internet várias vezes por semana ou que o foram apenas uma ou duas vezes.

Já no que concerne à prática de *cyberbullying*, mais especificamente através do telemóvel, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de participantes, ao contrário da prática deste tipo de comportamento agressivo através da Internet, $H(3)=13,799$, $p < 0,05$, no qual se observaram diferenças entre os grupos de sujeitos, tendo sido os participantes que praticaram *cyberbullying* recorrendo à Internet, mais do que uma vez por semana os que manifestaram uma maior pontuação no ISP, e os que nunca praticaram este tipo de agressão via Internet os que apresentaram um menor índice de sintomatologia psicopatológica.

Seguidamente pretendeu-se verificar se existe ou não relação entre a vitimização/prática de *cyberbullying* e a presença de perturbação emocional. De acordo com o estudo de Canavaro (2007), consideram-se sujeitos perturbados emocionalmente aqueles que apresentam um ISP igual ou superior a 1,7, sendo os sujeitos que apresentam um ISP abaixo desse valor considerados “normais” do ponto de vista psicopatológico. Verificou-se, através do presente estudo, uma relação entre a vitimização e a presença de perturbação emocional, tanto no que se refere ao *cyberbullying* através do telemóvel, $\chi^2(1)=9,758$, $p <$

0,05, como no que respeita ao *cyberbullying* através da Internet, $\chi^2(1)=14,295$, $p < 0,05$. No entanto, verificou-se uma relação mais forte entre a presença de perturbação emocional e a vitimização através da Internet, $r(305)=0,216$, $p < 0,05$, comparativamente à relação entre a presença de perturbação emocional e a vitimização associada com o *cyberbullying* através do telemóvel, $r(305)=0,179$, $p < 0,05$, embora a correlação seja fraca em ambos os casos.

No que se refere à relação entre a prática deste tipo de agressão - tanto através do telemóvel como da Internet - e a presença de perturbação emocional, verificou-se apenas existir uma relação entre a prática de *cyberbullying* através da Internet e a presença de perturbação emocional, $\chi^2(1)=12,873$, $p < 0,05$, o mesmo não se passando relativamente à prática de *cyberbullying* através do telemóvel. Embora a relação entre a prática de *cyberbullying* via Internet exista, esta apenas corresponde a uma correlação fraca $r(305)=0,205$, $p < 0,05$.

O *Inventário de Sintomas Psicopatológicos* (BSI) avalia a sintomatologia psicopatológica em termos de nove dimensões de sintomatologia. Destas nove dimensões, descritas por Derogatis (1993), fazem parte a Somatização, as Obsessões-Compulsões, a Sensibilidade Interpessoal, a Depressão, a Ansiedade, a Hostilidade, a Ansiedade Fóbica, a Ideação Paranóide e o Psicoticismo. A Somatização é a dimensão que reflecte o mal-estar resultante da percepção do funcionamento somático; a Sensibilidade Interpessoal relaciona-se com os sentimentos de inadequação pessoal e inferioridade, no que diz respeito à comparação com outros sujeitos; a Depressão é a dimensão que reflecte os principais indicadores da depressão clínica; na dimensão Ansiedade foram contemplados indicadores como o nervosismo e a tensão, bem como sintomas de ansiedade generalizada e ataques de pânico; a dimensão Hostilidade abrange pensamentos, emoções e comportamentos característicos do estado afectivo negativo da cólera; a Ansiedade Fóbica traduz-se pela resposta de medo persistente, que sendo irracional e desproporcionado relativamente ao estímulo, conduz ao comportamento de evitamento; a Ideação Paranóide diz respeito ao comportamento paranóide, conceptualizando-o como um modo perturbado de funcionamento cognitivo; e o Psicoticismo, que abrange os indicadores de isolamento e de estilo de vida esquizóide, assim como os sintomas primários de esquizofrenia e compreende um contínuo graduado desde o isolamento interpessoal ligeiro à evidência de psicose (Canavarro, 2007).

Pretendeu-se, de seguida, verificar a existência de relação entre os comportamentos de *cyberbullying* (agressão e vitimização) e as nove dimensões de sintomatologia psicopatológica avaliadas pelo BSI. Constatou-se que tanto a agressão como a vitimização têm uma relação estatisticamente significativa com todas as dimensões do Inventário de Sintomas Psicopatológicos, exceptuando a prática de *cyberbullying* através do telemóvel com a dimensão Obsessões-Compulsões.

No que concerne à vitimização associada ao *cyberbullying*, verificou-se que o facto de ser vítima deste tipo de comportamento através do telemóvel se relaciona, de uma forma significativa, com todas as dimensões do BSI, embora a força desta relação divirja entre as várias dimensões: a dimensão Sensibilidade Interpessoal é aquela que mantém uma relação

mais forte com a vitimização através do telemóvel, embora esta se considere ainda uma relação de força média, $r(305)=0,339$, $p<0,05$; seguem-se a esta as restantes dimensões, que embora estejam relacionadas com a vitimização via telemóvel, estabelecem com esta variável uma relação fraca, nomeadamente a Ansiedade Fóbica, $r(305)=0,259$, $p<0,05$, a Somatização, $r(305)=0,249$, $p<0,05$, a Ansiedade, $r(305)=0,245$, $p<0,05$, a Hostilidade, $r(305)=0,225$, $p<0,05$, as Obsessões-Compulsões, $r(305)=0,224$, $p<0,05$, a Depressão, $r(305)=0,219$, $p<0,05$, o Psicoticismo, $r(305)=0,219$, $p<0,05$, e a Ideação Paranóide, $r(305)=0,194$, $p<0,05$.

Também no que se refere à vitimização via Internet se verificaram diferenças estatisticamente significativas relativamente a todas as dimensões do BSI, embora a força da relação estabelecida seja diferente consoante a dimensão: constatou-se existir uma relação média entre a vitimização através da Internet e a dimensão de Ansiedade Fóbica, $r(305)=0,315$, $p<0,05$; já a relação com as restantes dimensões avaliadas pelo BSI, apesar de relevante, verificou-se ser de carácter fraco, nomeadamente: com a Sensibilidade Interpessoal, $r(305)=0,298$, $p<0,05$, a Ansiedade, $r(305)=0,272$, $p<0,05$, a Depressão, $r(305)=0,266$, $p<0,05$, o Psicoticismo, $r(305)=0,239$, $p<0,05$, a Ideação Paranóide, $r(305)=0,230$, $p<0,05$, a Somatização, $r(305)=0,226$, $p<0,05$, a Hostilidade, $r(305)=0,189$, $p<0,05$, e finalmente com as Obsessões-Compulsões, $r(305)=0,156$, $p<0,05$.

Relativamente à prática de *cyberbullying* recorrendo ao telemóvel, verificou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas no que respeita a todas as dimensões no BSI. Contudo, neste caso, todas as relações estabelecidas entre a agressão através da Internet e as dimensões do BSI são consideradas fracas, havendo pouca variação na força da relação consoante as várias dimensões. No que concerne à prática de *cyberbullying* via telemóvel, a relação mais relevante verificada, ainda que fraca, diz respeito à dimensão Hostilidade, $r(305)=0,281$, $p<0,05$, seguindo-se a Ansiedade Fóbica, $r(305)=0,273$, $p<0,05$, e a Ansiedade $r(305)=0,273$, $p<0,05$, a Sensibilidade Interpessoal, $r(305)=0,217$, $p<0,05$, a Somatização, $r(305)=0,202$, $p<0,05$, a Depressão, $r(305)=0,182$, $p<0,05$, o Psicoticismo, $r(305)=0,182$, $p<0,05$, e a Ideação Paranóide, $r(305)=0,131$, $p<0,05$.

No que diz respeito à prática de *cyberbullying* através da Internet, variável relativamente à qual também se verificaram diferenças estatisticamente significativas para todas as dimensões do BSI, observaram-se correlações médias com algumas das dimensões do inventário, nomeadamente com a dimensão Ansiedade, $r(305)=0,365$, $p<0,05$, com a Hostilidade, $r(305)=0,323$, $p<0,05$, com a Depressão, $r(305)=0,319$, $p<0,05$, e com o Psicoticismo, $r(305)=0,319$, $p<0,05$; e correlações fracas com outras, de entre as quais a Ideação Paranóide, $r(305)=0,296$, $p<0,05$, a Sensibilidade Interpessoal, $r(305)=0,284$, $p<0,05$, a Ansiedade Fóbica, $r(305)=0,276$, $p<0,05$, a Somatização, $r(305)=0,269$, $p<0,05$ e, por fim, as Obsessões-Compulsões, $r(305)=0,120$, $p<0,05$.

Tabela 13:

Relação entre a prática e a vitimização resultante do *cyberbullying*, quer através do telemóvel, quer através da Internet, por dimensão do BSI

	Ser vítima de <i>cyberbullying</i> via telemóvel	Praticar <i>cyberbullying</i> via telemóvel	Ser vítima de <i>cyberbullying</i> via Internet	Praticar <i>cyberbullying</i> via Internet
Somatização				
r (v cramer)	0,249 *	0,202 *	0,226 *	0,269 *
Obsessões- Compulsões				
r (v cramer)	0,224 *	0,105	0,156 *	0,120 *
Sensibilidade Interpessoal				
r (v cramer)	0,339 *	0,217 *	0,298 *	0,284 *
Depressão				
r (v cramer)	0,219 *	0,182 *	0,266 *	0,319 *
Ansiedade				
r (v cramer)	0,245 *	0,269 *	0,272 *	0,365 *
Hostilidade				
r (v cramer)	0,225 *	0,281 *	0,189 *	0,323 *
Ansiedade Fóbica				
r (v cramer)	0,259 *	0,273 *	0,315 *	0,276 *
Ideação Paranóide				
r (v cramer)	0,194 *	0,131 *	0,230 *	0,296 *
Psicoticismo				
r (v cramer)	0,219 *	0,182 *	0,239 *	0,319 *

* $p < 0,05$

5. Discussão dos resultados

O aumento do uso e o fácil acesso às tecnologias de informação e comunicação, especialmente no que concerne à Internet e ao telemóvel, fomentou também o aparecimento de uma nova forma de *bullying* - o *cyberbullying*, que se distingue do *bullying* tradicional por ser levado a cabo através destes meios de comunicação. Contudo, são poucos os estudos que abordam esta problemática específica, tornando difícil construir uma imagem realista da situação portuguesa quanto a esta nova forma de agressão. O presente estudo objectiva, assim, preencher algumas lacunas existentes na literatura, e caracterizar o fenómeno da agressão através de meios de informação e comunicação, relativamente ao contexto português. Depois de, numa fase anterior, terem sido apresentados todos os resultados do estudo, proceder-se-á, de seguida, à integração dos mesmos com os vários estudos já realizados acerca desta temática.

Incidência do *cyberbullying*

O presente estudo sugere que, tal como em muitos países, o *cyberbullying* em Portugal é já um fenómeno alarmante. 21,6% dos estudantes referiram já ter sido vítimas de *cyberbullying*, resultado que vai ao encontro do constatado por diversos estudos sobre a prevalência deste tipo de comportamento agressivo, os quais apontam para a existência, em média, de aproximadamente 20 a 40 % de vítimas entre os jovens (Erdur-Baker, 2010; Tokunaga, 2010; Li, 2007a, 2007b; Smith et al., 2008; Aricak et al., 2008; Ortega, Calmaestra & Merchán, 2008; Baker & Tanrikulu, 2010; Dehue, Bolman & Völlink, 2008; Hinduja & Patchin, 2009; Ybarra, 2004; Ybarra & Mitchell, 2008). Quanto à prática de *cyberbullying* esta revelou-se menos prevalente, quando comparada com a vitimização, já que apenas 9,2% dos alunos relataram praticar este tipo de agressão. Os resultados deste estudo também corroboraram as conclusões de vários estudos realizados neste âmbito, já que na maioria destes o número de vítimas é superior ao número de praticantes de *cyberbullying*, nomeadamente: no estudo de Kowalski e Limber (2007) cuja percentagem de vítimas foi de 18%, contra 11% de *bullies*; na investigação de Smith et al. (2008) onde a percentagem de vítimas (17,2%) também foi superior à de agressores (12,5%); no estudo de Li (2007a) que constatou existirem aproximadamente 33% de vítimas e apenas 18% de praticantes de *cyberbullying*; num outro estudo da mesma autora (Li, 2007a) que também constatou existirem mais de 25% de vítimas e 15% de agressores; na investigação de Dehue, Bolman e Völlink (2008) que comprovaram existirem cerca de 23% de vítimas de *cyberbullying* e apenas 16% de praticantes deste tipo de comportamento; num estudo mais recente de Erdur-Baker (2010), cuja percentagem de vítimas atingiu os 32% e a de agressores apenas 26%; no estudo de Dilmaç (2009), no qual também a taxa de *cybervítimas* excedeu a taxa de *cyberbullies*; entre outros.

Apesar de se verificar que existem muitos jovens e crianças envolvidos em comportamentos de *cyberbullying*, os números relativos à prevalência deste tipo de agressão são, no entanto, muito variáveis, o que poderá resultar dos instrumentos utilizados e da interpretação dos conceitos, tanto por parte dos investigadores, como por parte dos participantes (Amado, Matos, Pessoa & Jäger, 2009).

Um dos maiores problemas relacionados com o *bullying* electrónico, ao contrário do que ocorre no *bullying* tradicional, é o anonimato associado ao mesmo (Kowalski & Limber, 2007). Cerca de metade dos participantes deste estudo que afirmaram ser vítimas de *cyberbullying*, quer através do telemóvel, quer através da Internet, referiu não saber quem pratica *cyberbullying* contra si. Esta descoberta vai de encontro ao estudo de Dehue, Bolman e Völlink (2008), no qual uma grande parte dos inquiridos vítimas de *bullying* electrónico mencionou desconhecer a identidade do *bully*. A investigação de Kowalski e Limber (2007) também corrobora os dados do presente estudo, já que concluiu que cerca de metade dos sujeitos da sua amostra (48%) desconheciam quem praticou comportamentos de *cyberbullying* contra si, bem como dois dos estudos de Li (2004; 2007B) que demonstra que a maioria dos participantes no seu estudo (40,9%), vítimas de *cyberbullying*, referiu não ter conhecimento da identidade do agressor.

Existem várias razões que fazem com que o anonimato associado ao *cyberbullying* seja considerado problemático, nomeadamente, o facto da vítima não conseguir saber se o *bullying* electrónico é praticado por um sujeito ou por um grupo de indivíduos, e o facto do desconhecimento da identidade do agressor poder levar a o jovem vitimado a questionar-se sobre a possibilidade de toda a gente que encontra poder ser o seu agressor. A habilidade para interagir de forma anónima contribui para uma autoconsciência mais diminuta do indivíduo, e pode levá-lo a agir impulsivamente e de uma forma agressiva para outros indivíduos (Aricak et al., 2008). Para os agressores, o anonimato pode propiciar a comunicação de algo que não diriam caso a sua identidade fosse conhecida (Kowalski & Limber, 2007). A pesquisa tem demonstrado que apesar da maioria dos agressores (84%) referirem saber a identidade da vítima, a maioria das vítimas (69%), relata desconhecer quem é o agressor (Ybarra & Mitchell, 2007).

A maioria dos participantes no presente estudo vítimas de *cyberbullying* referiu que os actos de *bullying* electrónico contra si duraram pouco tempo (uma semana ou menos). Apenas uma pequena percentagem de estudantes referiram que estas práticas se prolongaram por mais de seis meses ou por mais de um ano. Estes resultados corroboram os dados de outras investigações que indagaram a duração das práticas de *cyberbullying*, e que concluíram que a maioria dos actos de *cyberbullying* duram relativamente pouco tempo (entre uma a três semanas), sendo menores as práticas de *cyberbullying* que duram entre seis meses a um ano (Smith et al., 2008; Ortega, Calmaestra & Merchán, 2008).

No que diz respeito aos meios utilizados para praticar *cyberbullying*, Smith et al. (2008), num estudo de natureza qualitativa, verificaram que o *cyberbullying* através de chamadas telefónicas e de SMS (mensagens escritas) foi o mais comum. Quando questionaram

os participantes, distribuídos por *focus groups*, sobre as razões subjacentes à maior prevalência destes meios, estes ressaltaram que a utilização de SMS para praticar *cyberbullying* pode dever-se ao anonimato que este meio de comunicação permite. Já relativamente à maior utilização das chamadas telefónicas para praticar *cyberbullying*, os participantes referiram que esta se deve, ao contrário das SMS, à falta da existência de uma prova concreta deste tipo de agressão, ou a uma maior satisfação por parte do agressor. Noutro estudo dos mesmos autores, o *cyberbullying* através de chamadas telefónicas foi o mais prevalente, a par do levado a cabo pelos programas de conversação *online*. Também no presente estudo se verificou que os meios mais utilizados para praticar *cyberbullying* foram as SMS, as chamadas telefónicas e os programas de conversação *online*, bem como as redes sociais. Quanto aos três primeiros, estes estão de acordo com os estudos de Smith et al. (2008) que também os assinalam como os meios mais prevalentes, com os estudos de Juvonen e Gross (2008) e de Kowalski e Limber (2007), que apontam como mais utilizadas as mensagens instantâneas nos comportamentos de *cyberbullying*.

Os participantes no presente estudo indicaram também as mensagens escritas em papel, o *Bluetooth*, os jogos *online*, o envio de toques de números privados, a publicação de imagens na Internet, a televisão ou o recurso a verbalizações como outra forma de praticar *cyberbullying*. O *Bluetooth*, que vários sujeitos assinalaram como um recurso para a prática de *cyberbullying*, foi também um dos métodos especificados pelos participantes no estudo de Smith et al. (2006), por se referir à troca de informação (envio de uma mensagem ou ficheiro, por exemplo) através de um dispositivo electrónico para uma ou várias pessoas que se encontram numa área próxima delimitada. Slonje e Smith (2008) referem-se tanto ao *Bluetooth*, como ao envio de mensagens instantâneas, como novas tecnologias que estão a evoluir rapidamente e a mudar a natureza do fenómeno de *cyberbullying*.

O envio de toques de números privados ou a publicação de imagens na Internet poderão também ser considerados actos de *cyberbullying*, já que constituem actos levados a cabo através de meios electrónicos ou digitais por indivíduos ou grupos, que enviam repetidamente mensagens agressivas ou hostis com o intuito de prejudicar ou causar desconforto noutros (Tokunaga, 2010). Também os jogos *online* podem ser considerados um meio para cometer *cyberbullying*, por permitirem, algumas vezes, a troca de informação e a comunicação através da Internet (Smith et al., 2006).

Porém, algumas das respostas supracitadas não poderão ser consideradas *cyberbullying* mas sim actos de *bullying* tradicional, nomeadamente o recurso a verbalizações, já que, entre as acções que podem constituir actos de *bullying* fazem parte os abusos verbais, tais como ameaças, provocações, insultos ou gozo (Olweus, 1993; Smith & Sharp, 1994); e as mensagens escritas em papel, já que os comportamentos de *cyberbullying* têm como requisito obrigatório, o facto de serem praticados através de computadores, telemóveis ou qualquer outro tipo de dispositivo electrónico, o que o diferencia do *bullying* tradicional (Hinduja & Patchin, 2009). O facto dos alunos terem dado este tipo de resposta pode dever-se a uma má compreensão dos itens do questionário ou das definições de

cyberbullying fornecidas no mesmo. A televisão constitui outro dos meios que não poderá ser considerado *cyberbullying*, visto esta não se afigurar como uma forma de comunicação entre indivíduos, como o telemóvel e a Internet, e não poder ser considerada uma tecnologia de informação e comunicação (TIC), condição obrigatória para a prática deste tipo de agressão.

O bullying tradicional e o *cyberbullying*

Uma grande maioria dos estudantes que participaram no presente estudo referiu já ter assistido a situações de *bullying* no seu contexto escolar (78,4%) e mais de um quarto (26,9%) referiu já ter sido vítima deste tipo de comportamento. Para além disso, 24% dos estudantes da amostra referiram já ter praticado *bullying* tradicional. Verificou-se ainda que uma grande parte das vítimas de *cyberbullying* (82,4%) também já sofreu de *bullying* tradicional, e que a maioria dos praticantes de *cyberbullying* (80%) também se revelaram praticantes de *bullying*. Constatou-se existir uma relação entre o *bullying* tradicional e o *cyberbullying*, tanto no que diz respeito à prática como à vitimização (verificando-se esta relação quer relativamente ao *cyberbullying* via telemóvel, quer via Internet).

A restante investigação neste âmbito revelou, em consonância com o presente estudo, que as vítimas de *cyberbullying* são também vítimas de *bullying*, estabelecendo a restante pesquisa uma relação entre o *cyberbullying* e o *bullying* tradicional (Tokunaga, 2010). A pesquisa realizada por Hinduja e Patchin (2009) sugere que existe uma relação entre o *cyberbullying* e o *bullying* tradicional. Os mesmos autores acrescentam ainda que apesar de ser difícil determinar se é o *bullying* tradicional a causar o *cyberbullying*, ou o contrário, existe uma clara correlação entre ambos os tipos de comportamento agressivo. Verificaram, na sua pesquisa, que 42,4% dos jovens que referiram ser vítimas de *cyberbullying* também já foram alvos de *bullying* em contexto escolar, e que 51,6% dos alunos que referiram praticar *cyberbullying* também admitiram praticar *bullying* tradicional (Hinduja & Patchin, 2009). Já no que concerne à amostra do presente estudo, a percentagem de vítimas de *bullying* electrónico que também já sofreu de *bullying* tradicional é ainda mais elevada, o mesmo acontecendo para os praticantes de *cyberbullying* que também já agrediram outros em contexto escolar.

Também Li (2005) concluiu existir uma relação entre o *bullying* e o *cyberbullying*, tanto no que concerne à prática como à consequente vitimização, já que cerca de um em três sujeitos que responderam ser vítimas de *bullying* também confessaram ser vítimas de *cyberbullying*, e quase 30% dos jovens dos *bullies* disseram ser também *cyberbullies*. Observou ainda que cerca de um sexto das vítimas de *bullying* também já cometeram *cyberbullying* contra outrem. O mesmo se comprovou no presente estudo, já que se encontrou uma relação entre a vitimização resultante do *bullying* tradicional e a prática de *cyberbullying*.

Juvoven e Gross (2008) também comprovaram, através de um estudo no âmbito desta temática, que cerca de 85% dos jovens que sofrem de *bullying online* são também vítimas em contexto escolar. Muitos outros autores abordaram esta relação entre *bullying* tradicional e *cyberbullying* chegando a conclusões semelhantes às dos estudos supracitados, que apontam para uma estreita relação entre ambos os tipos de comportamento agressivo (Dehue, Bolman e Völlink, 2008; Ortega, Calmaestra e Mércan, 2008; Kowalski and Limber, 2008; Ybarra and Mitchell, 2004; Riebel, Reinhold & Fischer, 2009; Li, 2007a; Campos, 2009; Smith et al., 2008; Slonje & Smith, 2008).

O papel do género no *cyberbullying*: diferenças entre *cyberbullies* e *cybervítimas*

Não se verificaram, no presente estudo, diferenças de género no que diz respeito tanto à prática como à vitimização relacionada com o *cyberbullying*, apesar de se ter observado uma percentagem ligeiramente superior de vítimas do sexo feminino (57,6%), tendo a distribuição dos estudantes consoante o sexo sido equitativa no que se refere à prática deste tipo de agressão.

A investigação relativa à análise da existência de diferenças de género no que concerne ao *cyberbullying* e, mais especificamente, à vitimização, tem chegado a descobertas inconsistentes (Tokunaga, 2010). A maioria dos estudos constatou que nenhum dos géneros (masculino ou feminino) está mais associado à vitimização ou à prática do que outro, resultados que vão de encontro às descobertas deste estudo (Beran & Li, 2007; Li, 2007b; Juvoven & Gross, 2008; Patchin & Hinduja, 2006; Ybarra, 2004; Williams & Guerra, 2007; Wolak, Mitchell & Finkelhor, 2007; Ybarra, Diener-West & Leaf, 2007; Hinduja & Patchin, 2006^a; Erdur-Baker & Tanrikulu, 2010). Hinduja e Patchin (2009), efectuaram uma revisão da literatura e verificaram que as raparigas tendem a praticar *cyberbullying*, e a ser vítimas deste tipo de agressão, tanto como os rapazes, podendo, porém, existir diferenças de género relativamente à natureza subjacente a estes comportamentos de *cyberbullying*.

Apenas uma pequena parte das investigações neste contexto suporta a concepção do género como sendo um preditor significativo da vitimização associada ao *cyberbullying* (Kowalski & Limber, 2007; Ybarra & Mitchell, 2008; Lodge & Frydenberg, 2007). Estes estudos constataram que as raparigas se inserem no grupo de vítimas de *cyberbullying* de uma forma desproporcional relativamente aos rapazes. O facto do sexo feminino ser o que mais sofre de *bullying* electrónico contraria, porém, o já comprovado relativamente à diferença de sexos na literatura relativa ao *bullying* tradicional (Tokunaga, 2010).

Não é possível, perante os estudos que abordam a relação entre variáveis demográficas e a vitimização resultante do *cyberbullying*, afirmar que existem diferenças significativas relativamente ao sexo dos jovens implicados neste tipo de agressão. Os dados indicam que tanto as raparigas como os rapazes estão igualmente representados entre as vítimas (Tokunaga, 2010), bem como entre os agressores.

O papel da idade e do ano de escolaridade no *cyberbullying*: diferenças entre *cyberbullies* e *cybervítimas*

O *cyberbullying* não está condicionado pela idade e pode surgir desde o ensino primário até ao ensino universitário. Apesar deste tipo de agressão poder ser observado em todos os grupos etários, uma grande maioria das investigações realizadas neste âmbito apenas tem como objectivo estudar o fenómeno em crianças e jovens (Tokunaga, 2010). Algumas pesquisas apontam para o *bullying* electrónico tender a aumentar no 3º ciclo do ensino básico (Williams & Guerra, 2007; Wolak, Mitchell & Finkelhor, 2007) ou no ensino secundário (Ybarra & Mitchell, 2004).

O presente estudo, realizado com jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos parece corroborar a maioria dos estudos que demonstraram existir uma falta de associação entre a idade e a agressão e vitimização resultante do *cyberbullying* (Beran & Li, 2007; Juvoven & Gross, 2008; Patchin & Hinduja, 2006; Smith et al., 2008). Porém, outras investigações têm comprovado a relação entre idade e *cyberbullying* existe, nomeadamente o estudo de Hinduja e Patchin (2008), o de Kowalski e Limber (2007), o de Slonje & Smith (2007), o de Ybarra e Mitchell (2008), entre outros.

Como se pode constatar, os resultados são ainda ambíguos quando se trata de estabelecer uma relação entre a idade e quer a prática, quer a vitimização, resultante do *bullying* electrónico. Esta inconsistência deve-se, em parte, à diversidade de intervalos etários incluídos nas diferentes amostras (Tokunaga, 2010). No que concerne ao estudo de Kowalski e Limber (2007), este demonstra existirem associações positivas entre a idade e a frequência de vitimização, relativamente a estudantes com idades compreendidas entre os 11 e os 14 anos. Já Slonje e Smith (2007) descobriram uma relação inversa entre a idade e a vitimização, numa amostra de jovens entre os 12 e os 20 anos de idade. William e Guerra (2007), num estudo com sujeitos dos 5º, 8º e 11º anos de escolaridade, concluíram que os mais jovens (que frequentavam o 5º ano de escolaridade) são os que são menos frequentemente vítimas de *cyberbullying*, atingindo a proporção de estudantes que sofreram deste tipo de agressão o ponto máximo nos jovens que frequentavam o 8º ano, decrescendo novamente nos alunos do ensino secundário (11º ano).

No geral, e como se pode constatar pela discussão anterior, os dados resultantes dos estudos são díspares, e sugerem a existência de uma relação curvilínea entre a idade e a frequência de vitimização e agressão, cujo pico ocorre entre o 7º e o 8º ano de escolaridade. Estes sublinham ainda que a maior frequência de episódios de *cyberbullying* surge durante o segundo e terceiros ciclos do ensino básico (Tokunaga, 2010), motivo que levou à selecção de estudantes do terceiro ciclo do ensino básico para a realização do presente estudo. Contudo, o facto de se ter optado por realizar a investigação relativamente apenas a estes três anos de escolaridade, não permite um intervalo de idades suficientemente amplo, podendo esse facto

ter justificado a não existência de diferenças estatisticamente significativas entre idades no que concerne ao *cyberbullying* (prática e vitimização).

Os hábitos de uso das TIC e o *cyberbullying*

Actualmente, a maior parte dos jovens estudantes usam a Internet e o telemóvel - 97% e 99% respectivamente, o que demonstra a introdução eficaz das TIC na população em idade escolar (UMIC, 2010). Também no que concerne à população do presente estudo se verificou este uso bastante elevado das tecnologias de informação e comunicação, já que a maioria dos estudantes (96,7%) referiu ter telemóvel próprio, percentagem bastante próxima das estatísticas nacionais no que se refere ao uso do telemóvel pelos jovens; a maior parte também relatou ter acesso à Internet em casa, num total de 94,4%, o que também está de acordo com os dados nacionais apurados. É de notar ainda que os dados existentes, que indicam que o uso do telemóvel é mais comum entre os jovens, relativamente à Internet, vão de encontro ao estudo realizado, já que também neste se verificou uma percentagem superior no que se refere ao uso do telemóvel.

Os adolescentes são agentes e consumidores diários da tecnologia de informação e comunicação (Aricak et al., 2008). Num estudo sobre *cyberbullying*, Aricak et al. (2008), concluíam que o tempo despendido na Internet se relaciona com os tipos de comportamentos agressivos com que os estudantes se comprometem. Juvonen & Gross (2008) comprovaram que o maior uso da Internet incrementa significativamente a probabilidade de ocorrência de *cyberbullying*. Os resultados destes estudos estão de acordo com os dados desta investigação, na medida em que se verificou existir uma relação entre a prática de *cyberbullying* através da Internet e o tempo dependido *online* por parte dos participantes, já que foi notória uma tendência para um aumento da prática de *bullying* electrónico via Internet, com um aumento de horas diárias dedicadas a esta actividade. Também Erdur-Baker (2010), num estudo recente, constatou que a frequência do uso de programas de conversação através da Internet se relaciona tanto com a prática como com a vitimização resultante do *cyberbullying*. Apesar da literatura não ter ainda estabelecido relações de causa-efeito relativamente a estas variáveis, tanto o estudo de Erdur-Baker (2010) como os de Li (2006) e Ybarra e Mitchell (2004), demonstram que os adolescentes que utilizam a Internet frequentemente e de uma forma pouco segura têm também uma maior probabilidade de se tornarem *cybervítimas*.

À medida que os jovens avançam nos 2º e 3º ciclos, passam a despender mais tempo com o computador e com outro tipo de tecnologias, o que os torna mais hábeis no seu uso (Kowalski & Limber, 2007). Observou-se, no presente estudo, que a maioria dos participantes referiu ter uma “boa” habilidade para utilizar computadores.

A pesquisa referente ao *cyberbullying* enfatiza a importância da segurança em contexto virtual (Aricak et al., 2008). O uso “arriscado” da Internet foi considerado um factor

importante no que se relaciona com o *cyberbullying* (Erdur-Baker, 2010). Apesar de não existirem na literatura estudos que estabeleçam uma relação de causa-efeito, Ybarra e Mitchell (2004) e Erdur-Baker (2010) provaram que os adolescentes que utilizam a Internet frequentemente e de uma forma perigosa são também alvos mais prováveis de *cyberbullying*.

A maioria dos participantes deste estudo (84,9%) referiu ter conhecimento de estratégias de segurança na Internet. Quando se pretendeu apurar a possível existência de diferenças entre *cyberbullies* e *cybervítimas* e os restantes participantes do estudo que nunca se envolveram em comportamentos de *cyberbullying*, quanto ao uso de estratégias de segurança *online*, estas só surgiram relativamente às estratégias “usar software que nos proteja de conteúdos indesejáveis” e “não partilhar informação pessoal com desconhecidos”, estratégias estas que foram mais usadas pelos praticantes de *cyberbullying*, comparativamente aos estudantes que nunca praticaram este tipo de comportamento. Sendo assim, não será possível tirar nenhuma ilação nem fazer uma ponte com os estudos anteriormente mencionados, já que estes apontam para uma relação entre o uso perigoso da Internet (relacionado com um menor recurso a estratégias de segurança *online*) e a vitimização associada ao *cyberbullying*. Porém, no presente estudo não se verificou qualquer relação entre a vitimização e o uso de estratégias de segurança *online*.

Estratégias para lidar com o *cyberbullying*

Quando confrontados com actos de *cyberbullying*, a maior parte das vítimas deste tipo de agressão referiram lidar com estes de uma forma mais passiva, ignorando o que se passava ou desligando o telemóvel ou fechando o programa ou janela e prosseguindo a realizar outras actividades no computador. Apesar disso, nem todas as estratégias usadas pelos sujeitos foram passivas, agindo grande parte deles de uma forma activa, já que relataram lidar com a situação dizendo ao seu agressor para deixar de o fazer, contando aos amigos ou aos pais o sucedido. Poucos estudantes referiram ter retaliado, fazendo o mesmo que o agressor lhes fez, ter contado a um professor ou reagindo, de uma forma mais emocional, chorando.

No estudo de Aricak et al. (2008), ao contrário do presente estudo, os participantes, quando confrontados com situações de *cyberbullying* reagiram de uma forma mais activa, tendo a maioria reagido bloqueando a mensagem indesejada ou o *cyberbully*, dizendo ao agressor que terminasse com o comportamento agressivo, trocando de nome de utilizador, contando aos amigos ou aos pais. Apenas 1% dos sujeitos do estudo de Aricak et al. (2008) contaram a um professor o sucedido, resultado que vem de encontro ao constatado pelo presente estudo, onde a percentagem de estudantes que relataram contar sobre o incidente a um professor foi igualmente reduzida. Contrariamente ao presente estudo, apenas uma pequena percentagem dos sujeitos do estudo de Aricak et al. usou estratégias passivas como ignorar o comportamento agressivo ou não contar a ninguém sobre o ocorrido. Segundo

estes autores, esta atitude positiva por parte das vítimas de *bullying* electrónico para lidar com o mesmo pode dever-se ao facto de estes saberem a quem recorrer quando necessitam de ajuda (Aricak et al., 2008).

Já os participantes do estudo de Dehue, Bolman e Völlink (2008), usaram, tal como neste estudo, estratégias mais passivas para lidar com o *cyberbullying*, fingindo ignorar ou ignorando de todo a situação. Notaram ainda que alguns alunos reagiam praticando *cyberbullying* contra o seu agressor, facto único que não está em concordância com os resultados deste estudo. Porém, tal como no estudo de Aricak et al. (2008) e no presente estudo, estes autores observaram que dificilmente as vítimas, tal como os *bullies*, falaram sobre os actos de *cyberbullying* com os seus professores.

Também no estudo de Juvonen e Gross (2008) se constatou que a maioria dos jovens referiu não contar a adultos acerca das situações de *cyberbullying*, apontando como razões para tal o facto de acreditarem terem de lidar sozinhos com a situação de agressão, ou por terem receio que os pais lhes restrinjam o acesso à Internet. Referiram ainda não contar a outros adultos (professores, por exemplo), por terem medo da reacção dos pais. Mais uma vez se verificou, através do estudo de Juvonen e Gross, que os alunos se sentem relutantes a contar a adultos sobre as situações de *cyberbullying*, facto que corrobora os dados deste estudo e dos estudos explicitados anteriormente (Aricak et al., 2008; Dehue, Bolman e Völlink, 2008). O mesmo se passou num dos estudos de Smith et al. (2008), no qual a maioria dos jovens respondeu não contar a ninguém acerca dos episódios de *cyberbullying* e, dos sujeitos que contaram, muito raramente o fizeram recorrendo a um professor ou a outro adulto do seu meio escolar.

Como se pode constatar, não há consenso no que concerne à forma como as vítimas de *cyberbullying* reagem a este tipo de comportamento agressivo. Enquanto que uns estudos apontam para maneiras mais passivas de lidar com o problema, outros indicam que os sujeitos lidam com o *cyberbullying* mais activamente. Porém, todos os estudos referem que a maioria dos sujeitos não opta por enfrentar a situação de *cyberbullying* contando a adultos o sucedido, mais especificamente aos próprios pais e a professores. Apesar de alguns referirem tê-lo feito aquando da vitimização, a maioria refere não recorrer a esta estratégia, descoberta que vem de encontro aos resultados do presente estudo.

Como evidenciado no estudo de Lodge e Frydenberg (2007), os jovens necessitam de intervenção especializada para lidar tanto com o *bullying* como com o *cyberbullying*, já que estes autores constaram, no seu estudo, que os sujeitos que são persistentemente vítimas destes tipos de agressão não têm estratégias para responder, nem procuram, a maior parte das vezes, ajuda. Estes mencionam ainda que as intervenções cognitivo-comportamentais podem ajudar estes mesmos alunos ensinando-lhes estratégias de *coping* para lidar com este tipo de situações (Lodge e Frydenberg, 2007). Para Riebel, Jager e Fischer (2009) antes que seja possível ensinar aos jovens estratégias para lidar com o *bullying* e o *cyberbullying*, devem-se identificar aquelas que são mais bem sucedidas. Assim, com o intuito de reduzir o sentimento de impotência e as probabilidades de existência de respostas inadequadas, os

autores referem que devem ser ensinadas aos jovens técnicas que permitam aumentar o sentimento de auto-eficácia, e compreender os sentimentos e as cognições dos sujeitos aquando de uma situação de *bullying* (Riebel, Jager & Fischer, 2009).

Consequências e problemáticas associadas ao *cyberbullying*

Os problemas de vida resultantes da vitimização associada ao *cyberbullying* podem variar deste níveis triviais de *distress* e frustração a sérios problemas psicossociais. Várias condições negativas consideradas resultantes do *bullying* electrónico dependem da frequência, duração e severidade dos actos agressivos. As formas severas de *cyberbullying* relacionam-se com maiores probabilidades do aparecimento problemas sociais e de saúde mental comparativamente a comportamentos menos ameaçadores.

Relativamente aos sentimentos despertados nas vítimas de *cyberbullying* do presente estudo, tanto através do telemóvel como da Internet, a maioria referiu sentir-se mal, triste, irritada, indiferente ou preocupada com o que os outros possam pensar ou dizer sobre si. Já na perspectiva do agressor, a maioria referiu que quando pratica actos de *cyberbullying* contra outrem, via telemóvel ou Internet, a vítima se sente triste, mal, indefesa ou irritada. De acordo com o estudo de Dehue, Bolman e Völlink (2008), grande parte dos estudantes referem sentir-se tristes e irritados aquando da vitimização subjacente ao *cyberbullying*. O estudo destes autores sugere ainda a existência de uma relação entre sentimentos negativos e o *cyberbullying*, referindo porém que é necessária ainda pesquisa sobre as consequências deste tipo de agressão (Dehue, Bolman e Völlink, 2008).

Ortega e Calmaestra (2009) verificaram que a maioria dos participantes do seu estudo que referiu ser vítima de *cyberbullying* relatou sentir-se mal, irritado, triste ou indiferente, resultados que corroboram os do presente estudo, onde se concluiu que as vítimas apresentam, na sua maioria, esses mesmos sentimentos. Já relativamente aos agressores, no mesmo estudo desses autores, a maior parte destes referiram que quando praticam *cyberbullying* crêem que as vítimas do mesmo se sentem mal, irritadas, ou indiferentes, dados que também vão de encontro aos deste estudo, onde se verificou que os agressores acreditam que as vítimas se sentem mal ou irritadas. Como se pode observar, e tal como no estudo de Ortega e Calmaestra (2009), independentemente do papel que desempenham (vítima ou agressor), há sentimentos comuns associados aos comportamentos de *cyberbullying*, como o seu efeito a irritabilidade e o seu efeito desagradável.

- Problemas académicos e *cyberbullying*

Apesar de alguns estudos apontaram para decréscimos na performance académica por parte das vítimas de *cyberbullying*, resultantes da sua baixa concentração e maiores

níveis de frustração relativamente ao *bully* e à situação de *cyberbullying* (Beran & Li, 2007, Patchin & Hinduja, 2006), no presente estudo não se verificou uma relação entre notas mais baixas e vitimização. Porém, observou-se uma tendência para notas mais baixas nos alunos que afirmam praticar *cyberbullying*.

- O *cyberbullying* e a sintomatologia psicopatológica

Comprovou-se ainda a existência de problemas psicossociais e humor negativo nas vítimas de *cyberbullying* decorrentes deste tipo de agressão (Tokunaga, 2010). A depressão, por exemplo, está associada com a severidade das experiências de *cyberbullying* (Ybarra, 2004). Podem ainda surgir nestes sujeitos problemas psicossociais, tais como a ansiedade social (Juvonen & Gross, 2008). A vitimização pode ainda estar associada a perturbações afectivas (Tokunaga, 2010), bem como o *stress* emocional, a raiva e a tristeza perante o *cyberbullying* e o acto agressivo (Patchin & Hinduja, 2006; Ybarra, 2004). As vítimas podem ainda experienciar problemas sociais, tais como a indiferença, a hostilidade externalizada e a delinquência (Tokunaga, 2010).

Verificou-se, no presente estudo que há uma tendência para os alunos que sofrem de *cyberbullying* manifestarem médias mais altas relativamente à sintomatologia psicopatológica do que os estudantes que nunca foram vítimas de *cyberbullying*. Já no que concerne à prática de *cyberbullying*, apenas se verificou existir uma tendência para médias mais altas na sintomatologia psicopatológica nos sujeitos que praticam este tipo de comportamento através da Internet, comparativamente aos que nunca praticaram actos de *cyberbullying*.

Constatou-se ainda, na linha dos resultados anteriores, que existe uma relação entre vitimização e presença de perturbação emocional, sendo esta relação mais forte no que diz respeito ao *cyberbullying* através da Internet. Quanto à agressão, verificou-se apenas existir uma tendência para a existência de perturbação emocional nos sujeitos praticantes de *cyberbullying* através da Internet.

Observou-se ainda existir uma relação entre a agressão e a vitimização decorrente dos comportamentos de *cyberbullying* e várias dimensões do Inventário de Sintomas Psicopatológicos. Porém, verificou-se uma maior força na relação da prática e vitimização com algumas dimensões específicas. Neste sentido, verificou-se existir uma maior relação entre a vitimização e a Sensibilidade Interpessoal, a Ansiedade Fóbica, a Somatização, Ansiedade e a Depressão.

Já no que diz respeito à prática de *cyberbullying*, verificou-se existir uma relação mais forte entre a prática e a Ansiedade, a Hostilidade, e a Ansiedade Fóbica. É de notar que se consideraram apenas as dimensões cujas relações foram mais fortes com a agressão/vitimização, tendo em conta aquelas que foram comuns à prática/vitimização através do telemóvel e da Internet.

Apesar de não existirem estudos disponíveis na literatura que recorram ao Inventário de Sintomas Psicopatológicos, existem vários que relacionam o *cyberbullying* com as suas consequências e, muitas das vezes, com a existência de problemas psicopatológicos. Sendo assim, prosseguir-se-á com a discussão, relacionando o constatado no presente estudo com algumas dessas investigações.

Juvonen & Gross (2008), observaram que com o aumento de número de situações de *cyberbullying* aumentam os níveis de ansiedade relatados pelos participantes, ou seja, que as experiências de *bullying* electrónico estão associadas a um nível mais elevado de ansiedade. Os dados da sua investigação sugerem que a frequência dos comportamentos de *cyberbullying* se relaciona com o aumento do *stress*, embora seja importante ter em conta que a mera associação entre o *stress* e o *cyberbullying* não nos permite concluir se estas experiências de *bullying* causam perturbações emocionais, ou se os jovens com problemas de ansiedade passam mais tempo *online* comparativamente aos que não sofrem deste tipo de problemática (Juvonen & Gross, 2008). O mesmo se deve ter em conta relativamente ao presente estudo, já que apesar de existir uma relação entre a prática e vitimização relacionada com o *cyberbullying* e a sintomatologia psicopatológica, não se pode concluir se é a prática ou a vitimização que conduz a este tipo de sintomatologia, ou o facto dos estudantes com esta sintomatologia recorrerem mais aos meios de comunicação e informação, e decorrente deste facto pratiquem ou sejam vítimas deste tipo de agressão. Apesar disso, também neste estudo se verificou uma associação entre a vitimização e a sintomatologia ansiosa (traduzida pelas dimensões Ansiedade, a Ansiedade Fóbica e até mesmo a Somatização, por representar o componente somático da ansiedade).

Perren, Dooley, Shaw e Cross (2010), num estudo sobre o *cyberbullying* e a sintomatologia depressiva em jovens australianos e suíços, provaram que existe uma associação entre a vitimização resultante do *bullying* electrónico com a sintomatologia depressiva, sendo esta até superior à associada ao *bullying* tradicional. Demonstraram ainda que a vitimização decorrente deste tipo de agressão foi um preditor significativo dos sintomas depressivos, sendo este resultado independente da cultura. Estes dados sugerem um estado de saúde mental negativo associado à exposição a actos de *cyberbullying*. Também as conclusões deste estudo corroboram as do presente estudo, visto que a dimensão Depressão (que diz respeito aos indicadores da depressão clínica) do BSI se associou à vitimização, embora não se possa estabelecer uma relação de causalidade entre ambas as variáveis. Ybarra (2004) desenvolveu outro estudo, abordando a mesma temática, que chegou a conclusões semelhantes, já que comprovou que a sintomatologia depressiva tem grande papel explicativo relativamente à vitimização associada ao *cyberbullying*.

Tal como supracitado podem ainda surgir as vítimas de *cyberbullying* problemas psicossociais (Juvonen & Gross, 2008). Verificou-se que a vitimização também se relacionou em grande medida com a dimensão Sensibilidade Interpessoal do BSI, que se centra nos sentimentos de inadequação pessoal, na inferioridade, em comparação com outros sujeitos,

para além de se relacionar também com a autodepreciação, na hesitação, no desconforto e timidez durante as interacções sociais.

Os resultados do estudo de Beran e Li (2005) comprovaram existir uma relação entre agressão e *cyberbullying*, bem como o estudo de Dilmaç (2009), que constatou que a agressão predizia o envolvimento em comportamentos de *bullying* electrónico e a possibilidade da prática futura deste comportamento.

Como se pode concluir pela discussão dos presentes resultados, a maioria dos dados recolhidos vão de encontro à restante investigação relativa ao fenómeno do *cyberbullying*. Seguidamente realizar-se-á uma conclusão geral sobre os resultados do estudo, apontando possíveis limitações ao mesmo, que não permitam uma generalização dos resultados, e ainda algumas sugestões para a realização de investigações futuras acerca desta temática.

6. Conclusão

Apesar da elevada preocupação inerente ao fenómeno do *cyberbullying*, existe ainda uma notória escassez de investigações acerca deste tipo de comportamento agressivo, que embora intimamente ligado ao *bullying*, tem características próprias e distintas. O *cyberbullying* pode acarretar efeitos negativos sérios para o funcionamento social, emocional, e académico da vítima, bem como ter um grande impacto no próprio ambiente escolar.

Com esta investigação conclui-se que o *cyberbullying* atingiu já dimensões preocupantes. No que concerne ao objectivo primordial da presente investigação, a caracterização da natureza e ocorrência do fenómeno do *cyberbullying* no contexto português e, mais especificamente, o apuramento da incidência deste tipo de agressão relativamente a estudantes do terceiro ciclo do ensino básico, verificou-se que a prevalência de vítimas é já algo elevada, bem como a de *bullies*, que apesar de menor, é já também merecedora de atenção. A existência de uma prevalência inferior de agressores pode dever-se ao facto dos estudantes terem receio de assumir o seu papel de *bullies*, por medo de represálias que daí pudessem advir, ainda que lhes tivesse sido explicado o anonimato e confidencialidade do questionário em causa. Outra explicação para esta menor percentagem de agressores pode relacionar-se com a desejabilidade social: os sujeitos poderão não ter assumido praticar comportamentos de *cyberbullying*, optando por dar respostas socialmente aceites.

Porém deve ter-se cuidado na leitura destes resultados. Devido às várias inconsistências presentes na literatura relativamente ao conceito do *cyberbullying*, este carece ainda de uma definição precisa que constitua uma unificação das várias definições existentes. Neste estudo, tal como noutros, consideraram-se casos de *cyberbullying* aqueles que os sujeitos referiram ter acontecido “apenas uma ou duas vezes”. Porém, a definição de *cyberbullying* implica o conceito de repetição, o que faz com que os episódios de agressão praticados, recorrendo às TIC, “apenas uma ou duas vezes” possam, para alguns autores, não constituir verdadeiros episódios de *cyberbullying*, mas episódios isolados de agressão. É fulcral que se operacionalize devidamente o conceito de *cyberbullying* para determinar que episódios podem ou não ser considerados como tal.

Inserido neste objectivo mais geral, estabeleceram-se diversas outras metas relativamente à presente investigação. Esta visava, então, estudar as possíveis relações existentes entre o *cyberbullying* e o género, a idade, o ano de escolaridade, a média escolar, os hábitos de uso das TIC, o conhecimento e utilização de estratégias de segurança *online*, o *bullying* tradicional e a existência de perturbação emocional nos sujeitos envolvidos em comportamentos de *cyberbullying*, determinando, assim, o impacto psicológico e emocional deste tipo de agressão.

A restante investigação apresenta números muito variáveis no que concerne à prevalência deste tipo de agressão, podendo este facto resultar da diversidade de instrumentos utilizados pelos diversos autores na recolha de dados. Esta constitui também

uma limitação no presente estudo, já, por não estarem disponíveis outros tipos de instrumentos, e por não haver nenhum que avalie este tipo de comportamento relativamente à população portuguesa, foi utilizado um questionário com base em outros disponíveis para outras populações. Para além disso, o facto de no instrumento estarem contidas definições de comportamentos como o *bullying* ou o *cyberbullying*, que para alguns sujeitos poderiam ser conceitos complexos, poderá ter dificultado a compreensão das questões, e promovido respostas pouco precisas. Assim é necessário que a investigação futura considere a necessidade de criação de um instrumento de medida de *cyberbullying*, aferido à população portuguesa, que seja válido e fiável, para que se possa aumentar a qualidade da pesquisa, medindo os constructos de uma forma equitativa.

Verificou-se, no presente estudo, e à semelhança da restante investigação existente, que o *bullying* tradicional está relacionado com o *cyberbullying*, quer relativamente à prática, quer relativamente à vitimização. Este resultado comprova a íntima relação entre estes dois tipos de comportamento agressivo que, embora tenham algumas particularidades, mantêm vários aspectos em comum.

Não se observaram, relativamente a este estudo, diferenças de género, idade ou ano de escolaridade, tal como o que foi demonstrado na maioria das investigações que investigaram estas mesmas relações.

No que se refere ao uso das tecnologias de informação e comunicação, verificou-se que quase todos os jovens têm acesso às mesmas, mais particularmente ao computador e ao telemóvel, usando-as diariamente durante várias horas. Observou-se, relativamente ao tempo despendido com as TIC, uma relação entre a prática de *cyberbullying* e o tempo gasto *online* pelos sujeitos, o que também vai de encontro ao constatado por determinadas investigações.

É importante enfatizar o papel da segurança em contextos virtuais com o intuito de prevenir comportamentos de *cyberbullying*. Contudo, no presente estudo, não se verificou qualquer associação entre a não utilização de estratégias de segurança *online* e a vitimização associada ao *cyberbullying*.

A maioria dos sujeitos relatou ainda recorrer a estratégias passivas para lidar com os actos de *bullying* electrónico. Poucos referiram recorrer à ajuda de adultos (pais e professores) aquando da vitimização. O facto de não recorrerem a adultos neste tipo de situações pode advir do receio de lhes ser retirado o meio através do qual a agressão ocorreu: o computador ou o telemóvel. É necessário adoptar estratégias preventivas dirigidas não apenas aos estudantes mas também aos pais e professores, e a toda a comunidade escolar, para que estes comportamentos também possam ser alterados e para que os jovens aprendam estratégias de *coping* para lidar com este tipo de agressão.

Não se observou, no presente estudo, uma relação entre notas mais baixas e vitimização. Alguns estudos apontaram para decréscimos na performance académica por parte das vítimas de *cyberbullying*. Porém, é de notar que esta investigação não permitia verificar a existência desses decréscimos, por apenas solicitar aos participantes que indicassem a média escolar relativa ao último ano lectivo, sem ter nenhum dado que

permitisse indagar qual a sua média escolar antes e depois da ocorrência dos actos agressivos. As investigações futuras deverão ter em conta este facto e introduzir uma medida que permita analisar a evolução da performance académica, bem como introduzir outros indicadores da mesma, que não passem apenas pelas médias escolares dos estudantes.

Constatou-se ainda no presente estudo uma relação entre o *cyberbullying* e a existência de perturbações emocionais. Mais uma vez, este resultado corrobora os dados de outras investigações, bem como a literatura existente, que assinala as várias consequências nefastas que advêm deste tipo de agressão, não só para a vítima, mas também relativamente ao agressor.

Para além das limitações ao estudo anteriormente enumeradas, deve destacar-se ainda a extensão do questionário utilizado e o facto da aplicação do questionário ter sido realizada por parte dos professores, que apesar de terem instruções detalhadas de como proceder, nalguns casos a aplicação do inquérito pode não ter sido realizada com o maior rigor e controlo.

Apesar de já se terem dado algumas indicações acerca de factores a ter em conta para investigações futuras, é de salientar a importância de um melhor conhecimento do fenómeno do *cyberbullying*, para que se possam criar medidas preventivas adequadas a ser aplicadas em contexto escolar. Assim, a pesquisa futura deverá ter atenção a algumas variáveis específicas, intrinsecamente ligadas ao conceito de *cyberbullying*, relacionadas com a utilização da tecnologia (tal como o anonimato, por exemplo), variáveis essas que ainda não foram amplamente exploradas na literatura existente.

O *cyberbullying* constitui assim um fenómeno complexo que necessita de ser bem definido e estudado para que se possam estabelecer medidas preventivas, que, segundo Worthen (2007) apenas são passíveis de implementar partindo de um conhecimento profundo sobre as causas e características deste tipo de comportamento agressivo.

7. Referências Bibliográficas

- Almeida, A. M. T. (1999). Portugal. In Smith, P. K., Morita, S. Y., Junger-Tas, J., Olweus, D., Catalano, R. & Slee, P. (Ed.), *The Nature of School Bullying: A Cross-National Perspective* (pp.174-186) London: Routledge.
- Amado, J., Matos, A. & Pessoa, T. (2009). Cyberbullying - The situation in Portugal: Country Report. Acedido a 28 de Dezembro de 2010, em www.cybertraining-project.org/reports/CyberTraining%20-%20Situation%20in%20Portugal.doc
- Amado, J., Matos, A., Pessoa, T. & Jäger, T. (2009). Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação. *Interacções*, 13, 301-326.
- ANACOM (2010). Serviços de Comunicações Electrónicas Móveis, 3º Trimestre de 2010. Acedido a 2 de Janeiro de 2011, em www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1061589
- Aricak, T., Siyahhan, S., Uzunhasanoglu, A., Saribeyoglu, S., Ciplak, S., Yilmaz, N. & Memmedov, C. (2008). Cyberbullying among Turkish Adolescents. *Cyberpsychology and behavior*, 11(3), 253-261.
- Beran, T., & Li, Q. (2007). The relationship between cyber-bullying and school bullying. *Journal of Student Wellbeing*, 1(2), 15-33.
- Campbell, M. A. (2005). Cyber bullying: An old problem in a new guise? *Australian Journal of Guidance and Counselling*, 15(1), 68-76.
- Campos, M. (2009). *O Cyberbullying: Natureza e Ocorrência em Contexto Português*. Tese de Mestrado. Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, Portugal.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In Almeida, L., Simões, M., Machado, C. & Gonçalves, M. (Eds.) *Avaliação psicológica. Instrumentos validados para a população Portuguesa*, vol. III. (pp. 305-331) Coimbra: Quarteto Editora.
- Cardoso, G., Espanha, R. & Lapa, T. (2007). E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal. Acedido em 2 de Janeiro de 2011, em <http://cies.iscte.pt/destaques/documents/E-Generation.pdf>

- Coloroso, B. (2005). *The bully, the bullied, and the bystander: from preschool to high school - How parents and teachers can help break the cycle of violence*. London: Picadilly Press.
- Cook, C. R., Williams, K. R., Guerra, N. G., & Tuthill, L. (2007). Cyberbullying: What it is and what we can do about it. *NASP Communiqué*, 36(1), 4 - 5.
- Dehue, F., Bolman, C. & Völlink, T. (2008). Cyberbullying: youngsters' Experiences and Parental Perception. *Cyberpsychology & Behavior*, 11 (2), 217-223.
- Diamanduros, TR., Downs, E. & Jenkins, S. J. (2008). The role of school psychologists in the assessment, prevention, and intervention of cyberbullying. *Psychology in the Schools*, 45 (8), 693-704.
- Dilmaç, B. (2009). Psychological needs as a predictor of cyber bullying: a preliminary report on college students. *Educational Sciences: Theory & Practice*, 9(3), 1307-1325.
- ERC (2008). Estudo de Recepção dos Meios de Comunicação Social. Acedido a 3 de Janeiro de 2011, em <http://www.erc.pt/index.php?op=conteudo&lang=pt&id=198&mainLevel=folhaSolta>
- Erdur-Baker, Ö. & Tanrikulu, İ. (2010). Psychological consequences of cyber bullying experiences among Turkish secondary school children. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 2(2), 2771-2776.
- Erdur-Baker, Ö. (2010). Cyberbullying and its correlation to traditional bullying, gender and frequent and risky usage of internet-mediated communication tools. *New Media & Society*, 12(1), 109-125.
- Eurobarometer (2008). Towards a safer use of the internet for children in the EU - a parents' perspective: Analytic report. Acedido a 3 de Janeiro de 2011, em http://ec.europa.eu/public_opinion/flash/fl_248_en.pdf
- Fegenbush, B. F. & Olivier, D. F. (2009). Cyberbullying: a literature review. Acedido a 4 de Março de 2011, em http://ullresearch.pbworks.com/f/Fegenbush_Cyberbullying_LERAConferencePaper.pdf
- Feinberg, T. & Robey, N. (2008). Cyberbullying. *Principal Leadership*, 9 (1), 10-14.
- Gomez, D. (2005). *Cyberbullying and electronic stalking: the ins and outs of these offenses on the rise*. Tese de Mestrado. Eastern Michigan University, Michigan, USA.

- Hernández-Prados, M. A. & Fernández, I. M. A. (2006). Cyberbullying, un problema de acoso escolar (cyberbullying, a bullying problem). *RIED* 10(1), 17-36.
- Hinduja, S. & Patchin, J. W. (2009). *Bullying beyond the schoolyard: preventing and responding to Cyberbullying*. USA: Corwin Press.
- Huesmann, L. R. (2007). The impact of electronic media violence: scientific theory and research. *Journal of Adolescent Health*, 41(6), 6-13.
- Juvonen, J. & Gross, E. F. (2008). Extending the school grounds? - Bullying experiences in cyberspace. *Journal of School Health*, 78(9), 496-505.
- Kowalski, R. M. & Limber, S. P. (2007). Electronic Bullying Among Middle School Students. *Journal of Adolescent Health*, 41(6), 22-30.
- Li, Q. & Beran, T. (2007). The Relationship between Cyberbullying and School Bullying. *Journal of Student Wellbeing*, 1(2), 15-33.
- Li, Q. (2007a). New bottle but old wine: A research of cyberbullying in schools. *Computers in Human Behavior*, 23 (4), 1777-1791.
- Li, Q (2007b). Bullying in the new playground: Research into cyberbullying and cyber victimisation. *Australian Journal of Educational Technology*, 23(4), 435-454.
- Li, Q. (2008). A cross-cultural comparison of adolescents' experience related to cyberbullying. *Educational Research*, 50(3), 223-234.
- Lodge, L. & Frydenberg, E. (2007). Cyber-Bullying in Australian Schools: Profiles of Adolescent Coping and Insights for School Practitioners. *The Australian Educational and Developmental Psychologist*, 24(1), 45-58.
- Monks, C., Smith, P. K., Naylor, P., Barter, C., Ireland, J. L. & Coyne, I. (2009). Bullying in different contexts: Commonalities, differences and the role of theory. *Aggression and Violent Behavior*, 14(2), pp. 146-156.
- Neves, M. (2008). *Crianças online: Para uma prevenção precoce do risco*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa ISCT, Lisboa, Portugal.

- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: what we know and what we can do*. USA: Blackwell Publishing.
- Olweus, D. (1995). Bullying or peer abuse at school: Facts and intervention. *Current Directions in Psychological Science*, 4(6), 196-201.
- Olweus, D. (2001). Bullying at school: tackling the problem. *OECD Observer*, 225, 24-26.
- Ortega, R., Calmaestra, J. & Mora-Merchán, J. (2008). Cyberbullying. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy*, 8(2), 183-192.
- Ortega, R., Elipe, P. & Calmaestra, J. (2009). Emociones de agresores y víctimas de cyberbullying: un estudio preliminar en estudiantes de secundaria. *Ansiedad y Estrés*, 15(2), 151-165.
- Paiva, J. (2003). As tecnologias da informação e da comunicação - utilização pelos alunos. Lisboa: ME-DAPP. Acedido a 3 de Janeiro de 2011, em <http://nautilus.fis.uc.pt/cec/estudo/dados/jpaiva-estudo-alunos.pdf>
- Patchin, & Hinduja, (2006). Bullies move beyond the schoolyard: A preliminary look acyberbullying. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4(2), 123-147.
- Pellegrini, A., & Bartini, M. (2000). A longitudinal study of bullying, victimization, and peer affiliation during the transition from primary school to middle school. *American Educational Research Journal*, 37(3), 699-725.
- Perren, S., Dooley, J., Shaw T. & Cross, D. (2010). Bullying in school and cyberspace: Associations with depressive symptoms in Swiss and Australian adolescents. *Child and Adolescent Psychiatry & Mental Health*, 4(28), 1-10.
- Pinheiro, L. O. (2009). *Cyberbullying em Portugal: Uma perspectiva sociológica*. Tese de Mestrado. Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Riebel, J., Reinhold, S., Jäger & Fischer, U. C. (2009). Cyberbullying in Germany - an exploration of prevalence, overlapping with real life bullying and coping strategies. *Psychology Science Quarterly*, 51(3), 298-314.
- Sá, J. I. A. (2007). *Manifestações de bullying no 3º Ciclo do Ensino Básico - um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal.

- Sharp, S. & Smith, P. K. (1994). Understanding bullying. In Sharp, S. & Smith, P. K. (Ed.), Tackling bullying in your school (pp.7-21) London: Routledge.
- Slonje, R. & Smith, P. K. (2008). Cyberbullying: Another main type of bullying? *Scandinavian Journal of Psychology*, 49, 147-154.
- Smith, P. K. & Morita, Y. (1999). Introduction. In Smith, P. K., Morita, S. Y., Junger-Tas, J., Olweus, D., Catalano, R. & Slee, P. (Ed.), *The Nature of School Bullying: A Cross-National Perspective* (pp.1-4) London: Routledge.
- Smith, P., Mahdavi, J., Carvalho, M., & Tippett, N. (2006). Na investigation into cyberbullying, its forms, awareness and impact, and the relationship between age and gender in cyberbullying. Acedido a 20 de Março de 2011, em <http://www.anti-bullyingalliance.org.uk/pdf/CyberbullyingreportFINAL230106.pdf>
- Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russel, S. & Tippett, N. (2008). Cyberbullying: its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376-385.
- Smith, P. K. (2009). Cyberbullying: Abusive Relations in Cyberspace. *Journal of Psychology*, 217(4), 180-181.
- Strom, P. S. & Strom, R. D. (2008). Cyberbullying by adolescents: a preliminary assessment. *The Educational Forum*, 70 (1), 21-36.
- Tokunaga, R. S. (2010). Following you home from school: A critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Computers in Human Behavior*, 26(3), 277-287.
- UMIC (2010). A Sociedade da Informação em Portugal - Maio de 2010. Acedido em 3 de Janeiro de 2011, em http://www.unic.pt/images/stories/publicacoes2/A_SI_em_PT_doc_trabalho_Maio_2010.pdf
- Whitaker, J. L. & Bushman, B. J. (2009). Online dangers: Keeping children and adolescents safe. *Washington and Lee Law Review*, 66(3), 1053-1063.
- Willard, N. (2005). Educator's guide to cyberbullying and cyberthreats. Acedido a 12 de Abril de 2011, em <http://csriu.org/cyberbully/docs/cbcteducator.pdf>

- Wolak, J., Mitchell, J. & Finkelhor, D. (2007). Does online harassment constitute bullying? An exploration of online harassment by known peers and online-only contacts. *Journal of adolescent health*, 41, 51-58.
- Worthen, M. R. (2007). Education policy implications from the expert panel on electronic media and youth violence. *Journal of Adolescent Health*, 41, 61-63.
- Ybarra, M. L. (2004). Linkages between depressive symptomatology and internet harassment among young regular internet users. *Cyberpsychology & Behavior*, 7(2), 247-257.
- Ybarra, M. L. & Mitchell, K. J. (2004). Online aggressor/targets, aggressors, and targets: a comparison of associated youth characteristics. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(7), 1308-1316.
- Ybarra, M. L., Diener-West, M. & Leaf, P. J. (2007). Examining the Overlap in Internet Harassment and School Bullying: Implications for School Intervention. *Journal of Adolescent Health*, 41, 42-50.
- Ybarra, M. L. & Mitchell, K. J. (2008). How risky are social networking sites? A comparison of places online where youth sexual solicitation and harassment occurs. *Pediatrics*, 121(2), 350-357.
- Zhang, A. T., Land, L. P. W. & Dick, G. (2010). Key influences of cyberbullying for university students. *PACIS 2010 Proceedings*, 83.

Anexos

Anexo 1: Questionário de *Cyberbullying*

Questionário de *Cyberbullying*

Este questionário pretende ajudar-nos a conhecer como se utilizam as novas tecnologias (Telemóvel e Internet) nas relações entre os jovens como tu. Estamos interessados no aparecimento de uma nova forma de bullying, o cyberbullying, e em como os jovens são afectados pelo uso inadequado das TIC. Por favor responde de forma sincera às perguntas, já que o questionário é anónimo e confidencial e ninguém saberá quais são as tuas respostas.

Obrigado pela tua sinceridade e por nos dedicares o teu tempo.

Primeiro queremos que nos dês algumas informações sobre ti, respondendo às questões que se seguem:

O teu sexo é: **Tens:** _____ anos

Masculino Feminino

Frequentas o: 7º ano 8º ano 9º ano

As tua média escolar no ano anterior foi de: (se não souberes indica, no espaço em branco, a nota que tiveste em cada disciplina)

1 2 3 4 5 Notas que tiveste: _____

Já repetiste algum ano? Sim Não

Em que distrito resides? _____

Em seguida queremos saber quais são os teus hábitos em relação ao uso da Internet e do telemóvel. Assinala no quadrado com uma cruz a tua resposta ()

1. Tens telemóvel?

Sim Não

2. Tens acesso à internet em casa?

Sim Não

3. Onde costumas ter acesso à internet? (podes assinalar mais do que uma opção)

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Não uso a internet | <input type="checkbox"/> Na biblioteca local |
| <input type="checkbox"/> No meu quarto | <input type="checkbox"/> Num cibercafé |
| <input type="checkbox"/> Em casa, mas não no meu quarto | <input type="checkbox"/> Na casa de um familiar |
| <input type="checkbox"/> Na escola | <input type="checkbox"/> Noutro lugar (indica qual): _____ |
| <input type="checkbox"/> Na casa de um amigo | |

4. Para que actividades usas a internet? (podes assinalar mais do que uma opção)

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Não uso a internet | <input type="checkbox"/> Fazer compras <i>online</i> |
| <input type="checkbox"/> Visitar páginas <i>web</i> (<i>sites</i>) | <input type="checkbox"/> Enviar/receber <i>e-mails</i> |
| <input type="checkbox"/> Conversar em salas de <i>chat</i> | <input type="checkbox"/> Estudar |
| <input type="checkbox"/> Fazer <i>download</i> de música, filmes ou programas | |
| <input type="checkbox"/> Jogar | |
| <input type="checkbox"/> Enviar mensagens instantâneas (<i>MSN Messenger, Skype, Google Talk, etc.</i>) | |
| <input type="checkbox"/> Outro (indica qual): _____ | |

5. Como avalias a tua habilidade para utilizar computadores?

- Nunca usei o computador
 É razoável
 É boa
 É excelente

6. Em média, por dia, quantas horas despendes com:

	0h	<1h	1-3h	3-5h	5h ou +
Telemóvel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Internet	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
MSN Messenger, Skype, Google Talk, Salas de chat	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Jogos online	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Páginas web (sites), blogs	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Redes sociais (Facebook, Hi5, MySpace)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversar online com amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversar online com desconhecidos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Perseguir outros online	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

7. Conheces estratégias de segurança na Internet?

Não Sim

Se sim, quais é que são para ti estratégias de segurança e quais é que utilizaste na última semana?

	Estratégias que conheço:	Na última semana usei:
Usar <i>software</i> que nos proteja de conteúdos indesejáveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nunca abrir <i>links</i> ou anexos de pessoas desconhecidas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não partilhar informação pessoal com desconhecidos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Evitar ter conversas privadas com pessoas desconhecidas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bloquear ou não adicionar <i>e-mails</i> desconhecidos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contactar o servidor quando se é perseguido <i>online</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contar a adultos quando se é perseguido <i>online</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mudar o <i>nick name</i> ou de <i>e-mail</i> quando se é perseguido	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Lê agora a informação que se segue, para depois te podermos fazer algumas perguntas:

✓ O **bullying** é um comportamento agressivo de abuso de poder, em que um aluno ou um grupo de alunos diz ou faz coisas desagradáveis a outro(s) aluno(s), que não se conseguem defender facilmente, acontecendo mais do que uma vez ao longo do tempo.

✓ O **cyberbullying** é um tipo de comportamento agressivo de abuso de poder (um tipo de *bullying*) que ocorre através do uso de meios tecnológicos, tal como a **Internet** ou o **telemóvel**, com o objectivo de assediar, ameaçar ou intimidar alguém.

As perguntas que queremos fazer-te são:

8. Já assististe a situações de *bullying* na tua escola?

- Não, não há *bullying* na minha escola
- Apenas uma ou duas vezes
- Sim, uma ou duas vezes por semana
- Sim, várias vezes por semana

9. Quantas vezes foste vítima de *bullying*?

- Nenhuma, nunca fui vítima de *bullying*
- Apenas uma ou duas vezes
- Uma vez por semana
- Várias vezes por semana

10. Quando foi a última vez que isso aconteceu?

- Nunca
- Na última semana
- No último mês
- Neste período lectivo
- No último ano lectivo
- Há mais de um ano

11. Já praticaste actos de *bullying*?

- Nunca pratiquei actos de *bullying* (nunca fui um *bullie*)
- Apenas aconteceu uma ou duas vezes
- Sim, pelo menos uma vez por semana
- Sim, várias vezes por semana

12. Quando foi a última vez que isso aconteceu?

- Nunca
- Na última semana
- No último mês
- Neste período lectivo
- No último ano lectivo
- Há mais de um ano

13. Tens conhecimento de casos de *cyberbullying* no meio que te rodeia?

- Não existem casos de *cyberbullying* à minha volta
- Apenas aconteceu uma ou duas vezes
- Acontece uma vez por semana
- Acontece várias vezes por semana

14. Quando foi a última vez que isso aconteceu?

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Nunca | <input type="checkbox"/> Neste período lectivo |
| <input type="checkbox"/> Na última semana | <input type="checkbox"/> No último ano lectivo |
| <input type="checkbox"/> No último mês | <input type="checkbox"/> Há mais de um ano |

Agora queremos saber se já praticaste e/ou se já foste vítima de *cyberbullying* através do telemóvel. Exemplos de *cyberbullying* através do telemóvel são: enviar ou receber chamadas desagradáveis, repugnantes ou ameaçantes; tirar e enviar fotos e/ou vídeos através do telemóvel (fotos/imagens/vídeo repugnantes enviados a ti, ou fotos/imagens/vídeos repugnantes enviados a outros sobre ti); receber ou enviar mensagens de texto (SMS) abusivas através do telemóvel, etc.

15. Quantas vezes foste vítima de *cyberbullying* através do teu telemóvel?

- Nenhuma, isso nunca aconteceu
- Apenas uma ou duas vezes
- Uma vez por semana
- Várias vezes por semana

16. Quantas vezes cometeste actos de *cyberbullying* contra outras pessoas, usando o teu telemóvel?

- Nenhuma, isso nunca aconteceu
- Apenas uma ou duas vezes
- Uma vez por semana
- Várias vezes por semana

17. Achas que o *cyberbullying* através do telemóvel, comparado com o *bullying* tradicional...

- Tem menos efeito sobre a vítima
- Tem o mesmo efeito na vítima
- Tem mais efeito sobre a vítima
- Não sei

18. Como te sentes quando sofres de *cyberbullying* através do telemóvel? (podes assinalar mais que uma opção)

- Nunca me aconteceu isso
- Sinto-me sozinho, isolado
- Sinto-me mal
- Sinto-me irritado
- Sinto-me triste
- Isso não me afecta, não sinto nada
- Sinto-me indefeso, ninguém me pode ajudar
- Preocupa-me o que os outros possam pensar ou dizer sobre mim

19. Como achas que se sente a pessoa a quem tu praticas actos de *cyberbullying* através do telemóvel? (podes assinalar mais que uma opção)

- Não pratico actos de *cyberbullying*
- Sente-se mal
- Sente-se triste
- Sente-se indefesa
- Sente-se sozinha, isolada
- Sente-se irritada
- Isso não a afecta, não sente nada
- Preocupa-se com o que os outros possam pensar dela

20. Em que turma está a pessoa(s) que comete actos de *cyberbullying* contra ti, usando o telemóvel? (podes assinalar mais que uma opção)

- Em nenhuma, nunca fui vítima de *cyberbullying*
- Na minha turma
- Noutra turma, mas no mesmo ano que eu
- Noutro ano diferente do meu
- Conheço-a, mas não é da minha escola
- Não sei quem pratica *cyberbullying* contra mim através do telemóvel

21. Quem é que pratica *cyberbullying* contra ti, através do telemóvel?

- Ninguém, não sou vítima de *cyberbullying* através do telemóvel
- Principalmente uma rapariga Principalmente um rapaz
- Um grupo de raparigas Um grupo de rapazes
- Um grupo de rapazes e de raparigas
- Não sei quem pratica *cyberbullying* contra mim

22. Quanto tempo duraram (ou duram) as práticas de *cyberbullying* contra ti, através do telemóvel?

- Nunca fui vítima de *cyberbullying* através do telemóvel
- Duraram mais de um ano
- Duraram mais de seis meses
- Duraram duas ou três semanas
- Duraram uma semana ou menos

23. O que fizeste quando cometeram actos de *cyberbullying* contra ti através do telemóvel?

(podes assinalar mais que uma opção)

- Nada, nunca me aconteceu isso Conteí aos meus amigos
- Chorei Conteí aos meus pais
- Desliguei o telemóvel Conteí a um professor
- Ignorei o que se passava
- Disse à pessoa que parasse, também através do telemóvel (por chamada, SMS, etc.)
- Tentei fazer o mesmo que essa pessoa me fez a mim

24. Quais são os meios que utilizam para cometer actos de *cyberbullying* contra ti, através do telemóvel? (podes assinalar mais que uma opção)

- Não sou vítima de *cyberbullying* através do telemóvel
- Através de SMS (mensagens escritas)
- Através de MMS (mensagens multimédia, vídeos, fotos)
- Através de chamadas
- De outra forma (descreve como): _____

25. E quais são os meios que tu utilizas para cometer actos de *cyberbullying* contra os outros, através do telemóvel? (podes assinalar mais que uma opção)

- Não cometo actos de *cyberbullying* através do telemóvel
- Através de SMS (mensagens escritas)
- Através de MMS (mensagens multimédia, vídeos, fotos)
- Através de chamadas
- De outra forma (descreve como): _____

Agora queremos saber se já praticaste e/ou se já foste vítima de *cyberbullying* através da Internet. Exemplos de *cyberbullying* através da Internet são: enviar *e-mails* provocatórios ou incomodativos; usar salas de *chat* ou redes sociais (*Facebook*, *Hi5*, *Myspace*) para provocar, insultar, excluir ou ameaçar alguém; enviar mensagens instantâneas desagradáveis ou ameaçantes (em programas de conversação como o *MSN Messenger*, o *Skype*, o *Google Talk*, etc.); criar páginas *web* ou *blogs* nos quais se revelem segredos ou detalhes pessoais ofensivos, etc.

26. Quantas vezes foste vítima de *cyberbullying* através da Internet?

- Nenhuma, isso nunca aconteceu
- Apenas uma ou duas vezes
- Uma vez por semana
- Várias vezes por semana

27. Quantas vezes cometeste actos de *cyberbullying* contra outras pessoas, usando a Internet?

- Nenhuma, isso nunca aconteceu
- Apenas uma ou duas vezes
- Uma vez por semana
- Várias vezes por semana

28. Achas que o *cyberbullying* através da Internet, comparado com o *bullying* tradicional...

- Tem menos efeito sobre a vítima
- Tem o mesmo efeito na vítima
- Tem mais efeito sobre a vítima
- Não sei

29. Como te sentes quando sofres de *cyberbullying* através da Internet? (podes assinalar mais do que uma opção)

- Nunca me aconteceu isso
- Sinto-me mal
- Sinto-me indefeso, ninguém me pode ajudar
- Isso não me afecta, não sinto nada
- Preocupa-me o que os outros possam pensar ou dizer sobre mim
- Sinto-me triste
- Sinto-me irritado
- Sinto-me sozinho, isolado

30. Como achas que se sente a pessoa a quem tu praticas actos de *cyberbullying* através da Internet? (podes assinalar mais do que uma opção)

- Não pratico actos de *cyberbullying*
- Sente-se mal
- Sente-se indefesa
- Isso não a afecta, não sente nada
- Preocupa-se com o que os outros possam pensar dela
- Sente-se triste
- Sente-se irritada
- Sente-se sozinha, isolada

31. Em que turma está a pessoa(s) que comete actos de *cyberbullying* contra ti, usando o a Internet? (podes assinalar mais que uma opção)

- Nunca fui vítima de *cyberbullying* através da Internet
- Noutra turma, mas no mesmo ano que eu
- Conheço-a, mas não é da minha escola
- Não sei quem pratica *cyberbullying* contra mim através da Internet
- Na minha turma
- Noutro ano diferente do meu

32. Quem é que pratica *cyberbullying* contra ti, através da Internet?

- Ninguém, não sou vítima de *cyberbullying* através da Internet
- Principalmente uma rapariga
- Um grupo de raparigas
- Um grupo de rapazes e de raparigas
- Principalmente um rapaz
- Um grupo de rapazes
- Não sei

33. Quanto tempo duraram (ou duram) as práticas de *cyberbullying* contra ti, através da Internet?

- Nunca fui vítima de *cyberbullying* através da Internet
- Duraram mais de um ano
- Duraram mais de seis meses
- Duraram duas ou três semanas
- Duraram uma semana ou menos

34. O que fizeste quando cometeram actos de *cyberbullying* contra ti através da Internet? (podes assinalar mais que uma opção)

- Nada, nunca me aconteceu isso
- Chorei
- Ignorei o que se passava
- Disse à pessoa que parasse, também através da Internet (*e-mail, chat, Messenger, etc.*)
- Conteí aos meus amigos
- Conteí aos meus pais
- Conteí a um professor
- Tentei fazer o mesmo que essa pessoa me fez a mim
- Fechei o programa/janela e continuei a fazer outras coisas no computador

35. Quais são os meios que utilizam para cometer actos de *cyberbullying* contra ti, através da Internet? (podes assinalar mais que uma opção)

- Não sou vítima de *cyberbullying* através da Internet
- Através de *e-mail*
- Através de salas de *chat*
- Através de programas de conversação (*MSN Messenger, Skype, Google Talk, etc.*)
- Através *sites* (Páginas *web, blogs*)
- Através de redes sociais (*Facebook, Hi5, Myspace*)
- De outra forma (descreve como): _____

36. Quais são os meios que utilizas para cometer actos de *cyberbullying* contra os outros, através da Internet? (podes assinalar mais que uma opção)

- Não cometo actos de *cyberbullying* através da Internet
- Através de *e-mail*
- Através de salas de *chat*
- Através de programas de conversação (*MSN Messenger, Skype, Google Talk, etc.*)
- Através *sites* (Páginas *web, blogs*)
- Através de redes sociais (*Facebook, Hi5, Myspace*)
- De outra forma (descreve como): _____

37. Achas que existe outra forma de praticar *cyberbullying* usando a Internet, o telemóvel ou outros dispositivos electrónicos, que não foi mencionada neste questionário?

- Não
- Sim (por favor descreve-a): _____

BSI

L.R. Derogatis, 1993; Versão: M.C. Canavarro, 1995

A seguir encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinala, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA TE INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma marca apenas um espaço com uma cruz. Não deixes nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foste incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Desmaios ou tonturas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Ter a ideia que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Dificuldade em se lembrar de coisas passadas ou recentes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Dores sobre o coração ou no peito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Medo na rua ou praças públicas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Pensamentos de acabar com a vida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Perder o apetite	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Ter um medo súbito sem razão para isso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Ter impulsos que não se podem controlar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Sentir-se sozinho mesmo quando está com mais pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Sentir-se sozinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Sentir-se triste	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não ter interesse por nada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sentir-se atemorizado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de si	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Sentir-se inferior aos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Vontade de vomitar ou mal-estar do estômago	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Dificuldade em adormecer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Dificuldade em tomar decisões	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Sensação de que lhe falta o ar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Calafrios ou afrontamentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou actividades por lhe causarem medo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Sensação de vazio na cabeça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Ter a ideia que deveria ser castigado pelos seus pecados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Ter dificuldade em se concentrar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Falta de forças em partes do corpo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Sentir-se em estado de tensão ou aflição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
41. Ter vontade de destruir ou partir coisas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Grande dificuldade em sentir-se "próximo" de outra pessoa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Ter ataques de terror ou pânico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
46. Entrar facilmente em discussão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
47. Sentir-se nervoso quando tem que ficar sozinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48. Sentir que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
49. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
50. Sentir que não tem valor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
51. A impressão de que, se deixasse, as outras pessoas se aproveitariam de si	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
52. Ter sentimentos de culpa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
53. Ter a impressão de que alguma coisa não regula bem na sua cabeça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 2: Autorização da Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC) relativamente à aplicação do Questionário de *Cyberbullying* em meio escolar

Monotorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0178100001

De **mime-noreply@gepe.min-edu.pt**

Para anmanuelbento@hotmail.com

Data 10 de janeiro de 2011 17:34

Assunto Monotorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0178100001

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0178100001, com a designação *Questionário de cyberbullying*, registado em 04-01-2011, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo(a). Senhor(a) Dr(a) Ana Manuel Bento

Venho por este meio informar que o pedido de realização de questionário em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal devendo, no entanto, ter em atenção as observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

Isabel Oliveira

Directora de Serviços de Inovação Educativa

DGIDC

Observações:

O questionário encontra-se bem elaborado e de acordo com os objectivos da investigação. Dado a idade do público alvo (alunos dos 7º ao 9º ano) e a sensibilidade dos temas, deverá ser obtida autorização dos respectivos encarregados de educação.

Pode consultar na Internet toda a informação referente a este pedido no endereço <http://mime.gepe.min-edu.pt>. Para tal terá de se autenticar fornecendo os dados de acesso da entidade.

Anexo 3: Carta enviada a uma das escolas com o intuito de solicitar autorização para a realização do presente estudo nesse estabelecimento

Exmo. Senhor Director
Escola E.B. 2-3 Dr. Guilherme Correia de Carvalho

Aveiro, 22 de Janeiro de 2011

Exmo. Senhor Director

Venho por este meio solicitar a V. Ex.^a se digne a conceder-me autorização para aplicar um questionário na escola que V. Ex.^a preside, na qualidade de mestranda do curso de Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade da Beira Interior, no âmbito de um projecto de investigação (Dissertação de Mestrado), acerca do *cyberbullying* no contexto português. A referida investigação tem como principal objectivo caracterizar e descrever a natureza e incidência do *cyberbullying* em alunos do 3º ciclo do ensino básico de escolas portuguesas. Torna-se urgente proceder a esta investigação, já que apenas um número limitado de estudos tentam dar resposta a este problema específico – *cyberbullying* -, tornando difícil adoptar uma perspectiva realista da situação portuguesa.

Assim, apelo à melhor compreensão de V. Ex.^a para que me seja possível aplicar o referido questionário em turmas do 3º ciclo do ensino básico (7º, 8º e 9º anos), perfazendo um total de aproximadamente 250 alunos (dependendo o número de turmas necessárias do número total de alunos de cada turma). O instrumento a ser utilizado tem um tempo de aplicação total de aproximadamente 20 minutos, e consta de um breve questionário sociodemográfico, de um questionário relativo aos hábitos de utilização das TIC por parte dos estudantes, seguido de uma parte relativa ao *bullying* tradicional e ao *cyberbullying* e, por fim, de um questionário de avaliação da presença de sintomatologia psicopatológica. Este instrumento poderia ser aplicado em contexto de sala de aula, explicitando aos alunos participantes todos os dados relevantes relativos à investigação, depois de estes serem devidamente autorizados a participar no estudo – através da assinatura de um termo de consentimento informado por parte dos encarregados de educação dos estudantes.

Envio em anexo os objectivos da investigação e o questionário a ser utilizado no estudo, bem como a devida autorização da Direcção Regional de Inovação e Desenvolvimento Curricular para a aplicação do questionário em meio escolar, colocando-me à disposição de V. Ex.^a para mais esclarecimentos que se julgarem necessários.

Subscribo-me, com elevada consideração

Ana Manuel Mendes de Sousa Bento

Anexo 4: Termo de consentimento informado entregue aos alunos dirigido aos encarregados de educação

Na qualidade de aluna de mestrado do curso de Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade da Beira Interior, estou a realizar um projecto de investigação acerca do *cyberbullying* no contexto das escolas portuguesas. Para proceder à investigação mencionada será necessária a aplicação de um questionário a alunos do 3º ciclo do ensino básico (Tal questionário está também disponível *online* em <http://bit.ly/questcyberbullying>).

Venho, assim, por este meio, solicitar a participação do seu educando nesta investigação, considerando que esta será fundamental. Todos os dados recolhidos serão confidenciais e anónimos (não havendo, sequer, a identificação do seu educando).

Eu, _____, Encarregado de Educação do aluno _____, n.º ____ da turma ____ do ____ ano, autorizo o meu educando a participar na investigação acerca do *cyberbullying*, respondendo ao questionário referido.

O Encarregado de Educação

Anexo 5: Carta dirigida aos directores de turma dos alunos

Ex. Senhor Director de Turma

Na qualidade de aluna do mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde da Universidade da Beira Interior, e no âmbito de um projecto de investigação (Dissertação de Mestrado), acerca do *cyberbullying* no contexto português, venho por este meio solicitar a V. Ex.^a colaboração para aplicar um questionário na turma da qual V. Ex.^a é Director(a). A referida investigação tem como principal objectivo caracterizar e descrever a natureza e incidência do *cyberbullying* em alunos do 3º ciclo do ensino básico de escolas portuguesas.

Assim, venho por este meio solicitar a sua colaboração na sensibilização dos alunos para a participação no estudo – através da distribuição de um termo de consentimento informado aos pais, que visa a autorização dos seus educandos na investigação -, bem como a distribuição e recolha do respectivo questionário (que tem um tempo de aplicação total de aproximadamente 20 minutos), no horário que considere apropriado para o efeito. Já que o preenchimento do questionário por parte dos alunos exige alguma concentração, a sua aplicação deverá ser feita num ambiente sem grandes estímulos distratores, em silêncio e de forma individual.

A aplicação do referido questionário em contexto de sala de aula foi já autorizada tanto pelo Director da Escola EB, 2,3, Dr. Guilherme Correia de Carvalho, como pela Direcção Regional de Inovação e Desenvolvimento Curricular, o que pode ser por V. Ex.^a confirmado junto do órgão directivo.

Mais uma vez apelo à colaboração de V. Ex.^a, subscrevendo-me desde já com elevada consideração.

Ana Manuel Mendes de Sousa Bento